



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
E CULTURA – PCL

ADOLESCENTES OFENSORES SEXUAIS: RELAÇÕES
PRIMÁRIAS E AFETO NO RORSCHACH E TAT (ESCOLA DE
PARIS)

OLÍVIO ISRAEL COSTA

Brasília – DF
2021



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IP
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA
E CULTURA – PCL

ADOLESCENTES OFENSORES SEXUAIS: RELAÇÕES
PRIMÁRIAS E AFETO NO RORSCHACH E TAT (ESCOLA DE
PARIS)

OLÍVIO ISRAEL COSTA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPGpsiCC) do Instituto de Psicologia (IP) da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Deise Matos do Amparo.

Brasília – DF
2021

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Deise Matos do Amparo.

Aprovada por:

Prof^a. Dr^a. Deise Matos do Amparo
(Universidade de Brasília - UnB)
Presidente

Prof Dr^a. Valéria Barbieri (USP)
Membro Externo

Prof Dr. Álvaro José Lelé
[\(Pesquisador Voluntário UFMG\)](#)
Membro Externo

Prof. Dr^a Kátia Tarouquella Rodrigues Brasil
Membro Suplente

“Olha que se encontrássemos o
diabo e ele deixasse que o
abríssemos talvez
tivéssemos a surpresa de ver saltar
Deus lá de dentro ...” imagine-se o
escândalo se
Pastor se lembra de abrir Deus para
ver se o diabo lá estava dentro.

José Saramago

O evangelho segundo Jesus Cristo
(1992)

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora Dr^a Deise Matos do Amparo, que confiou em mim todos esses anos. Pelo apoio e companheirismo diante das dificuldades neste percurso.

Aos adolescentes participantes desta pesquisa que assim como eu se envolveram profundamente com este trabalho.

Aos profissionais das unidades de internação que me proporcionaram todo apoio e segurança para o bom termo deste trabalho.

Aos Juizes Dr^a Lavinia da comarca de Brasilia-DF e Dr^o Carlos Limonge da comarca de Anápolis-GO, que concederam as autorizações necessárias para realização desta pesquisa.

Ao Professor Dr. Álvaro Jose Lelé, sempre atendendo minhas demandas com coração aberto e transmissão genuína do seu conhecimento.

A Professora Dr^a Valéria Barbieri e Roberto Oliveira por lerem e avaliarem meu trabalho.

Ao Dr^o Nelson Abreu Jr. Por toda ajuda ao longo desses anos, sempre disposto a me ajudar e enriquecer minha vida psíquica.

Ao Professor Christian por fornecer suporte necessário para apresentação.

Dr^a Luiza Ninon que com paciência e companheirismo tolerou bravamente minhas angústias.

Para Larissa Geovana que entre lutas e lutos sempre me apoiou e me ajudou incondicionalmente a realizar esta tarefa.

Para Tia Marise Israel e Prima Caroline Israel, por me acolherem em suas casas ao longo destes anos de estudos na UnB.

Aos meus colegas Fernando, Sebastião, Carol e Bruno, pelas discussões e enriquecimentos ao longo destes anos de estudos juntos.

Ao meu amigo Matheus por acreditar em mim e me fornecer ajuda sincera.

Aos meus pais pela torcida e amor.

RESUMO

Este estudo investiga a relação de vínculo com objetos primários na vida psíquica de adolescentes ofensores sexuais. A partir da perspectiva psicanalítica preocupou-se em identificar elementos conflitantes na assimilação destas relações primárias de objeto por parte dos adolescentes, desta maneira recorreu-se a autores como Winnicott, Bowlby, Balier e Ciavaldini. Teve como propósito identificar aspectos vinculares, em um estudo de casos múltiplos de cinco adolescentes com histórico de ofensas sexuais. Como instrumentos foram utilizados para investigação: a entrevista clínica semi-estruturada, o Método de Rorschach e o Teste de Apercepção Temática (TAT) foram interpretados à luz da Escola de Paris. Assim foram identificados aspectos que indicam os traços das relações primárias e seus desdobramentos sobre a vida afetiva daqueles adolescentes. Os principais resultados encontrados no teste de Rorschach se referem a um baixo número de respostas de conteúdos humanos, assim como de determinantes de movimento humano. No TAT foi encontrado importante aumento de procedimentos do discurso da série C. Desta maneira foi possível destacar que a assimilação destas relações na vida psíquica destes adolescentes evidenciaram prejuízos com inacabamento do afeto. O estudo contribuiu para o entendimento da personalidade do ofensor sexual adolescente, aportando elementos compreensíveis para a clínica desta população.

Palavras-chave: Adolescentes, ofensores sexuais, Rorschach, TAT, relações primárias.

ABSTRACT

This study investigates the relationship with primary objects in the psychic life of adolescent sexual offenders. From the psychoanalytic perspective, was concerned with identifying conflicting elements in the assimilation of these primary object relations by the adolescents, thus using authors such as Winnicott, Bowlby, Balier and Ciavaldini. Its purpose was to identify related aspects, in a multiple case study of five adolescents with a history of sexual offenses. As instruments were used for investigation: the semi-structured clinical interview, the Rorschach Method and the Thematic Apperception Test (TAT) in the perspective of the Paris School. That way, aspects indicating primary relationships traces and their consequences on the affective lives of those adolescents were identified. The main results found in the Rorschach test refer to a low number of human content responses, as well as to human movement determinants. In the TAT it was found an important increase in speech procedures in the C series. It was possible to highlight that the assimilation of these relationships in the psychic life of these adolescents had damage with unfinished affection. The study contributed to the understanding of the adolescent sexual offender personality, providing comprehensive elements for the clinic of this population.

Key words: Adolescents; Sexual offenders; Rorschach; TAT; Primary relationships.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dois tipos de mãe	44
Tabela 2 – Aspectos dos métodos projetivos relacionados à adolescentes ofensores sexuais	68
Tabela 3 – Apresentação do perfil dos participantes da pesquisa	72
Tabela 4 – Variações da ordem e obrigatoriedade da apresentação dos cartões do TAT	76
Tabela 5 – Indicadores relacionados aos eixos narcísicos e objetal nos protocolos de Rorschach	80
Tabela 6 – Dados gerais dos protocolos de Rorschach	88
Tabela 7 – Procedimentos observados no TAT	96
Tabela 8 – Especificação de procedimentos mais utilizados da série C	98
Tabela 9 – Especificação dos procedimentos da série E	100
Tabela 10 – Síntese das qualidades das relações primárias dos participantes	102
Tabela 11 – Psicograma do Rorschach de Andre	109
Tabela 12 – Psicograma do Rorschach de Esdras	122

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I - AS TRANSFORMAÇÕES DA ADOLESCÊNCIA, O AGIR E AS CONTRIBUIÇÕES DAS TÉCNICAS PROJETIVAS	20
1.1 Adolescência e suas particularidades	20
1.1.1 Marco normativo e terminologia acerca da adolescência e atos infracionais	23
1.2 Revisão da Literatura sobre adolescente autor de ofensa sexual	28
1.2.1 Perfil psicológico do adolescente ofensor sexual na literatura	33
CAPÍTULO II – RELAÇÕES PRIMÁRIAS DE OBJETOS E MÉTODOS PROJETIVOS	38
2.1 Organização das relações primárias de objeto	39
2.1.1 <i> Holding, handling</i> e a mãe suficientemente boa	42
2.1.2 Cuidados primários	46
2.1.3 Apego e relações inter-humanas.....	48
2.2 O adolescente ofensor sexual: apego e conflito	52
2.2.1 O ofensor sexual e o domínio do objeto	55
2.2.2 O inacabamento do afeto nos ofensores sexuais	58
2.3 Contribuições dos métodos projetivos	65
CAPÍTULO III – MÉTODO	70
3.1 Participantes	72
3.2 Instrumentos	73
3.2.1 Procedimentos para coleta dos dados	79
3.2.2 Procedimentos para análise dos dados	80

CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO	85
4.1 A relação transferencial nas entrevistas	85
4.1.2 Sobre os instrumentos projetivos	89
4.1.3 Os resultados gerais do Rorschach	89
4.2 TAT- Resultados Gerais ..	95
4.2.1 Síntese da Qualidade das relações Primárias dos participantes	103
4.3 Estudos de casos	104
4.3. 1 Caso André	105
4.3.1.1 Impressão geral transmitida	110
4.3.1.2 Resultado do TAT	116
4.3.1.3 Comentários Caso André: Relação de objeto primária e Afeto	117
4.3.2 Caso Esdras	121
4.3.3 TAT	127
4.3.3.1 Comentários: Relações primárias de objeto e afetos	128
CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
REFERÊNCIAS	133
ANEXOS	146
Anexo I – Termo de assentimento	146
Anexo II – Procedimentos técnicos para coleta de dados	147
Anexo III – Parecer consubstanciado do CEP	152

INTRODUÇÃO

Debater a respeito de violência sexual, em qualquer contexto, trata-se de um assunto muito difícil. Podemos notar que esta dificuldade decorre da profunda comoção afetiva que este tema suscita, os sentimentos são confusos, às vezes, repulsa, raiva, medo, curiosidade, indignação, entre outros. Mas costumeiramente são expressos questionamentos do tipo: *o que passa na cabeça de uma pessoa para fazer algo tão terrível?*

O fato é que falar sobre violência sexual gera incômodo, tamanho é seu impacto subjetivo nas pessoas. Quando tocamos nesse assunto independente da fundamentação que embasa o pensamento de locutor e interlocutor (incluo neste momento até mesmo o senso comum e crenças religiosas), as opiniões aparentemente são expressas isentas de imparcialidade, imbuídas de comoções pessoais, culminando em argumentos superficiais e discussões político ideológicas.

A divulgação dos atos de ofensa sexual impulsionada pelos veículos midiáticos culmina no clamor social imediato, acompanhado da sentença proferida: *tem que matar um monstro desses!* Os atos de violência sexual são fortemente combatidos, inclusive dentro dos próprios presídios ou instituições socioeducativas, por isso, nestes locais os ofensores sexuais ficam separados dos demais para garantir sua segurança.

Por outro lado, quando o acusado é uma pessoa importante, seja no contexto familiar, relevância social (artistas, religiosos), alto poder econômico, a dúvida paira sobre a vítima: *Será que ele fez isso mesmo?* Estes aspectos podem demonstrar que ainda há uma naturalização por parte da população em relação aos crimes sexuais (Souza & Adesse, 2005).

Neste sentido, os atos violentos (em especial de natureza sexual), de uma

maneira geral, fazem aflorar na sociedade uma necessidade de justiça social, e assim liberta o juiz que habita dentro de cada um de nós. Juiz este que condena à morte, aos castigos físicos mais cruéis e por trás dessa punição, encontra-se o intuito simbólico de tirar do autor da violência qualquer característica humana (Martins, 2015).

A intensidade desse clamor social por justiça popular pode ser evidenciado pelo número de linchamentos praticados no Brasil, visto que o país se encontra entre os que mais praticam esse ato no mundo. As pesquisas indicam que a maior parte de linchamentos são motivados por crimes que variam entre assassinato e estupro (Martins, 2015). Desta maneira, pode-se notar o ímpeto por justiça popular, principalmente nos casos em que envolvem atos de violência sexual, mas esta forma de justiça implica em uma ausência de um julgamento imparcial.

O que se pretende com essa explanação é apenas salientar que ainda hoje o tema da ofensa sexual é controverso, por um lado há presença de forte repressão e tabu ante a sexualidade e por outro a naturalização das ofensas sexuais. Isso poderia contribuir para o pouco saber sobre os autores de ofensa sexual de um modo geral e principalmente os ofensores adolescentes (Keogh, 2018). Não existe distinção física, estética e econômica que diferencia os ofensores sexuais das demais pessoas. Assim, eles podem ser parentes ou conhecidos¹, além de costumeiramente os crimes (atos infracionais) ocorrerem em locais desertos ou em ambientes domésticos sem a presença de testemunhas, e de diversos fatos que dificultam a prova de autorias (Souza & Adesse, 2005).

Não obstante, o que se espera das discussões elencadas por esta pesquisa é a contribuição para uma compreensão imparcial do ponto de vista moral e que favoreçam a cidadania e justiça, pois o encarceramento desacompanhado das intervenções de dispositivos terapêuticos já provou ser inútil por séculos (Souza & Adesse, 2005).

¹ De acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública cerca de 75,9% dos autores tem algum tipo de vínculo com as vítimas.

As consequências das ofensas sexuais acarretam diversas implicações sobre a sociedade, tornando este problema uma questão jurídica e de saúde pública (Chagnon, 2012). Para se ter uma ideia do tamanho do problema ligado às ofensas sexuais, de acordo com o Anuário Brasileiro de Segurança Pública (2019) foram registradas 66.041 denúncias de violência sexual no ano de 2018, o maior índice já registrado no país até então. No Brasil ocorrem cerca de 180 estupros por dia e quatro meninas de até 13 anos são estupradas por hora, o Anuário ainda salienta que os crimes sexuais são os que apresentam menor taxa de notificação, o que torna o problema bem maior.

No que concerne às ofensas sexuais praticadas por adolescentes, existem algumas dificuldades inerentes ao estabelecimento dos dados em relação a esta faixa etária. Segundo Keogh (2018), um dos motivos atribuídos se deve ao fato que anteriormente os atos de ofensas sexuais praticados por adolescentes eram minimizados devido a serem vistos como atos que expressam apenas uma curiosidade sexual associada a uma percepção do adolescente ser portador de uma sexualidade emergente que contribuiria para perpetuações desse tipo de conduta.

Outro dado importante que corrobora com esta assertiva, é o apontado pelo Anuário Brasileiro de Segurança Pública indicando que, apenas cerca de 23,8% dos casos de ofensas sexuais informam a idade do autor, indicando que é baixa a capacidade para estabelecer uma média de idade do autor.

Estes dados somados a subnotificações parecem guardar relações com os baixos índices encontrados de notificações de casos de ofensas sexuais praticadas por adolescentes, pois segundo informações oriundas do Sistema Nacional de atendimento Socioeducativo 1% dos crimes praticados por adolescentes tratam de abuso sexual. Já no Anuário de Atendimento Socioeducativo Inicial do Distrito Federal, houve dezessete entradas de adolescentes acusados de abuso sexual no ano de 2017. No entanto, Souza e

Adesse (2005) acentuam que “a violência e as atitudes que apoiam tal violência começam na adolescência, o que confirma a necessidade de que se engaje os homens jovens nestes temas” (p.35).

Nesta direção, Costa (2011) aponta que 1/3 dos crimes sexuais são praticados por adolescentes em todo mundo. Sanderson (2005) reafirma este dado evidenciando uma estimativa global de 30% dos casos, que são praticados por menores de dezoito anos. Em pesquisa nacional, realizada por Acosta e Baker (2003), com 749 homens que praticaram ofensas sexuais, quando estavam na faixa etária entre 15 e 60 anos, evidenciou-se que a maioria dos casos de violência sexual é praticada por homens entre 15 e 24 anos.

Em um panorama internacional (Långström et al., 2000), encontraram em suas pesquisas dados que reforçam que a maioria dos ofensores sexuais adultos começam a ofender sexualmente ou demonstrar desvios de interesse sexual durante a adolescência. Ertl e McNamara (1997) revelaram que adolescentes são responsáveis por aproximadamente 20% de todas as ofensas sexuais nos EUA. Acrescentam que estes números podem ser ainda maiores, pois quase 50% dos adultos ofensores sexuais, revelaram cometer a primeira ofensa durante a adolescência. Os autores indicam ainda que cerca de 60% das ofensas cometidas contra crianças de doze anos são praticadas por adolescentes.

Comparando estas estatísticas com pesquisas mais recentes, Margari et al (2015) evidenciam que nos EUA cerca de 30 a 50% de abuso sexual infantil, 56% das crianças são molestadas e 20 a 30% dos estupros são praticados por jovens com menos de 18 anos. Pullman et al (2014) relatam que na América do Norte (Canadá e Estados Unidos) entre 14 e 18% das ofensas sexuais são praticadas por adolescentes. Contudo, os autores asseveram que estes dados podem ser maiores, pois em alguns países da América do

Norte o adolescente ofensor sexual pode ser julgado como um adulto e assim não entrar nas estatísticas dos crimes praticados por jovens.

Margari et al (2015) evidenciam que na Europa os países com maior incidência de ofensa sexual praticada por jovens com menos de 18 anos são: a Lituânia com 24%, França com 21,6%, Noruega com 18,8% e Itália com 5%. Benedicto et al (2017) enfatizam que em todo mundo entre 30 e 50% dos abusos sexuais a crianças são praticados por autores adolescentes.

Roman (2011) informa que na maioria dos casos os adolescentes que cometem as ofensas sexuais são responsáveis em metade das ofensas ocorridas contra crianças e um terço das ofensas ocorridas contra mulheres adultas. Na maior parte destes casos, as ofensas ocorrem em ambientes familiares e/ou círculos de amigos, 85% são praticados por meninos e 15% por meninas.

No Brasil é difícil encontrar estatísticas específicas, a propósito dos adolescentes ofensores sexuais, para se ter uma ideia desta dificuldade, dados oriundos do Atlas da Violência (2018) evidenciam que no ano de 2016 foram 49.497 casos de estupros notificados pelo 11º Anuário Brasileiro de Segurança Pública, contra 22.918 casos notificados no Sistema Único de Saúde. Esta discrepância pode denotar que boa parte dos casos de estupros ainda são subnotificados no Brasil e não conseguem dimensionar o tamanho do problema.

De acordo com o relatório do Instituto Sou da Paz (2018), no estado de São Paulo, os crimes de estupros aumentaram 29% nos últimos três anos e somam os segundos tipos de crimes violentos mais praticados no Estado de São Paulo, perdendo apenas para o de Homicídio. Outro dado que chama a atenção, é o aumento do número de vítimas vulneráveis (menores de 14 anos, ou pessoas cujo estado de saúde as impedem de discernir ou resistir ao ato sexual), pois no total 74% das vítimas de estupro

são vulneráveis.

No Distrito Federal, Penso et al (2013) realizaram um levantamento processual no ano de 2011 sobre adolescentes autores de violência sexual. De acordo com os resultados, o maior número das ofensas sexuais praticadas contra criança ou adolescentes, foram de autores entre 12 e 17 anos. Dados oriundos de pesquisa sobre o perfil dos adolescentes em medida socioeducativa do Distrito Federal (2013) evidenciam que a maior parte dos adolescentes ofensores sexuais estava cumprindo medida de liberdade assistida, um total de 15 adolescentes. O Anuário do Atendimento Socioeducativo Inicial do Núcleo de Atendimento Integrado do Distrito Federal evidencia que no ano de 2017 houve 20 entradas de adolescentes acusados de ofensas sexuais.

Em uma pesquisa realizada no Sul do país, Pincolini e Hutz (2014), analisaram 229 processos criminais referentes a abuso sexual, entre os anos de 2003 e 2007 e constataram que 25% dos casos foram praticados por adolescentes. Diante desse panorama, o impacto das ofensas sexuais nas vítimas é algo a ser bastante considerado, pois as sequelas em ambos os sexos incluem doenças psicossomáticas, depressão, transtornos de ansiedade, transtorno da personalidade Borderline, entre outros (Keogh, 2018). Esses dados evidenciam ainda que o problema das ofensas sexuais precisa envolver a pesquisa em diversos campos do conhecimento humano, ou seja, estudos como esses não podem ficar adormecidos.

A presente pesquisa se insere na área temática da psicopatologia psicodinâmica na perspectiva psicanalítica das interfaces entre os campos da Psicologia Clínica e da Avaliação Psicológica. Além disso, tem como escopo investigar aspectos psicodinâmicos relativos aos afetos e as relações primárias de adolescentes ofensores sexuais. No primeiro momento, abordar-se-á conceitualmente a questão das relações

primárias, tomando como referencial teórico as contribuições das teorias psicanalíticas. Já, em seguida, far-se-á uma relação com o afeto e a dinâmica psíquica dos ofensores sexuais, recorrendo-se a autores como Balier (2000), Ciavadinni (2005) e Chagnon (2018). Por último, evidenciará a contribuição dos testes projetivos como forma de indicar as possíveis falhas nas constituições dos afetos e relações primárias entre adolescentes ofensores sexuais.

Os instrumentos projetivos, tais como: o Rorschach e o TAT, usados em conjunto, são técnicas projetivas privilegiadas de investigação dos conflitos intrapsíquicos, a partir de uma leitura psicanalítica, pois o recurso aos instrumentos projetivos permitem - por se tratarem de estímulos ambíguos/desestruturados ou simplesmente por não haver respostas certas ou erradas - incentivar a projeção dos elementos inconscientes. Assim, possibilitam a exploração dos elementos tópicos, dinâmicos e econômicos (Chabert, 2004).

Nesta perspectiva, a compreensão psicodinâmica do adolescente denota importância significativa, pois as falhas nas relações objetais primárias, com prejuízos à integração psíquica neste período, podem eclodir em ações de heteroagressividade (ato sexual violento, roubo, homicídio) e de autoagressividade, tais como: escarificações e suicídios (Winnicott, 1939, 1956, 1964/2005; Marty 2006; Chagnon 2009).

A pesquisa a respeito das agressões sexuais cometidas por adolescentes, privilegiando aspectos psicodinâmicos, relacionais e desenvolvimentais, contribui para uma mudança deste paradigma, pois a compreensão, tendo em vista a heterogeneidade da determinação deste fenômeno, pode promover a criação de dispositivos de cuidado e prevenção (Dejonghe, et al., 2007; Keogh, 2018; Roman & Melchiorre, 2015).

Sendo assim, fornecer e privilegiar uma compreensão psicodinâmica levando em consideração os afetos e a análise de conflitos, ligados às relações primárias de objeto

podem contribuir com o atendimento psicoterapêutico e com a avaliação psicológica, além de fornecer dados que acrescentem a bibliografia sobre o tema.

Como interrogantes deste estudo, estabelecemos o seguinte recorte: os adolescentes ofensores sexuais possuem falhas graves relativas aos afetos nas suas relações primárias? Essas falhas podem refletir nas relações de objetos posteriores, incluindo-se as vítimas? Elas podem ser identificadas em sua especificidade nos testes projetivos Rorschach e TAT?

No primeiro capítulo, a discussão gira em torno de elementos conceituais importantes para a compreensão geral do adolescente ofensor sexual. Para isso, foram incluídos aspectos ligados ao uso da terminologia, questões inerentes ao desenvolvimento comum dos adolescentes, as implicações jurídicas envolvidas e uma breve exposição das pesquisas realizadas a cerca do adolescente ofensor sexual, por último os elementos ligados ao perfil psicológico do adolescente ofensor sexual.

O capítulo dois configura-se em um importante eixo teórico sobre as relações primárias de objeto. Foi dividido em três partes, na primeira que fala sobre as relações primárias de objeto e como elas funcionam como organizadoras psíquicas. Para esta fundamentação, usaremos autores psicanalíticos, tais como: (Bowlby, 1984; D. Winnicott, 1983, 2005; D. W. Winnicott, 1982). Em um segundo momento, serão tratados os aspectos que contribuíram para a emergência dos conflitos nas relações primárias e assim culminaram em atos de ofensa sexual. A obra de Balier (2000) e também de (Ciavaldini, 2005, 2014) são importantes referenciais para a exposição sobre a dinâmica dos afetos nos ofensores sexuais. Na última parte do capítulo, as contribuições dos métodos projetivos expõem a importância da sua utilização na pesquisa e no tratamento do ofensor sexual.

O capítulo três trata do método utilizado para realização desta pesquisa com

estudo descritivo exploratório multimetodológico de casos múltiplos de cinco adolescentes autores de ofensas sexuais. Para em seguida, no capítulo quatro, apresentar e discuir os resultados encontrados em uma articulação destes dados com a bibliografia utilizada.

CAPÍTULO I

ASPECTOS NORMATIVOS, CONCEITUAÇÃO E MARCOS DA LITERATURA SOBRE O ADOLESCENTE OFENSOR SEXUAL

*“O que é a muda para os pássaros,
a época em que troca de plumagem”
(Cartas a Theo)*

A título de clareza, identificou-se a necessidade de explorar as categorias conceituais envolvidas na temática. Para isso, preocupou-se em definir as especificidades do período da adolescência e seus aspectos, sistematizando, por exemplo, como são classificados pela literatura esses segmentos chamados de adolescentes ofensores sexuais. Apresentar-se-á o mapeamento da literatura com o intuito de conhecer as pesquisas realizadas no Brasil sobre a temática, isto é, mostrar como o conceito vem sendo abordado cronologicamente na literatura, além de apresentar os aspectos etiológicos encontrados.

1.1 ADOLESCÊNCIA E SUAS PARTICULARIDADES

Não é nenhuma novidade dizer que a adolescência se trata de um ciclo complexo, envolvendo várias peculiaridades. Isso faz com que seja um período completamente distinto das demais fases do desenvolvimento. Contudo, evidenciar as especificidades deste momento contribui não apenas para delimitar o escopo desta pesquisa, como também pode fornecer um contraste necessário entre adolescência e psicopatologia.

Freud (1908/1996) considera a adolescência um dos mais necessários momentos

para o indivíduo ao longo de seu percurso desenvolvimental, pois se refere à conquista de autonomia e liberdade, principalmente em relação à autoridade dos pais, este aspecto parece marcar fortemente este período. As mudanças físicas e psicológicas ocorridas durante o tempo da adolescência são estabelecidas entre 10 e 19 anos, de acordo com a OMS. No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabelece que esta etapa do desenvolvimento compreende-se entre os 12 e 18 anos.

A adolescência trata-se de um período de passagem, fronteiro, no sentido entre o normal e o patológico, sua característica fundamental é a transição para a vida adulta e saída da infância (a etimologia do termo adolescência vem do latim *adolescere* que significa crescer). Para isso ocorrer, uma modificação radical é necessária, pois se trata de mudanças globais nos indivíduos no âmbito físico e psicológico (Chagnon, 2012; Roman & Melchiorre, 2015).

Essa transição geralmente vem acompanhada de conflito relacionado entre deixar de ser criança e dependente para assumir um corpo adulto, assim o paradoxo que se evidencia é a busca pela independência e ao mesmo tempo insegurança e medo do desamparo, somado ao aspecto pubertário marcado pelas mudanças neuroendócrinas que contribuem para a amplificação dos conflitos (Lewkowicz & Brodacz, 2015).

As legítimas flutuações dos investimentos objetivos em meio a um “furacão” pulsional e conflitual que envolvem o adolescente, promovem um momento delicado do desenvolvimento (Bergeret, 1998). São profundos os conflitos inerentes ao período da adolescência, eles transpassam o indivíduo na esfera física e psíquica, situação que coloca as bases do desenvolvimento maturacional psíquico à prova (Jeammet & Corcos, 2005). Assim, envolvem conflitos ligados às mudanças corporais, processo de separação, individuação e reatualização edípica (Lewkowicz & Brodacz, 2015).

Segundo os autores Jeammet e Corcos (2005), os traumatismos ocorrem,

sobretudo, no eixo narcísico-identitário, pois durante o período da adolescência a relação conflituosa e reatualizada dos conflitos infantis, adquirem um caráter ambivalente do desenvolvimento psíquico, ou seja, apesar de haver necessidade do adolescente de se vincular aos objetos externos, ao mesmo tempo há uma busca pela autonomia/independência. Este aspecto culmina na reatualização do conflito separação/individuação vivido na infância. Assim, parecem colocar à prova o eixo narcísico-identitário, tornando esse um período sensível do desenvolvimento.

Desta forma, o investimento dos limites e as defesas narcísicas que também estão incluídas neste eixo, denotam um período marcado pela desidentificação com os familiares, principalmente ao indicar que os problemas são intensos e de natureza narcísica e edípica. A necessidade de separação dos genitores é fundamental, mas promove instabilidade. Em alguns momentos persiste a busca pelo isolamento, em outros, prevalece a necessidade de pertencimento aos grupos ou pares, com movimentos de identificação e recorrentes ataques aos vínculos familiares (Keogh, 2018).

Nesse contexto Marty (2012), evidencia na adolescência a utilização de defesas contra o desamparo e consequentes traumatismos psíquicos, na tentativa de controlar o transbordamento interno diante das pulsões agressivas. Diante disso, o recurso ao ato parece ser uma fuga diante do colapso psíquico iminente “Quando essa violência não pode ser elaborada ela tenderá a ser atuada” (p.23). Mais adiante, o autor completa que o agir na adolescência está presente em inúmeros quadros psicopatológicos: “tentativas de suicídio, escarificações, fugas e errância, heteroagressividade, condutas de risco e condutas de dependência”.

O tumulto psicossocial vivido pelo adolescente afeta a si mesmo e ao meio em que estiver inserido, portanto, suas ações infracionais devem ser acompanhadas de perto por dispositivos que permitam a elaboração psíquica, principalmente nos casos de

ofensas sexuais. De acordo com Keogh (2018), neste período a sexualidade é frequentemente utilizada para controlar o objeto e proteger-se contra o medo do abandono, assim o ódio assume uma forma erótica.

Desta maneira, os cuidadores primários podem funcionar como instâncias suportivas externas, pois a sobrevivência destas figuras ante os ataques aos vínculos objetivos inerentes à adolescência, possibilitaria condições da integração psíquica dos adolescentes e o estabelecimento da capacidade de envolvimento com a própria agressividade. Assim, é possível a manutenção dos vínculos objetivos e construção de novos vínculos (Ogden, 2017; Winnicott, 1975, 2005).

1.1.1 Marco normativo e terminologia acerca da adolescência e atos infracionais

Marco normativo

O marco normativo que garante os direitos da criança e do adolescente e versa sobre os contextos da prática do ato infracional foi estabelecido pela Lei nº 8.069/1990, denominado como Estatuto da Criança e Adolescente (ECA).

Atualmente o ECA tornou-se alvo de discussões a propósito dos atos infracionais cometidos por adolescentes. Levanta-se o problema de redução da maioria penal, por meio da Proposta de Emenda Constitucional (PEC), que foi aprovada em duas votações na Câmara dos Deputados e aguarda votação na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania do Senado, onde se discute a redução da maioria penal para 16 anos, para crimes hediondos: homicídio, latrocínio e o estupro. Essa mudança na lei coaduna com uma forma essencialmente punitiva, ausente de medidas que colaboram com tratamento e reintegração destes jovens.

Desta forma, o intuito de informar os aspectos legais inerentes ao fenômeno dos

atos de ofensas sexuais parece pertinente, pois se trata de um fenômeno sócio-judiciário (Chagnon, 2012). Em parte, esse entendimento pode vir do ordenamento jurídico, demonstrando que os atos possuem gravidades diferentes, em uma escala que parte do toque ao estupro, acompanhados ou não de ameaças, uso de violência física ou verbal e mais raramente com a realização de assassinato, com características específicas de acordo com o ambiente e agressor, distinguindo ofensores intrafamiliar de extrafamiliar (Chagnon, 2004, 2012).

A concepção jurídica de estupro é dada pela legislação penal, precisamente na norma do artigo 213 do Código Penal (Decreto-Lei nº 2.848/1940): “Art. 213. Constranger alguém, mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso”.

Por conjunção carnal, o Direito entende o coito vaginal, penetração vaginal, ao passo que ato libidinoso é a cópula ectópica (anal, bucal, bucovulvar, vestibular, perineal ou inter femora). Para a consumação do crime de estupro pela conjunção carnal não se exige a completa introdução do pênis na vagina, tampouco é necessária a ejaculação. Já a consumação mediante ato libidinoso, basta o toque físico eficiente para gerar a lascívia ou o constrangimento efetivo da vítima a se expor sexualmente ao agente (Romano, 2017).

A pena do crime de estupro é de reclusão de 06 (seis) a 10 (dez) anos, sendo que o Código Penal majora para o intervalo de 08 (oito) a 12 (doze) anos a pena para o estupro cometido contra menores de 18 (dezoito) e maiores de 14 (quatorze) anos (Nucci, 2014). Já, os menores de 14 (quatorze) anos vítimas de estupro são qualificados como vulneráveis, dada a ausência de capacidade civil. Esses crimes têm tipo penal próprio, normatizado pelo artigo 217-A do Código Penal (Nucci, 2014).

Uma importante modificação legislativa ocorreu com a promulgação da Lei n.

12.015/2009, ocasião em que o legislador brasileiro alterou o caráter dos crimes sexuais. Anteriormente se denominava crimes contra os costumes, evidente anacronismo que concebia o crime de estupro cometido exclusivamente contra a mulher. A nova lei alterou o Código Penal para dispor de Crimes contra a Dignidade Sexual, em consonância com o princípio da dignidade humana, fundamento irrenunciável do Estado de Direito, conforme o artigo 1º, III, da Constituição Federal de 1988 (Nucci, 2014; Romano, 2017).

Não obstante, para o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) menores de 18 anos são inimputáveis perante a lei, nesse caso não são responsabilizados por crimes como é o caso de adultos que são imputáveis. Isto é, crianças e adolescentes têm especial guarida pela legislação penal, começando pela descrição no artigo 103 que considera ato infracional a conduta descrita como criminosa, portanto, não devendo ser nomeada de crime.

Mais adiante, no artigo 121 que dispõe sobre a medida de internação especificamente no inciso três, o Estatuto evidencia que em nenhuma hipótese a internação deverá exceder o período de três anos. No artigo 122, esclarece a propósito dos atos infracionais passíveis de medida de internação, evidenciando que ocorre ato infracional mediante grave ameaça ou violência a pessoa (p.61), por exemplo, o caso dos crimes hediondos. Nesse caso, o ato infracional análogo ao crime de estupro ou outras formas de ofensa sexual é passível de internação por no máximo três anos para menores de dezoito anos.

Assim, não é demais salientar que as diretrizes propostas pelo Estatuto da Criança e do Adolescente, contribuem para o estabelecimento de um tripé, que se consolida pela proteção aos direitos das crianças e dos adolescentes, considerando as peculiaridades no desenvolvimento e fundamentado como uma doutrina de proteção

integral favorecendo a justiça e cidadania.

Terminologia

Apresentar como o conceito de ofensores sexuais vem sendo abordado cronologicamente na literatura pode cooperar para futuras pesquisas sobre esta temática, diminuindo a possibilidade de surgimento de pontos-cegos ao pesquisar os descritores escolhidos. Além disso, pode-se evitar conceitos que contribuam para a estigmatização ou desumanização dos sujeitos envolvidos, embora ao se investigar os descritores neste levantamento de literatura, observou-se que não há um consenso entre os pesquisadores e sim uma indeterminação terminológica conforme encontrado também por Viodres Inoue & Ristum (2008).

Alguns exemplos de terminologias utilizadas na literatura evidenciam que não há um termo único usado pelos autores, Wolff (2016), utiliza o termo: “adolescentes abusadores sexuais”, Pascal Roman (2012) *l’agir sexuel violent à l’adolescence*, ainda em francês Gamache et. al (2014) “agressions sexuelles commises par des adolescentes”, em espanhol Salazar et. al (2016) “ofensores sexuales adolescentes”. Já, os pesquisadores norte-americanos, costumam descrever como: “juvenile sexual violence” (Boakye, 2020), “juvenile sexual offending” (McCuish & Lussier, 2017), “Juvenile sex offender”, (Chu & Thomas 2015; Ryan, 1987;) e “adolescent sexual offenders” (Chorn & Parekh, 1997; Leclerc & Tremblay 2007).

Costa (2012) discutiu a propósito das terminologias e o risco de serem estigmatizantes aos adolescentes. A autora enfatiza que termos como *juvenile sex offender* e *adolescent sexual offender* contribuem para uma percepção reducionista dos adolescentes. Dessa forma, propõe que termos como: “*adolescentes que cometem abuso*

sexual” (Costa, 2012; Penso, Conceição, Costa e Carreteiro, 2012), indicam uma forma não reducionista evitando assim o etiquetamento e possíveis atitudes que venham contribuir com a marginalização.

Keogh (2018) afirma que o termo ofensa sexual normalmente é utilizado para nomear um comportamento sexual não consensual envolvendo outra pessoa e inclui a utilização de força física ou não. De acordo com o Dicionário Houaiss da língua portuguesa (2009), o termo ofensa significa atingir alguém na sua honra ou dignidade, uma ação que causa dano físico, ato de atacar, ofensiva.

Já o termo *abuso*, segundo o Dicionário Houaiss (2009) quer dizer excesso, enjoio, fastio à comida e bebida, significa também qualquer ato que atente contra o pudor, sedução desonra. Portanto, o termo abuso parece ser um vocábulo usado com bastante popularidade, também servindo para designar outras temáticas, tais como: “abuso de drogas”, “abuso de poder”. Viodres Inoue & Ristum (2008) argumentam que o termo abuso vem sendo alvo de críticas oriundas de tradução do termo em inglês *sexual abuse*. Neste sentido, estaria tácito um uso sexual permitido de crianças e adolescentes por adultos. Assim, o abuso seria o uso sexual de crianças e adolescentes além do que é permitido.

Nesta pesquisa, considera-se o termo adolescente como autor de ofensa sexual, mas inclui diversas peculiaridades em decorrência de seu processo de desenvolvimento, pois quer dizer que não se configura um fim em si mesmo, pois a adolescência se caracteriza por uma fase, envolvendo profundas mudanças psíquicas e corporais. Dessa forma, os atos de ofensa sexual praticados por adolescentes evidenciam cursos diferentes de diagnóstico e prognóstico, pois nem todos os ofensores adolescentes reincidirão se comparado ao dos atos praticados por adultos (Dejonghe, et al., 2007).

O caminho trilhado por Roman (2011) será levado em consideração por esta

pesquisa, ou seja, o agir sexual violento (*agir sexuel violent*) abarca as patologias do agir, além disso, o adolescente autor de violência sexual remete à psicologia clínica e às problemáticas dos processos da adolescência. Para Roman, termos como agressor sexual ou abusador sexual, tendem a reduzir os sujeitos a um ato.

4.1.2 REVISÃO DA LITERATURA SOBRE ADOLESCENTE AUTOR DE OFENSA SEXUAL

A multideterminação e heterogeneidade caracterizada pelos atos de ofensas sexuais praticados por adolescentes sugere ser um campo de pesquisa bastante amplo, pois a complexidade ligada à singularidade de cada caso indica que não há existência de um padrão psíquico que favoreça índices claros e delimitados da etiologia deste fenômeno. Assim, o levantamento da literatura visa contribuir para a caracterização da produção científica acerca do fenômeno em evidência (Butler & Seto, 2002; Dejonghe, et al., 2007; Domingues & Costa, 2017; Kemper & Kistner, 2007; Roman, 2004).

Reis e Cavalcante (2018), em artigo sobre revisão sistemática de literatura, a propósito dos ofensores sexuais adultos, evidenciam que em relação ao estudo sobre os agressores adultos também existem lacunas conceituais em decorrência da escassez bibliográfica. Segundo as autoras, em um período de trinta anos, apenas um total de 56 artigos foram publicados, no entanto, o interesse da comunidade científica pelo tema abuso sexual, de uma maneira geral vem aumentando, especificamente os que focam nas condições psicossociais das vítimas.

Ainda, em relação a esta pesquisa, (Reis & Cavalcante, 2018) e ao que se refira a trabalhos que abordam a figura do autor que praticou ofensa sexual, os resultados indicaram aumento do interesse. Contudo, se comparado aos dos estudos sobre as vítimas, os artigos sobre os autores de ofensa sexual ainda apontam desníveis, evidenciando pouca exploração, principalmente de pesquisas que tratem da realidade

brasileira. Reis & Cavalcante (2018) ainda constataram que há predominância de artigos que enfatizam o caráter pedofílico, o que acaba gerando pontos cegos na elaboração do conhecimento etiológico do autor de ofensa sexual, pois esta temática abarca apenas um tipo específico de ofensor sexual.

Boakye (2020) também evidenciou que as pesquisas se ocupam mais com a verificação dos riscos para crimes sexuais de ofensores adultos, além de se preocuparem também com a reincidência da violência sexual adulta. O autor ainda completa que os pesquisadores somente se preocuparam com o problema da ofensa sexual adolescente na última década, com isso pode ser constatado que muitos fatores de risco encontrados nos ofensores adultos não são encontrados nos adolescentes.

Desta forma, com o intuito de fornecer um aporte teórico aos conceitos estudados em relação ao fenômeno do adolescente que cometeu algum tipo de ofensa sexual, buscou-se realizar um levantamento do estado do conhecimento, a partir de uma perspectiva qualitativa de cunho exploratório (Gil, 2002), delimitando a busca, a partir da investigação de suas relações primárias e os afetos investigados pelos métodos projetivos Rorschach e TAT.

Vale salientar que o objetivo foi realizar um breve levantamento bibliográfico, com finalidade de identificar os constructos psicológicos que são relacionados ao contexto interacional precoce dos adolescentes (relações primárias) em um panorama não apenas nacional, mas internacional. Portanto, a estratégia adotada para a pesquisa de levantamento da literatura foi a seguinte: para obtenção de artigos científicos nacionais, foi utilizado o portal de Periódicos Capes (periodicos.capes.gov.br); já, para a base francesa utilizou-se Cairn (cairn.info); em língua inglesa inglês Elsevier (elsevier.com). Todas essas bases de dados são reconhecidas também por fornecerem confiabilidade ao pesquisador, nesse sentido, artigos em português, espanhol e inglês

foram incluídos. O período foi delimitado entre 2010 e 2020.

Em se tratando dos aspectos de inclusão e exclusão dos artigos, foram descartados aqueles que tratam de adolescente como vítima de abuso/ofensa e abuso sexual praticado por autores adultos. Além disso, para refinar a busca foram incluídos apenas artigos em Psicologia clínica, que versam sobre perfil psicológico do adolescente ofensor sexual. Dessa forma, excluíram-se também reportagens de televisão e jornais, além de artigos cuja ênfase se encontra em aspectos médicos/biológicos (por exemplo: doenças sexualmente transmissíveis, anatomia humana, neurobiologia, endocrinologia e Pletismógrafo Peniano).

Os descritores foram pesquisados na base de dados Periódicos Capes, Cairn e Elsevier: em português (adolescente ofensor sexual e adolescente autor de violência sexual), em inglês (juvenile sex offender, adolescent sex offender, adolescent who committed sexual offender) e em francês (adolescent auteur de violences sexuelles). Segundo o cruzamento de dados, os descritores utilizados para a busca são os usados com maior frequência na produção científica (Reis e Cavalcante, 2018).

Apesar de fazer uma tentativa de classificação do escopo das pesquisas, o levantamento sugere haver uma indefinição quanto a isso, inclusive pode ser evidenciado por não existir um consenso entre quais nomes utilizar para denominar o adolescente ofensor sexual, o que dificulta a busca, como evidenciado acima em 1.2.1.

Concernente aos objetivos das pesquisas empíricas, em seu escopo buscam evidenciar as diferenças psicológicas entre os adolescentes autores de ofensas sexuais e adolescentes autores de ofensas não sexuais (Boakye, 2020; Margari et al., 2015; Penso et al., 2013; Seto & Lalumière, 2010). Outra maneira é a salientada por Keogh (2018). Nota-se uma tendência entre os objetivos das pesquisas com adolescentes ofensores sexuais que seria para discriminá-los e ofendê-los, a partir da idade da vítima, e também

da natureza do comportamento sexual envolvido na ofensa (por exemplo, estupradores com vítimas de idade igual ou acima, e vítimas de idade menores).

Em se tratando do aspecto relacionado às metodologias empregadas pelas pesquisas, Gamache et al (2014) reiteram que apesar da proliferação dos estudos empíricos acerca dos adolescentes ofensores sexuais, não há uma teoria explicativa hegemônica no meio científico sobre este fenômeno. Desta maneira, as metodologias quantitativa, qualitativa ou mista, são utilizadas nesta temática para que se permita entender claramente a dinâmica dos adolescentes ofensores sexuais ou a capacidade de prever efetivamente a reincidência.

No que se refere aos dados obtidos destas pesquisas, Benedicto et al. (2017) asseveram que diante de tamanha heterogeneidade desta população os estudos empíricos tendem a abordar: diferenças entre grupos de adolescentes que cometem delitos sexuais e de grupos de adolescentes que cometem delitos não sexuais. Segundo achados importantes, diferenças foram encontradas entre esses grupos, os adolescentes ofensores sexuais possuem menores características antissociais, apresentam menor abuso de drogas, se relacionam em menor medida com pares, apresentam maior vitimização, são mais expostos à pornografia e violência na própria família.

Outras características são pesquisas (Benedicto et al., 2017) que abordam a classificação pela faixa etária da vítima, assim, essa categorização é baseada nos adolescentes ofensores de crianças e adolescentes ofensores de iguais ou adultos. Nas pesquisas que sugerem haver diferença entre os adolescentes, os ofensores de menores tendem a apresentar maiores déficits no comportamento psicossocial, maiores alterações emocionais relacionadas à ansiedade e depressão e são mais propensos a abusar de familiares do que de desconhecidos (Hunter et al, 2003; Worling, 2001; Benedicto et al, 2017).

As pesquisas que enfocaram aspectos ligados aos relacionamentos familiares (Costa et al., 2012, 2017; Penso et al., 2013), sugeriram adolescentes ofensores sexuais que possuem um intenso e paradoxal relacionamento com a figura materna. Por outro lado, com a figura paterna, vivenciam vínculos afetivos extremamente empobrecidos.

Os aspectos relacionados ao risco de reincidência são pesquisados a partir da utilização de instrumentos de autorrelato e/ou inventários, com a finalidade de medir riscos de reincidência comparando com amostras de adolescentes ofensores sexuais com grupos de controles de adolescentes não ofensores sexuais (Rightland et al, 2005; Salazar et al, 2016; Margari et al 2015).

Um aspecto relevante a se mencionar sobre as pesquisas que envolvem investigação da personalidade por meio de instrumentos psicológicos é que a maioria destes instrumentos escolhidos pelos pesquisadores possuem características psicométricas. Na sua maioria são inventários ou questionários com perguntas que envolvem respostas objetivas emitindo resultados quantitativos (Kemper & Kistner, 2007; Parks & Bard, 2006; Righthand et al., 2005; Salazar Muñoz et al., 2016). Estas pesquisas são mais frequentes na literatura se comparadas àquelas com utilização de métodos projetivos.

Conjectura-se que um dos motivos para que isso ocorra é que na pesquisa com utilização dos métodos projetivos o tempo de aplicação do instrumento e a habilidade de treinamento do clínico são maiores, além de ser realizada com uma amostra menor do que as que utilizam métodos psicométricos (Keogh, 2018).

Os trabalhos empíricos que utilizam técnicas projetivas como o Rorschach e TAT foram encontrados em número menor se comparados aos de inventário e autorrelato. Pesquisas empíricas sobre ofensor sexual utilizando métodos projetivos são reduzidas (Wolff, 2016; Roman & Ravit 2006; Roman, 2010; Chagnon, 2012). O

número de artigos que dão ênfase nas relações primárias de objeto evidenciou escassez nesta busca, apesar de diversos autores salientarem a sua importância (Davis & Leitenberg, 1987; Kemper & Kistner 2007; Penso et al, 2013; Costa et al, 2013; Costa et al, 2017).

Diante do que foi encontrado por este levantamento, os dados também sugeriram produção crescente nas pesquisas em relação aos estudos ligados aos adolescentes autores de ofensa sexual. Um indicativo importante é que no Brasil essa temática passa a possuir relevância apenas na última década. Nota-se que o aumento da pesquisa se deve à América do Sul e Europa. Reis e Cavalcante (2018) também encontraram crescimento na produção científica na pesquisa relacionada aos ofensores adultos, elas apontam que isso pode ser em decorrência da ampliação de tratamento específico para esta população associado à necessidade de conhecer melhor este fenômeno.

1.2.1 Perfil psicológico do adolescente ofensor sexual na literatura

Davis e Leitenberg (1987) realizaram pesquisa de revisão bibliográfica a respeito das características do adolescente autor de ofensa sexual, um dos tópicos que os autores abordam é sobre os aspectos ligados às relações com as figuras parentais. Segundo a pesquisa, adolescentes ofensores sexuais apresentaram maiores exposição à violência e negligência intrafamiliar, se comparados com amostras de adolescentes ofensores não sexuais e adolescentes sem histórico de ofensas. Os pesquisadores hipotetizam, que tais exposições podem acarretar naturalização da violência pelo adolescente e entender que esse é um comportamento aceitável. Uma segunda hipótese que levantam, diante destas agressões ou negligências sofridas, é que a ofensa sexual seria uma forma de vingança, e assim, podem se sentir no direito de se vingar em alvos substitutos. Outro aspecto seria de que a ofensa sexual funcionaria como um recurso na tentativa de restauração da

autoestima, visto que a rejeição por parte dos pais pode diminuir o amor-próprio. Consideram ainda, que a rejeição dos pais faz com que o adolescente tema possíveis rejeições nas relações íntimas, como forma de não sofrer mais danos. Por último, os autores hipotetizam que por não encontrarem outra maneira de manter relacionamentos íntimos, o adolescente comete as ofensas sexuais, ou podem se envolver sexualmente com crianças muito mais novas, a fim de não sofrer rejeições novamente.

Os pesquisadores Chorn & Parekh (1997) utilizaram o enfoque psicanalítico apoiados na escola de *self* de Kohut, Winnicott e M. Mahler, para realizarem um estudo empírico qualitativo que consistiu em sete entrevistas individuais com adolescentes autores de ofensas sexuais. O perfil sócio familiar dos ofensores apontou que todos os adolescentes passaram por circunstâncias traumáticas em suas vidas, além de apresentarem comprometimento intelectual, abuso físico e/ou emocional grave, perda de cuidadores primários por morte ou divórcio, novo casamento dos pais, falta de apoio e negligência. Os autores evidenciaram problemas na constituição de comportamento empático por parte dos adolescentes, que devido a estas falhas, as funções parentais esperadas não puderam ser realizadas, mas foram obliteradas por experiências traumáticas de abuso. As necessidades não moderadas de exibicionismo e voyeurismo continuaram na infância, adolescência e idade adulta.

A análise das entrevistas semiestruturadas dessa pesquisa sugeriu que, de fato, as ofensas pareciam ter sido motivadas para preservar um senso enfraquecido de si. Além disso, observou-se que, no período pós-ofensa, os infratores haviam sido submetidos a uma supervisão ou fiscalização rigorosa principalmente familiar. Sob supervisão rígida, os agressores tendem a cristalizar rapidamente uma identidade sexual desviada e negativa, em defesa do narcisismo pouco moderado. Outras observações evidenciaram que as agressões intrafamiliares eram consistentes com o envolvimento da família e a

aparente prontidão para o tratamento, por parte do adolescente, enquanto as agressões extrafamiliares eram consistentes com a exclusão da família e resistência ao tratamento.

Em uma perspectiva integrativa Penso et al (2013) conduziram uma pesquisa que consistiu em comparar a qualidade do vínculo e a relação com a figura materna, entre dois grupos de adolescentes. O primeiro foi composto por adolescentes que cometeram ofensa sexual, participantes de um grupo de intervenção multifamiliar, o segundo de adolescentes que praticaram ato infracional, mas não de natureza sexual, estes eram participantes de um grupo de intervenção psicossocial. Os resultados encontrados na pesquisa sugerem que ambos os grupos de adolescentes vivenciam ausência da figura paterna, desta forma possuem vínculo exclusivo com a figura da mãe. As autoras salientam que o grupo de adolescentes que cometeram ato infracional não sexual tende a manifestar muita afetividade em relação à figura materna, havendo reciprocidade nestas trocas, ao ponto de colocar o adolescente em um lugar idealizado e superestimado pela mãe. Inclusive, os adolescentes acabaram por ocupar um lugar de destaque, assumindo um papel de “homem da casa”. Já com os adolescentes do grupo de autores de ofensa sexual, a situação ocorre de maneira diferente, eles tendem a realizar tarefas tipicamente femininas, como lavar, passar roupa, cozinhar, etc. As pesquisadoras detectaram que essas atribuições é uma forma de impedir o adolescente de sair de casa, assim essas mães manifestam um comportamento de serem controladoras, invasivas e dominadoras. Essa atitude materna acarreta aos adolescentes precárias condições de construção de uma identidade e de “ameaça a uma posição viril” (Penso et all, 2013, p.170).

A propósito da dinâmica relacional entre os adolescentes e suas mães, Penso et al (2013), constataram que o adolescente que cometeu ato infracional não-sexual, é amado demais pela mãe promovendo um investimento narcísico e idealizado desse

adolescente. Enquanto isso, o adolescente autor de ofensa sexual tende a ser “*coisificado*” (p.171), visto como alguém ruim, devendo ser servil, fazendo os serviços da casa e cuidando dos irmãos.

Costa et al (2013), em outra pesquisa, entrevistaram sete adolescentes entre 14 e 17 anos e suas mães. Os resultados apontaram para intensa e paradoxal relação com a figura materna, mas com uma relação marcada pela pobreza de convivência com a figura paterna. As autoras concluem que as agressões sexuais intrafamiliares estão relacionadas à dinâmica familiar marcada por autoritarismo e distanciamento afetivo.

Alguns autores (Boakye, 2020; Seto & Lalumière, 2010) observaram que a negligência na infância e o apego às figuras parentais pobres aumentam o risco de perpetração de violência sexual. Estes autores denotam que adolescentes com privações emocionais provavelmente lidarão com essas falhas buscando relacionamentos inadequados. Assim como o impacto da falta de calor e apego dos pais reduzem a empatia e o desenvolvimento de habilidades de relacionamentos apropriados. Dessa forma, adolescentes autores de ofensa sexual tendem a relatar uma comunicação deficiente com seus pais em comparação com os adolescentes ofensores não sexuais.

Diante do que foi exposto, em relação aos aspectos ligados ao adolescente autor de ofensa sexual, as pesquisas (Boakye, 2020; Dejonghe, et al., 2007; Keogh, 2018; Seto & Lalumière, 2010) evidenciam que a causalidade e os fatores de riscos entre os autores de ofensas sexuais adultos possuem diferenças significativas dos autores sexuais adolescentes, pois os últimos indicam ser um grupo bastante heterogêneo. Assim, os fatores individuais são significativos na determinação da análise dos fatos (Boakye, 2020).

Outras diferenças importantes de salientar se referem aos adolescentes que cometem ofensas sexuais dos que cometem ofensas não sexuais (Butler & Seto, 2002;

Pullman et al., 2014). Tais diferenças se relacionam com o fato que os autores de ofensa sexual, tendem a sofrer mais abusos de todas as espécies ou negligências, pois se comparados aos adolescentes ofensores não sexuais, possuem maior pobreza no apego com as figuras primárias do que o grupo de ofensores não sexuais (Boakye, 2020; Seto & Lalumière, 2010).

Diante desses achados, pode-se evidenciar que adolescentes autores de ofensas sexuais sofrem maior impacto na constituição das suas relações primárias e consequentemente no estabelecimento de afetos, se comparados com grupos de adolescentes autores de ofensas não sexuais e ofensores adultos. Assim se justificam as investigações das relações primárias e afetos desta população nos capítulos que seguem.

CAPÍTULO II

RELAÇÕES PRIMÁRIAS DE OBJETO E MÉTODOS PROJETIVOS

... e sempre, até o fim, é a relação que comanda a vida.
(Matos, 2012.)

Abordar a temática das relações primárias de objeto é analisar um estágio primevo constituinte da ordem psíquica de cada sujeito. Trata-se de um fenômeno que possui papel organizador, e pela sua dimensão profunda no mundo interno dos indivíduos, precede a integração psíquica e termina no estabelecimento dos afetos. Desta forma, refere-se a este período arcaico dos relacionamentos interpessoais como as primeiras relações do ser humano com o objeto externo. Interações responsáveis pela formação da estrutura intrapsíquica inicial, a partir da internalização dos cuidados essenciais e afetos dispensados e também percebidos pela criança como afeto.

As relações primárias de objeto é assunto profícuo para a compreensão da dinâmica psíquica do adolescente ofensor sexual. Dessa forma, este capítulo busca o entendimento dos modos de apego ou vinculação destes adolescentes com as figuras primárias que culminam também nos modos de assimilação interna destas relações, assim como a capacidade de reparação diante das separações necessárias.

O percurso trilhado para investigar o fenômeno estudado buscou ser maleável quanto aos autores e bases teóricas psicanalíticas. A fundamentação teórica se fixou nas escolas pulsionais e de objeto, não excluindo autores importantes de outras escolas, assim como, procurou apoio na teoria do apego, respeitando é claro, os limites teóricos. Sendo assim, o que se leva em consideração aqui é a tríade *self* (ego)-objeto-afeto, conforme sustentado por diversos autores (Mahler, 1982; Pine, 1990; Kernberg, 1995).

Este capítulo está dividido em três partes. Na primeira, a intenção é discorrer a propósito da delimitação do que chamamos de relações primárias de objeto e sua organização no psiquismo. Em seguida, tratar-se-á de um percurso acerca dos conflitos internos típicos e vivenciados pelos ofensores sexuais adolescentes. Por último, serão evidenciadas as manifestações específicas das relações primárias nos instrumentos projetivos dos adolescentes ofensores sexuais.

2.1 ORGANIZAÇÃO DAS RELAÇÕES PRIMÁRIAS DE OBJETO

Por relações primárias de objeto considera-se a forma de estabelecimento do vínculo da criança com objetos presentes no mundo externo, que então passam a ocupar o mundo interno, assumindo relevância primordial na composição do psiquismo infantil. A incorporação de tais aspectos não se relaciona apenas com elementos da realidade objetiva, mas é introjetada, como consequência da compreensão muito particular de cada indivíduo, evidenciando que não se trata de aspectos conscientes, mas por sua natureza idiossincrática inconsciente e dinâmica (Ogden, 2017). Tais relações primárias formarão as bases e marcarão de modo indelével as qualidades das relações interpessoais, enquanto objetos introjetados pelo sujeito, inaugurado nas vivências com os primeiros cuidadores.

Em definição, o termo *Relação* neste estudo, será usado para se referir às interações que ocorrem externamente, mas também em um sentido de internalização, portanto, interior nos sujeitos. A palavra *de* faz referência à ligação existente entre o sujeito e os objetos externos ou internos. O termo *primária* pressupõe uma dimensão atemporal que abarca passado e presente, os objetos que ocuparam as primeiras funções de cuidadores e que são atualizadas e/ou repetidas no presente. Desta forma, recebem importância primordial. Por último, *objetos*, referem-se aos cuidadores primários, responsáveis pelas funções de apoio, são os primeiros alvos dos investimentos

pulsionais (Freud, 1914).

Posto isto, é importante esclarecer que o termo relação primária de objeto, não faz menção aos processos primários e secundários como levantados pela teoria psicanalítica. Nunca é demais salientar que ao se referir à “mãe”, nesta pesquisa, não necessariamente se trata da mãe biológica, mas sim da pessoa responsável pelos cuidados primários que em algum momento tenha exercido as funções maternas, inicialmente ligadas à sobrevivência e à sexualidade (Bowlby, 1984).

O termo se refere aos cuidadores independente do sexo biológico, pois não se trata de responsabilizar a figura materna ou o sexo feminino pelas falhas nas organizações das relações primárias, mas sim de entender como esta relação foi assimilada internamente pelo adolescente, independentemente se houve conflitos ou não, em decorrência de traumatismos e abandonos reais. Sabendo da importância dessa relação para a sobrevivência humana, reitera-se também diante do questionamento: quem pode sair incólume de conflitos na organização das relações primárias? A resposta seria ninguém, mas cada pessoa tem um modo particular de responder a isso. Estas particularidades dos adolescentes ofensores sexuais manifestadas nos instrumentos projetivos são os alvos de interesse na presente pesquisa.

Bowlby (1984) evidencia que a capacidade de apego não se encontra disponível no bebê logo no nascimento, esta capacidade precisa ser desenvolvida, a partir da interação com o objeto primário. A proximidade com a mãe garante ao bebê a experiência de segurança e o desenvolvimento da capacidade de apego, ou seja, o afeto recebido pelos cuidadores primários irá funcionar como um modelo para constituir relações interpessoais futuras.

A vulnerabilidade inerente ao ser humano, notadamente nos períodos iniciais do desenvolvimento o confronta com uma condição frágil da existência humana. Condição

esta que confirma a dependência e com isso a necessidade de contatos interpessoais. Desde o nascer, todos os indivíduos, sem exceção, necessitam do outro para se manterem vivos, carecem por muito mais tempo de apoio e proteção dos cuidadores primários, em analogia com outras espécies, os humanos são os mais carentes de cuidados. Assim, ao se pensar no ponto de partida do desenvolvimento, inicia-se um estágio de dependência absoluta, para um estágio de independência, todavia nunca absoluta. O caminho maturacional é doloroso, pois envolve necessidade de separação dos objetos amados (Winnicott, 1963; Bowlby, 1984; Fenichel, 2000).

No início, o aparelho psíquico do bebê é reconhecido por não haver integração de suas percepções, tampouco a consciência de si, quando ainda não existem objetos internos ou externos, ausentes de identificações, ou seja, não existem diferenciações entre eu e não-eu (Winnicott, 1983) . O que se tem neste momento, são sensações basicamente ligadas ao prazer/desprazer. O desprezer consiste nos desconfortos oriundos da não satisfação das necessidades básicas e também da quantidade de estímulo provenientes do meio externo que o aparelho psíquico do recém-nascido não consegue dar conta. Desse modo, só com o apoio dos cuidadores o bebê consegue lidar com a quantidade de excitação oriunda do mundo externo, pois não pode elaborar correndo o risco de colapso (Fenichel, 2000).

O colapso aqui mencionado se refere ao que Winnicott (1983) postulou como angústia de aniquilação, um tipo de angústia primitiva vivenciada pelos bebês como ausência de esperança diante da separação do objeto primário. Eizirik et al (2015) fornecem uma metáfora a este respeito que exemplifica com precisão esta angústia vivenciada. Os autores indicam que essa angústia seria como um astronauta que sai da nave e fica preso por um cordão que representa a ligação com a mãe. Mas este cordão se rompe, desse modo, o astronauta é jogado no espaço sideral, infinito, sem possibilidade

de socorro, rumo à morte solitária e aterrorizante.

Assim, diante de intensa angústia, Freud (1895, 1920,1924) fez uma descoberta importante, partindo de um ponto de vista psicológico e também fisiológico sobre a existência de uma espécie de escudo protetor que envolve todo aparelho psíquico. Este escudo protetor tem a finalidade de filtrar a enorme quantidade de excitações vindas do meio externo e assim proteger o aparelho psíquico do colapso. Contudo, para que o escudo protetor se constitua, a mãe precisa antes de tudo funcionar como matriz psicológica do bebê (Ogden, 2017).

Neste sentido, Anzieu (2000) acrescentou que o papel singular da relação mãe/bebê constitui gradualmente esse escudo protetor, pois o aparato psíquico não nasce pronto. O contato com a mãe funciona como um escudo protetor auxiliar, impedindo assim o grande fluxo de estímulos externos capazes de inundar o aparelho psíquico e contribuir para a existência de prejuízos no desenvolvimento emocional do bebê. A aquisição deste escudo é propiciada pelo vínculo com a mãe e permite filtrar a quantidade de estímulos provenientes do meio externo (sensações térmicas e/ou barulhos desconfortáveis, por exemplo). É essa função que irá garantir tranquilidade ao aparelho psíquico do bebê diante das numerosas excitações que ele (bebê), não consegue organizar sozinho. A presença da mãe é necessária até que o bebê consiga adquirir esta capacidade por si só.

2.1.1 *Holding, handling* e a mãe suficientemente boa

Winnicott (1962) nomeou de *holding* um elemento caracterizado pela dependência absoluta do bebê com os cuidadores primários, *holding* corresponde literalmente a carregar o bebê no colo, sustentação e apoio. Mas não apenas, envolve também nutrição, proporcionar as temperaturas, iluminações e barulhos suportáveis à

capacidade do bebê. Isto é, vai além dos cuidados físicos, a presença do objeto externo, no caso, o cuidador primário, proporciona ao bebê constância e segurança. Dessa forma, estes aspectos evidenciam a transmissão da identificação e empatia que os cuidadores possuem com o bebê (Melo Filho, 1989) que mais adiante, terão importância primordial para o desenvolvimento da independência. Como diz Winnicott: assim, o *holding* favorece a integração psíquica, pois funciona também como para-excitações “a sustentação compreende, em especial, o fato físico de sustentar a criança nos braços e que constitui uma forma de amar” (Winnicott, 1960,p. 56).

Associado a isso, se encontra o *handling*, esse termo cunhado por Winnicott (1975) se refere ao manejo da relação mãe/bebê, mais especificamente ao tocar, o contato sensorial por meio da pele, o tato e o sentir, a partir da preocupação materna com as necessidades do bebê. Winnicott entende isso como uma forma de favorecimento à personalização, ou seja, o início da formação do self e sentimento de unidade.

O momento de *holding* é reconhecido por se tratar de um período de fusão, entre a mãe e o bebê. Melo (1989) aponta uma coincidência importante entre a fase de *holding* e a fase simbiótica de Margareth Mahler (1982). Essa correspondência entre os conceitos elenca o predomínio de uma relação fusional entre mãe e bebê constituídas nestes estágios, no sentido de que o bebê primariamente é imbuído de uma ilusão de fusão ao seio materno.

Por todas estas questões Ogden (2017) afirma que a mãe funciona como matriz psicológica para o bebê. Esta primeira relação fornece ao bebê modos de integração psíquica e perpassam um momento de organização primitiva, onde não há indiferenciação entre eu/outro. Dessa forma o bebê não consegue diferenciar o ‘eu’ do outro, entendendo a partir de uma idealização, por exemplo, que o seio da mãe é uma

parte dele (Winnicott, 1990; Bergeret, 1996). Freud (1931) denominou como Pré-Edipiano o vínculo exclusivo entre mãe/bebê.

Na medida em que o desenvolvimento do bebê avança, a necessidade de separação aumenta e para que isso ocorra de maneira menos perturbadora possível, requer o protagonismo do que Winnicott (1962) conceituou de mãe suficientemente boa. Esse conceito se relaciona com o fato de a mãe conseguir ofertar os cuidados ao bebê de uma forma que não ocorra uma privação total da presença da mãe, uma presença constante, ou uma mãe que oscile entre estes dois polos em extremos. Desta forma, a mãe suficientemente boa envolve uma maternagem de frustrar na medida necessária e estável de forma que isso contribua para o rompimento do vínculo fusional e estabelecimento de um não eu.

A maneira como a mãe fornecerá o necessário para que o bebê possa progredir do estágio fusional, para o rompimento da relação fusional, dependerá de uma mãe suficientemente boa e do ambiente (espaço potencial) que possa fazer isso de maneira gradual. Deste modo, fornecer ao bebê as condições ambientais necessárias para que ela (mãe) consiga se distinguir dele (bebê), e o bebê consiga internalizar a mãe e se diferenciar dela (Ogden, 2017; D. Winnicott, 1975).

O quadro abaixo fornece uma diferenciação importante entre dois tipos de mãe, a partir da ideia Winnicottiana:

Tabela 1 – Dois tipos de mãe

Dois tipos de mãe	
Mãe suficientemente boa	Mãe insuficientemente boa
<ul style="list-style-type: none"> • Preocupação primária; • Atenta às necessidades do bebê; • O bebê sente a presença e disponibilidade para ele; 	<ul style="list-style-type: none"> • Instável; • Presença x Ausência; • Presença narcísica;

-
- | | |
|--|---------------------------------------|
| • Favorece o desenvolvimento da autonomia; | • Tentativas de reparação imaginária; |
| • Falhas saudáveis. | • Falha grave. |
-

Assim, o período do fenômeno transicional corresponde a um estágio onde o bebê possa internalizar o objeto primário e conseguir romper com o vínculo fusional, superando a dependência do objeto onipotente (mãe) (Ogden, 2017), para que possa superar a desilusão provocada pela separação fusional. Isto é, assim não cairá na falta de esperança, busca por um objeto externo ou “objeto transicional”, um meio artificial, mas que possui valor simbólico, pois a dependência do objeto primário pode ser deslocada para esse objeto simbólico, que será tratado da mesma forma possessiva com que tratava a mãe no período fusional (Winnicott, 1975; Ogden, 2017).

O objeto transicional constitui uma posse que foi deslocada da mãe para outros objetos, podendo assim aplacar a angústia propiciada pela carência do objeto primário, evidenciando um espaço com característica transicional. Se a mãe for capaz de frustrar o bebê de maneira que ele suporte a frustração da separação, embora que para isso a criança também precisa sentir-se segura em relação ao seu ambiente, o bebê aguentará uma gradual desilusão da separação. Além disso, o que é muito importante, conseguirá perceber a mãe como objeto separado dele. No entanto, se ocorrerem falhas neste processo de passagem do estágio para o seguinte, de percepção dos objetos externos, as bases carecerão de suporte para o sentimento de unidade e com isso segurança de si (Simon, 2010).

Esta série de cuidados provenientes dos cuidadores primários denotam uma associação entre a necessidade do bebê em ser cuidado e da mãe em fornecer os cuidados. A partir desta junção, inicia a possibilidade que Winnicott (1975) elenca como um marco do desenvolvimento emocional, instaurando o chamado espaço potencial.

Para que o bebê possa criar os objetos é preciso que a criança se veja no rosto da mãe, isso dá a ela sentimento de existência, pois sua imagem é refletida no rosto da mãe, mas não apenas isso, esse reflexo vem acompanhado de gestos carinhosos, que: “sentir-se real é mais do que existir; é descobrir um modo de existir como si mesmo, relacionar-se aos objetos como si mesmo e ter um eu (self) para o qual retirar-se para relaxamento” (p. 185).

2.1.2 Cuidados primários

Os cuidados primários fornecem ao desenvolvimento emocional sentimentos de segurança e continuidade, que por sua vez contribuem para a tolerância ao rompimento da relação fusional. Estes sentimentos são chamados por alguns psicanalistas de bases narcísicas (Jeammet & Corcos, 2005). Assim a forma como a criança vai reagir a esta “separação”, pode revelar a maneira como foram ofertados e mais adiante interiorizados os objetos. A reflexão proposta por Jeammet e Corcos (2005) evidencia uma realidade paradoxal da natureza humana. Demonstra que todo desenvolvimento humano é marcado por um paradoxo que rege as relações humanas e consiste em: “para ser si mesmo é preciso se alimentar dos outros e, ao mesmo tempo, é preciso se diferenciar deles” (Jeammet & Corcos, 2005, p. 55).

É perceptível que para o bebê conseguir sobreviver física e psiquicamente, ele precisa se fundir à mãe, mas depois para que consiga sobreviver nos períodos posteriores do desenvolvimento é necessário que ocorra o rompimento da fusão e assim consiga atingir o estágio de independência e capacidade para amar objetos externos e não apenas a si mesmo. É interessante notar que esse conflito se repetirá novamente na passagem da adolescência para a vida adulta.

Atingir o estágio de independência requer o rompimento da relação fusional com

o objeto primário. É esta separação que o sujeito pode vivenciar como uma ausência de sentimento amoroso por parte dos cuidadores primários. Caso eu me separe de minha mãe eu perco seu amor, cuidado, carinho, logo ela não me ama mais. Neste momento do desenvolvimento o pensamento tem como característica ser binário representado por amor (prazer) e ódio (frustração) (Klein, 1952).

A importância do rompimento da relação fusional se refere também ao fato que os bebês não criam sentimento pela mãe, enquanto estão fusionados a ela, como não conseguem discernir a diferença entre eu e não eu. Nesse viés, a mãe seria, por exemplo, como um órgão interno, uma parte de si, mas para que consiga obter sentimentos por ela é importante que haja o rompimento da relação fusional e assim é possível que ela (criança) se torne capaz de ser investida por afetos e assim sucessivamente para outras pessoas. Conforme evidencia Emmanuelli e Azoulay (2008):

O apoio sobre a representação de um objeto materno passível de sobreviver sem raiva a essa separação (mesmo estando triste, sabe que isso deve ser assim) contribui para assegurar o investimento narcísico da representação de si e permitir o deslocamento da libido em direção aos objetos (p.158).

É interessante notar que essas trocas entre mãe e bebê não permanecem apenas enquanto cuidados externos, elas acabam sendo interiorizadas pelo bebê e assim a possibilidade de lidar com a separação de maneira mais saudável. Ferenczi (2011) ilustra essa passagem a partir do termo Introjeção. Para ele “amar outrem equivale a integrar esse outrem no seu próprio ego” (p.209), dessa forma, tanto os cuidados recebidos quanto o próprio cuidador são absorvidos pelo ego, assim, habitando o interior deste, contribui ainda para fornecer os alicerces seguros, conseguindo promover o rompimento da relação fusional.

A introjeção destas relações constrói as representações internas, a qualidade destas representações será atribuída baseada na forma da relação com os cuidadores primários. São essas maneiras que irão definir os modos de apegos empregados nas

interações futuras. Bowlby (1984) evidencia em sua obra como o apego seguro é um importante precursor das relações estáveis dos adultos: “as crianças constroem representações internalizadas com base nos principais estilos de relacionamento com os prestadores de cuidados primários, resultando em modelos de trabalho internos que se tornam modelos para guiar seu futuros relacionamentos (Bowlby, 1984, p. 195).

As pesquisas que se ocuparam de investigar a importância do apego para os seres humanos encontraram dados indicando que o apego seguro é crucial para fornecer homeostase aos indivíduos (Keogh, 2012). Este aspecto é análogo à consolidação das bases narcísicas, pois o estabelecimento do apego seguro transpassa o desenvolvimento da infância, adolescência e vida adulta. Ao contrário, no caso do apego inseguro, também é verdadeiro, inclusive, pode-se afirmar que a pobreza na capacidade de apego esteja associada a uma série de psicopatologias, até mesmo as de natureza da ofensa sexual, aspecto que será explorado mais à frente no texto.

2.1..3 Apego e relações inter-humanas

A teoria do apego foi criada por John Bowlby que se ocupou de pesquisar as formas de vinculação entre os seres humanos, seu arcabouço teórico engloba a psicanálise e etologia, portanto, o que se leva em conta nesta teoria são as relações que os indivíduos tiveram com seus pais durante a infância e adolescência e os efeitos perniciosos oriundos destas (Bowlby, 1997). O apego funciona como um condutor da ligação entre os seres humanos, seu propósito é aproximar os indivíduos e assim contribuir para a saúde, proteção e bem-estar psicológico, desse modo o apego é a antítese do isolamento e da solidão, o apego é protetor das relações objetais (Bowlby, 1984, 1997; Dalbem & Dell’Aglia, 2005; Ramires & Schneider, 2010).

Pesquisas recentes (Keogh, 2018; Rich, 2006; Sitney & Kaufman, 2020) apontam que a teoria do apego vem sendo utilizada com bastante frequência e tem sido

bem sucedida no estudo da etiologia do comportamento de ofensa sexual tanto em população adulta quanto com os adolescentes.

Especificamente, durante o período da adolescência o apego seguro está associado ao fortalecimento na capacidade de transição para a vida adulta, ampliando os recursos para os sujeitos superarem posições de dependência, manter amizades e condições para que se formem as bases narcísicas necessárias ao engajamento em romances maduros. Desse modo, o comportamento de apego é um importante indicador da maturidade psicosexual e também do ajustamento sexual (Keogh, 2018; Ramires & Schneider, 2010).

Assim, é possível afirmar que no cerne da capacidade de apego do adolescente existe uma representação introjetada, oriunda das primeiras relações entre mãe-bebê, responsáveis por fornecerem as bases seguras do comportamento de apego (Ramires & Schneider, 2010). Dessa forma, a qualidade das relações objetais internalizadas dependem diretamente da qualidade do vínculo com os cuidadores primários, desta maneira, influenciam o estabelecimento do desenvolvimento emocional ao longo de toda a vida (Dalbem & Dell'Aglio, 2005).

Apesar de Bowlby (1984) considerar sexualidade e apego como sistemas distintos, as pesquisas com autores de ofensas sexuais apontam uma estreita ligação entre sexualidade e apego, pois evidenciaram que tanto os adolescentes quanto os adultos autores de ofensas sexuais possuem déficits significativos nas relações parentais. (Keogh, 2018; Marshall & Marshall, 2000) sugerem que a capacidade do sujeito manter relacionamentos monogâmicos, negociar intimidades e permanecer em relações é fortemente relacionada à construção do apego seguro durante a infância (Keogh, 2018).

As pesquisas de (Keogh, 2018; Marshall & Marshall, 2000; Sitney & Kaufman, 2020) também relacionam que modos de apegos inseguros estão ligados a

comportamentos sexuais promíscuos e coercitivos, esse aspecto será mais bem explorado no tópico abaixo a propósito dos conflitos. Não obstante, Rich (2006) assevera que apenas as falhas nas relações com os cuidadores primários são capazes de fornecer vulnerabilidades, porém por si só não são suficientes para que os adolescentes pratiquem ofensa sexual, mas precisam estar somadas a outros fatores de riscos.

Deste modo, Keogh (2012) acentua que o apego e a sexualidade funcionam como uma interface e sofrem influências mútuas, visto que o comportamento sexual também é um condutor para os sujeitos satisfazerem as necessidades de apego e intimidade, pois tanto a sexualidade como o apego contribui para o funcionamento homeostático (Ramires & Schneider, 2010). Assim, a maneira como os indivíduos exercem ou conduzem a sexualidade, parece refletir os padrões de apego recebido ao longo dos processos de desenvolvimento. Marshall & Marshall (2000) reiteram que relações de apegos deficitárias com as figuras parentais são indicadores de desordens sexuais e comportamentos sexualmente coercitivos e comumente encontrados em autores de agressões sexuais.

Este caminho conduz também à reflexão sobre o papel da agressividade desempenhado nas ofensas sexuais. Winnicott relaciona a agressividade como um fator inerente ao desenvolvimento e remete sua raiz a um período arcaico de rompimento da relação fusional: “A agressão está sempre ligada, desta maneira, ao estabelecimento da distinção entre o que é e o que não é o eu” (1964, p. 104).

A agressividade é anterior à integração do ego, ao afirmar isso Winnicott (2000), revela que a agressividade, assim como a sexualidade necessitam estar integradas à personalidade, só assim é possível o relacionamento com objetos externos e a constituição da capacidade de envolvimento com a própria agressividade, ou seja, a possibilidade de reparação. A destrutividade instaura a possibilidade de interação com o

objeto, pois caso este suporte suas investidas destrutivas o objeto passa a ser sentido como realidade. Assim, para entendermos com mais precisão este assunto no caso da ofensa sexual, abordaremos a questão do conflito no item abaixo.

2.2 O ADOLESCENTE OFENSOR SEXUAL: APEGO E CONFLITO

Diante da heterogeneidade dos casos de ofensa sexual praticada por adolescentes (Dejonghe et al., 2007), não é pretensão desse capítulo esgotar o assunto ligado à motivação para o ato infracional, mas levantar algumas hipóteses, fundamentadas na psicanálise, ligadas à natureza dos vínculos primários nos autores de ofensa sexual.

Chagnon (2012) afirma que nas agressões sexuais individuais podemos encontrar os casos mais graves de prejuízos psíquicos no processo maturacional do adolescente. Os trabalhos que investigam tais atos deveriam contemplar: “separação individualização e a desidentificação dos objetos primários (...) angustias preenchidas pelas passagens ao ato cujos atos sexuais são frequentemente imersos em uma patologia de dependência maciça” (p.62). Daí a pertinência de investigar os aspectos ligados às relações primárias de objeto.

Seguindo, nesta direção, pode-se notar que a investigação psicodinâmica do adolescente ofensor sexual se aproxima das pesquisas realizadas acerca das problemáticas ligadas aos estados limites, inclusive, a pesquisa de Chagnon (2012) sobre adolescentes ofensores sexuais corrobora com este argumento. O autor considera que os adolescentes com os quais se deparou em sua pesquisa, já sofriam de perturbações psíquicas compatíveis com o que está descrito nos distúrbios da personalidade limite. As falhas nas relações primárias de objeto, podem ser evidenciadas nos casos limites pela pobreza na capacidade de representação, afetando diretamente as condições de investimento nos objetos externos, devido à pobreza na

capacidade de diferenciar eu do não eu (Garcia, 2010).

Keogh (2012) assevera que em uma situação onde o rompimento do período fusional não foi alcançado, poderia culminar em uma separação entre sexualidade e o próprio *self*, significando que a sexualidade não faz parte de si mesmo. Diante disso, a intimidade sexual pode desencadear ansiedades primitivas de aniquilamento e perda da identidade, aspectos que estão também associados a falhas do desenvolvimento do eu-pele e dos limites do corpo, resultando no medo de se perder no outro.

Em se tratando de dados oriundos da teoria do apego, Keogh (2012) acentua que em alguns casos, as ofensas sexuais parecem estar ligadas aos conflitos em torno do rompimento da separação fusional, assim como em falhas no *holding* materno. Dessa forma, as ofensas sexuais podem ser utilizadas como um recurso para atenuar os déficits de apego. Isso quer dizer que algumas experiências podem desencadear o que o autor denominou de “fome de apego”², isto é, uma busca excessiva por apego, que intensifica a excitação. Em outros casos, de forma contrastante, foram encontrados também ofensores que possuem sistema de apego baseado em evitação dos contatos íntimos, funcionando como defesa contra a intimidade afetiva, que é substituída pelo desejo de poder e dominação do outro. Estas características podem ser consideradas em intensidade variada e podem abranger o sadismo e a crueldade.

Segundo Sitney (2020), adolescentes ofensores sexuais possuem em sua história de vida apego classificado como inseguro. Esta modalidade de apego oriunda de falhas na relação com os cuidadores primários é caracterizada por isolamento, solidão e frustração. Assim, podem expressar suas emoções através da agressão sexual na adolescência e idade adulta.

Balier (2000) relata um caso de um ofensor sexual adulto. O autor em tela acentua a união simbiótica entre o ofensor e objeto primário (mãe). O relato do caso

² Original: attachment hunger; Tradução livre.

revela a impossibilidade de rompimento do vínculo fusional entre ambos, evidenciando uma confusão de identidade em que o sujeito não consegue diferenciar o que em parte, é ele mesmo e em parte sua mãe que vive dentro dele. Esta confusão reduz a capacidade de conter dentro de si o bem e expulsar o mal, pois os afetos também estão fundidos, assim ambos (bem e mal) aparecem no interior do sujeito indiferenciado, causando tensão insuportável. Uma das soluções encontradas pelo sujeito é recorrer ao ato, descarregando a tensão insuportável e anulando o trabalho de elaboração psíquica.

Em outras palavras, a incapacidade do bebê em integrar as qualidades de bom e mal da representação materna e tolerar a ambivalência conduz a não integração das duas qualidades, que são constituidoras dos objetos, acarretando em clivagem, ou seja, o sujeito não consegue se livrar das pulsões do id. Dessa forma, ocasionando vazios representacionais e o recurso ao ato. Isto é, encontra uma forma de lidar com uma possibilidade de preenchimento destes vazios representacionais por meio das ofensas sexuais (Balier, 2000).

Este aspecto conduz a outro importante tópico apontado por Balier (2000), que se refere à mãe fálica, não se trata de uma mulher com aspecto viril ou autoritário, mas da representação que a criança constitui do objeto primário. Neste caso, trata-se de uma relação marcada por ambivalência que influencia na constituição da representação materna.

Estas ambivalências são apresentadas a partir de dois níveis e se caracterizam por angústias inerentes a todas às crianças: a primeira se refere ao desejo de fusão versus intrusão e a segunda ao desejo de autonomia versus ao de abandono. O primeiro nível é marcado por ser essencialmente narcisista, pouco representável, constituído de uma ruptura no movimento narcisista que favorece a instauração de um si mesmo e dos objetos. A ruptura é representada pelo lugar abusivo ocupado pela mãe fálica e é

vivenciada pelo sujeito como uma penetração, que possibilita modificações econômicas como o medo da passividade. No segundo nível, surge a representação de um objeto fálico parcial que leva à fantasia de potência dominadora, um pênis triunfante. Neste caso, as ofensas são com frequência praticadas de uma maneira onde as vítimas estão em posições submissas ou também práticas de sodomização.

O conceito de narcisismo fálico tem a ver com estas hipóteses, pois nestes casos de ofensas sexuais, o feminino é assimilado como passivo. Ocorre que nestes sujeitos a passividade é completamente rechaçada e funciona como uma defesa contra a posição feminino-passiva. Esta posição é inaceitável para o ideal de eu masculino, que bloqueia o acesso a identificações bissexuais e aceitação do feminino que habita dentro de si, assim ocorre o desprezo pelo feminino entendido como passivo e castrado (Chagnon, 2012).

É enriquecedor associar esses aspectos teóricos com os dados empíricos fornecidos por Penso (Penso et al., 2013). Em sua pesquisa, as autoras revelam que os adolescentes ofensores sexuais exerciam papel de “empregada doméstica” da família e viviam sempre em constante vigilância por parte da mãe. Foram coisificados e vistos desprovidos de boas qualidades masculinas, assim, necessitavam serem sempre obedientes e prestativos com toda a família. Os abusos, nestes casos, funcionaram como uma fuga a esta passivação.

2.2.1 O ofensor sexual e o domínio do objeto

Definir o conceito de domínio não parece ser uma tarefa tranquila, pois Freud utilizou-se dessa concepção em alguns momentos para definir questões distintas. Desse modo, a recomendação é de que o termo seja utilizado de maneira flexível (Cardoso,

2002). Neste trabalho, a utilização do termo ocorrerá na medida do possível, conforme usado por Balier (2000), a partir da tradução do termo *L'emprise*, traduzido por domínio.

Retoma-se o termo domínio na perspectiva de Laplanche e Pontalis (1982/1998) ao nos instruir que o conceito de pulsão de dominação foi usado por Freud em algumas ocasiões sem que seu emprego pudesse ser estabelecido com precisão. Freud entende por ela como “uma pulsão não sexual, que só secundariamente se une a sexualidade e cuja meta é dominar o objeto pela força” (p. 398). Por outro lado, Bergeret (2006) afirma que a pulsão de domínio é primitiva no indivíduo e o acompanha desde a infância, contudo, no início, o bebê procura ser uma espécie de apropriação do objeto primário para si. Portanto, sem a finalidade de obter satisfação sexual, mas de poder constituir uma representação interna, a partir do agarrar-se ao objeto primário.

Ao discutir sobre os ofensores sexuais, Balier (2000) afirma que a incapacidade para separação/individuação dos objetos primários com a presença de fortes sentimentos de fragmentação e angústias de separação contribuem para buscar na vítima o reassentimento contra a angústia de fragmentação ou aniquilação por meio do domínio à vítima.

A ameaça de perda do objeto primário também pode levar a um superinvestimento narcísico fálico, que funcionaria como forma de negar a angústia acarretada por esta ameaça de perda. Por meio do domínio ao objeto externo instauraria um recurso para evitar a possibilidade de perda. O que ocorre com boa parte dos atos de ofensa sexual é a necessidade do ofensor de dominar, apertar e assegurar como uma posse sem consideração pelo objeto, assim o domínio passa a ser uma saída também contra a passividade (Balier, 2000).

Vale e Cardoso (2017) ressaltam que a dominação da vítima seria o resultado de

uma defesa radical contra o transbordamento pulsional, pois este inunda o aparelho psíquico conduzindo ao colapso interno. A passagem ao ato sexual seria uma forma de apaziguamento deste tumulto interno, assim “estancar a angústia de aniquilamento, impossíveis de serem administradas psiquicamente pelo ego de tais sujeitos. Através do domínio da vítima transparece a falência de seus recursos internos” (p.210).

Esse transbordamento guarda relação com o que Freud (1920) propôs a respeito da para-excitação, significando que diante da precariedade na sua constituição a quantidade de excitações sem condições de serem elaboradas pelo ego, culminam na incapacidade das pulsões de ligarem-se às representações interna. Essa “pulsão solta”, ausente de um representante psíquico revela os vazios representacionais internos dos ofensores sexuais, desta forma, a projeção maciça contra a angústia de aniquilamento é externalizada por meio do domínio do objeto externo.

A reflexão proposta por Vale & Cardoso (2017) elenca justamente este mecanismo de reversão da pulsão. Os autores revelam que por meio do domínio do objeto externo com a utilização das variadas formas de uso da violência, o ofensor sexual escaparia da aniquilação e da desintegração do ego acarretado pelo medo da perda do objeto, assim inverteriam ao contrário a passividade em atividade.

A eclosão do período pubertário por si só causa desestabilização das bases narcísicas. Porém se somada a uma tendência do adolescente ao investimento exclusivo em aspectos ligados as sensações em detrimento dos investimentos que favorecem a simbolização dos representantes afetivos, tem-se, neste sentido, durante a adolescência o domínio ganhando especial atenção, pois “relações vivas dão lugar às relações de domínio; as ligações humanas se transformam em sobreinvestimentos do funcionamento mecânico do corpo e de um pensamento desligado de seu alimento afetivo; as emoções são substituídas pela busca de sensações” (Jeammet & Corcos, 2005, p.78).

Assim, o recurso ao ato pelo domínio do outro parece estar ligado a uma questão de sobrevivência psíquica. Nota-se, portanto, que nos atos de ofensa sexual a relação de poder entre agressor e vítima é evidente, o domínio ganha notoriedade na análise da conduta do ofensor, pois o recurso ao ato sexual violento funcionaria como defesa ou uma tentativa de solução frente ao déficit narcísico decorrente da ausência de imagens parentais suficientemente boas no mundo psíquico interno.

2.2.3 O inacabamento do afeto nos ofensores sexuais

Com o intuito de fornecer uma visão panorâmica a respeito das questões ligadas ao afeto nos ofensores sexuais, deter-se-á um pouco mais nesta questão devido sua importância conceitual para a presente pesquisa. A contribuição de André Ciavaldini (2005), *L'e Agir um affect inachève*, assume uma importância fundamental para a discussão do conceito de inacabamento do afeto.

Esta temática do afeto é pouco discutida, no seu aspecto psicodinâmico. Mas referindo-se aos adolescentes ofensores sexuais Ciavaldini (Ciavaldini, 2005), no entanto, apresentou o conceito de inacabamento do afeto, após perceber que a maioria dos pesquisadores que se ocupam da investigação sobre os ofensores sexuais, concordam que as dificuldades apresentadas mais frequentes inerentes aos ofensores sexuais, se referem a problemas na capacidade de reconhecer e identificar os próprios afetos e os das outras pessoas. Nesse sentido, Ciavaldini (2005), lança luz sobre a compreensão do agir sexual violento, percorrendo o caminho da constituição dos afetos, partindo da relação mais arcaica do ser humano com a figura materna, com o objeto primário.

A princípio demonstrar o significado geral do termo afeto parece ser um bom

início para compreensão, visto que não existe nenhuma tradução do termo afeto inacabado, para o português³. Buscar o significado etimológico pode contribuir para explicitar quais comportamentos estão envolvidos no termo afeto.

“Afeto s.m.(sXV) 1sentimento terno de afeição por pessoa ou animal; amizade (seu a. por nós era patente) 2p.met. o objeto dessa afeição (seu a. eram as filhas) 3PSIC sentimento ou emoção em diferentes graus de complexidade, p.ex., amizade, amor, paixão etc.” (Dicionário da Língua portuguesa Houaiss, 2012, p.62).

Pode-se notar que a etimologia da palavra afeto engloba comportamentos importantes diretamente envolvidos na dinâmica psíquica, assim o afeto é peça central dos relacionamentos humanos, para que se consiga estabelecer os vínculos interpessoais e o reconhecimento da alteridade. Dessa forma, quando se utiliza o termo afeto estamos nos referindo a sentimento e principalmente a algo que nos toca ou comove.

Para a psicanálise no âmbito teórico ou prático, o termo também possui importância crucial. O vocabulário de psicanálise nos instrui que afeto é um termo usado com o intuito de exprimir qualquer estado afetivo, penoso ou desagradável, vago ou qualificado, quer se apresente sob a forma de descarga maciça, quer como tonalidade geral, algo que nos faz sentir. Segundo Freud, toda pulsão se exprime nos dois registros, do afeto e da representação. “O afeto é a expressão qualitativa da quantidade de energia pulsional e das suas variações” (Laplanche & Pontalis, 1998, p. 09).

Assim, de princípio, o afeto se apresenta como uma pulsão carente de significado, caracterizada por uma angústia de perda ativada inerente ao nascer. Já, o termo angústia é aqui utilizado para designar o desprazer, ou seja, esse desconforto difuso que o bebê não sabe nomear obviamente por não possuir recursos linguísticos. Essa angústia seria o protótipo do afeto, estreitamente relacionada ao medo da perda do objeto, da separação (Ciavaldini, 2005).

³ *Affect Inachevé*: Tradução livre.

A este respeito Green (1982) diz o seguinte: “O universo do afeto nos é comunicável na medida em que as representações de coisa e as representações de palavra formam com ele um complexo psíquico inteligível” (p.15). Neste momento, Green evidencia, justamente, como as representações de coisa, que se tornarão representações de objeto, funcionarão como uma ponte para constituição de afeto representado. Portanto, capaz de funcionar como um fator de ligação com as figuras primárias. Mais adiante, ele completa: “...mas a impressão geral é de que o afeto se dá às vezes em sua brutalidade-querer dizer, no estado bruto sem que uma representação esteja ligada a ele” (p.16).

O protótipo de afeto necessita de uma interface para se constituir em algo que possa ser representado, sentido, integrado. Para Ciavaldini (2005), esse aspecto pode ocorrer, a partir da interação com a família, por isso, o autor defende que afeto é uma via de comunicação entre o infante e sua família, o que evidencia que é “sobre esta base que uma capacidade empática pode ser construída” (p.155).

Como explicitado anteriormente, uma importância fundamental é dada ao *holding* e *handling* materno, para o estabelecimento da vinculação mãe e bebê e conseqüentemente o bom termo do desenvolvimento psíquico estão associados às experiências corporais, desta forma, o toque seria o precursor do afeto (D. Winnicott, 1983).

Será nesta direção, das experiências corporais, sensoriais que Ciavaldini (2005) aponta para a construção do afeto: a partir do percepto somático “[...] o afeto, afeta o corpo da criança e, por meio da informação que ele veicula, autoriza ou não a transformação imediata dos perceptos em afeto” (p. 155). Assim, podemos depreender que os afetos só adquirem sentido se forem associados às experiências corporais e a partir da empatia dos cuidadores primários para com o bebê. A mãe funciona como

condutor de segurança, principalmente transmissora de afeto, somado à função paterna de apoiar a função materna no espaço familiar primário, assim a criança poderá representar o afeto.

É sabido que entre ofensores sexuais as carências afetivas que sofreram ao longo de sua história são evidentes (vide estudos de caso). Segundo o estudo de Ciavaldini (2005), cerca de 60% dos agressores sexuais não foram criados por seus pais, seja por causa das separações dos casais, visto que metade dos divórcios ocorre antes de seu décimo segundo ano, ou devido a óbitos dos pais, pois 15% dos agressores perderam seu pai antes dos 13 anos e 25% perderam sua mãe antes da adolescência, ou separações familiares por problemas de saúde (23%).

A incompletude do afeto para Ciavaldini (2005) se manifesta, principalmente, na relação entre mãe-bebê, pois para que o afeto possa ser considerado inacabado ele precisa antes ser desqualificado pelo receptor (bebê). Essa desqualificação do afeto ocorre quando a parte afetiva do cuidado materno é transmitida para o bebê de forma opaca, mecânica, ausente de tonalidade afetiva ou de uma forma excessiva que tal taxa de excitação não é tolerável pela criança. Assim, os cuidados não afetam mais a criança, não transmitindo mais os elementos que deveriam transmitir e que favoreceriam a simbolização primária.

Ciavaldini (2005) entende que o percurso para o afeto se constituir como inacabado, refere-se a algo que ocorre de uma maneira histórica no indivíduo em toda sua interação com os cuidadores primários. Estes (cuidadores) também foram afetados pela sua própria história, evidenciando um caráter de transmissão transgeracional do afeto, e quando ocorrem falhas ocasionadas por defeito ou excesso, culmina em uma perturbação na linha temporal dos vínculos. Dessa forma, o cuidado mesmo tecnicamente correto, não é mais transmissor da história do vínculo que está sendo

construído, ou seja, a linha de transmissão do afeto foi rompida, com isso o receptor não será mais sensível ao afeto. Pois, ...em sua construção histórica, ficará/ se encontrará inacabado. Isto supõe que ele não transmitirá mais os elementos que abrem o acesso à subjetivação pela excitação que ele veicula. Assim, as excitações ligadas aos cuidados não apresentam mais os índices de uma possível historicização. Os cuidados não transmitem mais além do que está a inscrição da criança em sua história. É sobre tais bases que a criança constrói sua identidade afetiva do vínculo ao objeto que constitui seu viático no conjunto de relações que ele irá implantar mais tarde. Tal identidade carrega dentro de si a matriz do vínculo ao objeto (Ciavaldini, 2005, p. 158).

Dessa forma, a relação vincular arcaica ocorrida entre mãe e bebê transporta a matriz organizadora do que mais tarde se constituirá como afeto (Ogden, 2017), além de todo significado que o termo afeto comporta, como a sensibilidade necessária para sentir os afetos ou reconhecê-los, assim possuir sensibilidade ao próprio afeto e com os outros.

Então, o que Ciavaldini (2005) chamou de afeto inacabado, foi justamente uma falha na constituição dos laços afetivos primários na relação mãe-bebê que são primordiais para a estruturação psíquica do sujeito. Esta falha acarreta fragilidade na capacidade de simbolização e também com a identificação do próprio afeto. Sendo assim, o sujeito não consegue agir de maneira empática, bem como se torna incapaz de se dar conta de seus sentimentos e dos outros.

Assim, pode-se relacionar que os efeitos dessa relação mal constituída, implicam na tentativa catastrófica de se “acabar”, a partir do agir sexual violento. Desse modo, os agires surgem exatamente nas fraturas existentes dessa constituição, instaurando também um caráter de repetição como busca para constituir o afeto que está inacabado, por meio da ofensa sexual. O agir sexual violento, portanto, denota um recurso ante à fragilidade de simbolização, manifestando condutas pouco empáticas nas quais a

impossibilidade de identificação com a vítima e com o afeto é marcante (Chagnon, 2012).

No decorrer do artigo Ciavaldini (2005), ainda indica três índices que evidenciam o não reconhecimento afetivo. Quais sejam:

1. O primeiro tem relação com o fato do agir sexual violento ser produto de uma história na relação com a mãe. Ciavaldini (2005) demonstra que a relação objetal é o produto de uma construção mediatizada pela mãe que passa pelo sensório-motricidade e engloba o objeto, a relação motora agida do objeto sobre o sujeito (bebê). A descarga motora seria, portanto, uma falta de interiorização do objeto destinado a ser integrado pela identificação motora primária, a saber: a mãe. (p.) .

2. O índice seguinte se refere ao não reconhecimento dos afetos e das experiências. Este aspecto diz respeito a como a vítima não é percebida pelo agressor em sua totalidade. Isso quer dizer que para o agressor a vítima é vista de forma parcial, desintegrada, por exemplo, partes do corpo confundidas com outra, ou até mesmo em uma desobjetalização total do outro, inclusive dos aspectos representacionais. Assim, a vítima é reduzida a uma categoria genérica, negando até mesmo o parentesco envolvido em caso de abusos intrafamiliares. Dessa forma, o agressor passa a não reconhecer as consequências de seu ato para a vítima, indicando ausência de sentimento de vergonha ou culpa.

3. No terceiro índice, o não reconhecimento da violência por parte do ofensor, de acordo com Ciavaldini (2005), assumir a violência praticada pressupõe perceber a alteridade. Nesse sentido, assumir que a violência foi dirigida contra outra pessoa é recusado pelo agressor, algo que se aproxima ao que Winnicott (2005) denominou como capacidade de envolvimento. Este índice pode ser percebido desde muito cedo, durante a infância, a partir da violência e crueldades produzidas contra animais e está relacionado

a uma dificuldade de identificação com os animais, principalmente do sofrimento.

4. O quarto índice refere-se ao não reconhecimento das consequências do ato criminoso, evidencia tratar de uma ausência de ligação entre o ato delituoso/infracional e as sanções penais envolvidas no desrespeito à lei. Contudo, este aspecto não indica que o autor de violência sexual não tenha entendimento da realidade e noção do que é certo e errado, mas uma dificuldade no âmbito narcísico e objetal que culmina na má formação de elementos que favoreçam a constituição da subjetividade. Assim, a experiência de culpa e vergonha ficam sem ser diferenciadas uma da outra ou tampouco percebidas.

5. O sexto índice refere-se ao não reconhecimento das experiências psíquicas anteriores ao ato. Este índice relaciona-se à dificuldade do ofensor em pensar sobre o comportamento delituoso antes de praticá-lo. De acordo, com as pesquisas de Ciavaldini (2005) , apenas um em cada quatro ofensores conseguem imaginar a cena (ofensa sexual) antes dela acontecer, sugerindo uma dinâmica compulsiva e incontrolável, partindo de um momento de excitação ao de loucura predominado pela sensação de incontrolabilidade. Em tal contexto, o ato surgirá em um clima de apagamento de processos representativos para uma boa parte dos ofensores sexuais.

6. O sétimo e último índice, ou seja, a dificuldade que os ofensores sexuais possuem em relação ao não reconhecimento do traumatismo em decorrência de seduções ou ofensas sexuais sofridas durante a infância, contribui para uma naturalização da violência, e também na sedução entre uma pessoa mais velha sobre a mais jovem.

Todos estes elementos evidenciados nestas seções contribuem para a compreensão da dinâmica dos agires sexuais violentos. Contudo, diante da profundidade desses conflitos no aparelho psíquico, em uma entrevista, muitos destes elementos não vêm à superfície (consciente), seja por resistências, ou pelo sujeito ficar na defensiva,

assim como por questões ligadas ao próprio não reconhecimento dos afetos. Desse modo, os métodos projetivos configuram importantes ferramentas que favorecem o acesso a estes conflitos e sua compreensão pelo acesso à dinâmica e estrutura dos sujeitos.

2.3 CONTRIBUIÇÕES DOS MÉTODOS PROJETIVOS

Assim a sistematização proposta por Emmanuelli & Azoulay (2008), contemplam exatamente as problemáticas sensíveis ao desenvolvimento adolescente, edipiana, narcísica e a perda de objeto. A partir desta sistematização Dejonghe, et al (2007), enfatizam que a organização da identidade do adolescente ofensor sexual seria primitiva ou inacabada. Dessa forma, as identificações primárias seriam idealizadas, maliciosas e poderosas, bem como os mecanismos de defesa envolvidos seriam principalmente clivagem do ego, negação e projeção.

Em se tratando de pesquisa com a utilização do Rorschach e TAT, Roman (2004), na França, realizou pesquisa com dez adolescentes que praticaram ofensa sexual. Os jovens foram divididos em dois grupos classificados por idades. No primeiro, 5 adolescentes com idades entre 13 e 14 anos. Os instrumentos indicaram instabilidade das bases narcísicas, associados à precária capacidade de vinculação com objetos externos, dados que indicam um ataque à integridade psíquica e uma ligação instável e persecutória com os objetos primários. Este primeiro grupo indicou que o baixo recurso à elaboração contribui para a dificuldade em elaborar a posição depressiva, pois os sujeitos estavam presos às questões identitárias, com fragilidade nas identificações. A diferença de sexo e de gerações era tênue ou inexistente, evidenciando fragilidade na constituição dos limites. Estes dados foram confirmados pela escassez de representação

humana no Rorschach, pois o mais próximo que chegaram de respostas com conteúdos humanos foi manifestada em respostas como: “*bonecos de neve*”. O segundo grupo é formado por adolescentes entre 14 e 17 anos. O autor ressalta que um deles apresentava conduta ligada à sedução e outros dois indicavam verdadeira ruptura de relação, evocada por um quadro psicótico. Ficou evidente que o processo da adolescência era permeado por movimentos de desinvestimento objetal e pela construção de objetos de ligação que reforçavam o modo frágil, recorrendo intensamente à clivagem. Como ocorreu no primeiro grupo, as identificações eram frágeis e não sustentavam a elaboração do conflito ligado à internalização dos bons objetos. Essas identificações estavam vinculadas às representações humanas inacessíveis ou unitárias, com ênfase especial em representações simbólicas do feminino, que podem ser encontradas nos protocolos de TAT e Rorschach.

Roman (2006) investigou com os métodos projetivos, a partir de uma ótica psicanalítica, adolescentes autores de violência sexual intrafamiliar (especificamente as ofensas ocorridas entre irmãos). O autor constatou por parte dos ofensores, uma incapacidade de realizar a experiência de separação/individuação. Segundo o autor, os dados obtidos nos protocolos de Rorschach apontam para falhas na função reflexiva que se relaciona com a internalização dos objetos. Essas falhas foram manifestadas no instrumento por uma marcada ênfase na simetria ou de resposta do tipo espelho, além de respostas contaminadas ou confabuladas que denunciam os problemas iniciais de internalização dos objetos. Assim como, respostas que refletem a ausência do objeto de apoio, que sugere o impedimento à constituição do reconhecimento da alteridade e das diferenciações, expressas por respostas com a presença de conteúdos para-humanos, recusas principalmente aos cartões IV e VI.

Dejonghe, et al, (2007), com objetivo de compreender a dinâmica psíquica de

adolescentes ofensores sexuais por meio do Rorschach, com uma amostra de sete adolescentes autores de ofensa sexual, encontraram dois tipos de protocolos do teste de Rorschach. No primeiro grupo, quatro adolescentes evidenciaram protocolos pobres e inibidos, as principais características das respostas foram a falta de simbolização e elaboração. Neste grupo, não foram encontrados indicadores psicopatológicos graves, no entanto, foram identificados dados relacionados ao F% alto e TRI do tipo coartado, prejuízos na relação com a realidade indicando F+% diminuído, constrição afetiva e emocional, baixo interesse no investimento em objetos externos (ausência de K). Assim, a diferenciação entre eu e outro se encontra mal estabelecida. É importante salientar que a imago materna é percebida pelos adolescentes deste grupo como desvalorizada e perigosa.

Já, em relação ao segundo grupo, dois adolescentes evidenciaram protocolos mais ricos, com respostas de melhor qualidade, inclusive, foram capazes de produzir respostas mais elaboradas, assim como a via emocional tem um lugar mais importante se comparado ao primeiro grupo. Contudo, às vezes a problemática narcísica oscila entre a valorização e a desvalorização, mas deixa espaço em certos momentos para a abertura a uma relação objetal. Em relação à imago materna e o feminino, existe tanto a curiosidade como o medo. Desta forma, Dejonghe, et al, (2007) enfatizam ser grande a diferença entre esse grupo de adolescentes se comparado ao que é comumente encontrado nos de adultos perversos.

Dados importantes, a propósito das respostas frequentes nos instrumentos projetivos, são evidenciados em Roman (2015). Este autor destaca que no Rorschach de adolescentes ofensores as seguintes alterações são encontradas nos protocolos: - dificuldade em regular a excitação, o que é particularmente significativo através das recusas manifestadas nas pranchas VI e IX; um movimento que se possa considerar

passivo na reunião da realidade do material, que questiona a qualidade da ancoragem à realidade e resulta em um aumento em termos dos dados esperados para critérios que se referem à qualidade do registro em uma realidade compartilhada representa por: G%, F+% e número de banalidades; marcas de negação da separação, em especial através de vestimenta do branco dos quadros; esmagamento de conflitos internos e capacidade de jogar entre afeto e representação, entre dentro e fora com uma ausência (ou quase ausência) de cinestesia humana; precariedade na construção do narcisismo produzindo respostas humanas de baixa qualidade (danificado em sua integridade, mal identificado).

Em se tratando do TAT, a análise dos protocolos de adolescentes envolvidos em ofensa sexual evidencia (Roman & Melchiorre, 2015): realidade particularmente marcada por significância (série A); uma construção de intersubjetividade frágil com baixa participação (série B); investimento excessivo em prevenção de conflitos (série C); a presença significativa de vacilações de identidade (série E); em termos de expressão de ansiedade, o lugar central ocupado por ansiedades de separação versus ansiedades de diferenciação; aspectos defensivos, a importância das defesas na forma de inibição de controle versus clivagem; finalmente, o tratamento de três pranchas do teste reflete de uma maneira muito significativas as características da dinâmica psíquica desses adolescentes com esmagador conflito edipiano (Cartão 2), dificuldade em desenvolver a experiência depressiva (cartão 3) e uma tratamento de início traumático entre negação perceptiva e experiência vivida de cena (cartão 8).

Wolff (2016), em uma pesquisa de grupo único, com adolescentes ofensores sexuais, utilizou o método de Rorschach, interpretado à luz da Escola de Paris para investigar o eixo narcísico identitário de quatro adolescentes, apresenta alguns resultados. Os protocolos de Rorschach identificaram vulnerabilidades na capacidade dos adolescentes em constituir sentimentos de continuidade e segurança de si, tais

vulnerabilidades acarretam em uma inclinação para ação (acting out), pois não houve a integração da agressividade com o afeto. Desta maneira, o agir sexual violento funcionaria como uma tentativa de restauração das bases narcísicas-identitárias responsáveis pelo estabelecimento de relações objetais saudáveis. Esses dados foram confirmados pelo baixo índice de respostas de conteúdo humano e também pouca ou nenhuma resposta de movimento humano.

A tabela abaixo fornece uma compilação dos achados pelos métodos projetivos (Rorschach e TAT), a partir das pesquisas citadas (Dejonghe, et al., 2007; Roman, 2004; Roman & Melchiorre, 2015; Wolff et al., 2016).

Tabela 2 – Aspectos dos métodos projetivos relacionados à adolescentes ofensores sexuais

Rorschach	TAT
Total de R baixo	Aumento de procedimentos da série C
Aumento de respostas (H)	Aumento de procedimentos da série E
Baixa incidência de K	Baixos recursos de elaboração de conflitos suscitados pelos cartões: Cartão 2, Cartão 3 e Cartão 8
F% aumentado	
F+% Reduzido	
Alto índice de respostas Contaminada e Confabulada	
Aumento de respostas de reflexo ou simetria	
TRI coartado	

Diante do que foi exposto, apresentaremos a seguir os resultados empíricos encontrados nesta pesquisa visando posteriormente integrá-los aos aspectos teóricos.

|

CAPÍTULO III

MÉTODO

Alves-Mazzotti (1991) propõe a existência de três etapas nos estudos qualitativos: um período exploratório, cujo principal objetivo é proporcionar uma visão geral do problema e contribuir para a focalização das questões e definição preliminar das fontes de dados e indicação de instrumentos; outra etapa, seria a investigação focalizada, na qual se investigam os focos indicados pela análise inicial; e a última etapa é a análise dos resultados, compreendendo a delicada apreensão dos significados.

Neste trabalho, a fase exploratória teve como finalidade, desenvolver uma formulação mais precisa do problema, elevar o conhecimento do autor sobre o problema, estabelecer as categorias conceituais preliminares que envolvem o objeto de estudo, identificar e formular uma estratégia de investigação, buscando uma coerência entre o objeto, um método de pesquisa, as fontes de dados e os referenciais de análise para os resultados (Abreu, 2017). Como parte da análise exploratória foi realizado levantamento bibliográfico em livros, em revistas especializadas, consultas a teses e dissertações e um levantamento acerca da ocorrência de pesquisas prévias sobre a temática, chegando a algumas categorias conceituais preliminares que poderiam orientar a continuidade do estudo.

Dentro da denominação de “pesquisa qualitativa”, encontram-se vários tipos de abordagens, pois cabe ao pesquisador definir qual delas se adequa ao seu objetivo de pesquisa. Uma abordagem que pode ser utilizada atualmente é o método clínico-qualitativo que segue a linha qualitativa sobre um olhar clínico. Na utilização do referido método, está patente o caráter indutivo das pesquisas qualitativas.

Investigar o fenômeno das relações primárias de objeto em adolescentes ofensores sexuais, a partir das manifestações dos conflitos inconscientes, se apoiando em uma prática psicodinâmica, requer trilhar um caminho que permita coletar os dados de maneira profícua. Para isso, o caminho proposto visa levar em consideração o aspecto universal ligado às relações primárias de objeto e às singularidades de cada indivíduo. Assim como se preocupar com o estabelecimento de uma relação baseada em vínculo de confiança, entre pesquisador e participante e propiciar um ambiente acolhedor e de escuta empática, para compreender a situação pelo ponto de vista do participante, e seu estado emocional.

Turato (2000) sintetiza o método clínico-qualitativo como aquele que se modificou a partir de um refinamento dos métodos qualitativos, ocorrendo da seguinte forma no método clínico qualitativo: com apresentação de estudo de caso, como apresentado por Turato (*idem*) delineado em um modelo clínico de investigação. Seguindo nesta direção, Hussain (1991) e Turato (*idem*) asseveram que na proposta clínico-qualitativa o que se analisa são os aspectos individuais e suas particularidades levando em consideração as subjetividades, os elementos psicodinâmicos inconscientes. Nota-se o alinhamento metodológico clínico qualitativo com relação à proposta desenhada por esta pesquisa em relação às variações apresentadas pela própria amostra. Neste sentido, a utilização de grupo de controle é desnecessária (Wolff, 2012) na medida em que se propõem estudos de casos múltiplos em uma estratégia de pesquisa multimetodológica.

Trata-se de uma pesquisa descritiva-exploratória sobre a dinâmica dos afetos na vida psíquica de adolescentes que cometeram algum tipo de ofensa sexual. Diante da heterogeneidade dos casos que envolvem ofensores sexuais adolescentes (Dejonghe, et al., 2007; Roman, 2004) preocupou-se em respeitar os aspectos idiossincráticos de cada

participante, assim utilizou-se o estudo de casos múltiplos (Stake, 2011). Não obstante, o estudo de casos múltiplos não busca à replicação, mas sim à possibilidade de criar linhas de divergência e convergência, sem necessariamente, avaliar a incidência dos fenômenos, mas sim entender o contexto no qual ele se construiu. Assim, segundo Yin (2005), nosso estudo foi do tipo descritivo-exploratório visando responder como os participantes adolescentes ofensores sexuais são impactados nas relações de objeto primário. No contexto das pesquisas em saúde mental as questões íntimas e delicadas são abordadas, assim, as entrevistas e os procedimentos projetivos ganham destaque por criarem um campo promotor por meio do estabelecimento de uma relação transferencial (Turato, 2000).

3.1 PARTICIPANTES

Uma questão que parece unanime nas pesquisas com adolescente ofensor sexual se refere ao fato de se tratar de uma população totalmente heterogênea em diversos sentidos, como faixa etária da vítima, formas de praticar as ofensas, questões sociofamiliares, entre outras (Dejonghe, et al., 2007; Roman, 2004).

Nessa mesma direção, a amostra de participantes também se tratou de uma amostra heterogênea, no sentido do perfil das vítimas escolhidas, abusos intra e extrafamiliares, tipos de ofensas cometidas. A Tabela (3) abaixo fornece uma apresentação do perfil dos participantes. Participaram desta pesquisa cinco adolescentes, com idades entre 14 e 19 anos, em cumprimento de medida socioeducativa de privação de liberdade, por terem cometido ato infracional igual ou análogo ao de estupro.

Tabela 3 – Apresentação do perfil dos participantes da pesquisa

	Idade	Número de Vítimas	Idade das Vítimas	Sexo das Vítimas	Vínculo com a vítima	Ofensas cometidas	Reconhece o fato	Composição Familiar
André	14	01	03 anos	Feminino	Não	Coito anal e vaginal. Assassinato da vítima	Sim	Reside com os pais e 3 irmãos
Benício	18	02	04 e 12 anos	Feminino	Sim (irmãs)	Coito vaginal	Não	Mãe e 2 irmãs
Cléber	15	02	05 e 06 anos	Masculino	Sim. Sobrinhos	Sexo oral e anal	Em partes	Mãe, irmãs e sobrinhos
David	19	01	07 anos	Masculino	Sim. Mesma instituição de acolhimento	Sexo Anal	Não	Instituição de Acolhimento
Esdras	14	01	±25 anos	Feminino	Não	Sexo Vaginal e oral	Sim	Avós

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética de acordo com a resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Todos os participantes assinaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (Anexo). Conforme procedimento para preservar a identidade e o sigilo envolvido todos os nomes foram trocados.

3.2 INSTRUMENTOS

Os instrumentos utilizados nessa pesquisa foram: entrevista semiestruturada a partir de um roteiro elaborado pelo grupo de pesquisa (Anexo), Rorschach e TAT. O conjunto desses instrumentos utilizados em pesquisa clínica aliados aos conceitos psicanalítico evidenciam um método extremamente profícuo para investigação em pesquisa.

A entrevista psicológica como instrumento clínico contribui para o estabelecimento de uma relação entre entrevistador e entrevistado que pode favorecer a

criação de um *rapport*. Essa interação possibilitará conhecer o entrevistado e assim proceder com os demais instrumentos. Conforme postula Okino, et, al (2019), a entrevista configura-se em um importante recurso que permite a investigação do modo de ser da pessoa, a rotina, as vivências atuais e passadas, bem como o que se espera do futuro, além de ser possível o conhecimento da qualidade das relações interpessoais dos sujeitos. Neste sentido, pode-se pensar que no contexto da entrevista e da aplicação dos métodos projetivos a possibilidade de um relacionamento transferencial pode ser evocada, corroborando assim com a investigação dos modos que os sujeitos formam os seus vínculos. Assim, transferindo elementos dos relacionamentos passados para atualizá-los na figura do entrevistador.

Com relação às técnicas projetivas Rorschach e TAT, Chabert (2004) enfatiza que a utilização dos dois instrumentos em conjunto contribui para uma investigação precisa da dinâmica e estrutura psíquica dos sujeitos. Isto se deve ao fato dos dados oriundos dos métodos projetivos contemplarem aspectos cognitivos e também por funcionarem como mediadores que reativam problemáticas de caráter psicodinâmico envolvendo aspectos de eixos primordiais estruturantes da vida psíquica aos eixos narcísicos e/ou objetal. Além de possibilitarem a investigação quantitativa e qualitativa (Chabert, 2004). Assim por meio de sua aplicação é possível investigar elementos que são pertinentes ao escopo desta pesquisa, que se referem à investigação psicodinâmica dos sujeitos, em especial as relações primárias e aos afetos.

Diante de tamanha complementariedade entre as duas técnicas, aspectos importantes foram recentemente apontados por Chabert et al (2020), no manual que faz referência a integração dos dois instrumentos. Para os autores (Chabert et al., 2020), essa complementariedade é possível por se tratar de técnicas que possuem na sua construção elementos projetivos diferentes. Um importante fator que faz com que se

evite a redundância entre elas, pois enquanto uma das técnicas, grosso modo se trata de uma tarefa de reconhecimento (Rorschach) favorecendo a projeção dos afetos mais profundos, a outra trata de um investimento no que já é reconhecido pelo sujeito (TAT) suscitando o trabalho de ligação pulsional. Assim essa diferença permite a complementação dos resultados de forma precisa e confiável ao processo avaliativo de forma a evitar possíveis pontos-cegos (Chabert et al., 2020).

O Rorschach é composto por dez cartões com manchas de tinta, cinco pretas e branca e cinza e cinco com cores cromáticas. A tarefa consiste em dois momentos, no primeiro, os sujeitos são solicitados a dizer o que a mancha se parece: *O que isto poderia ser?* No segundo momento, chamado de inquérito, o aplicador precisa esclarecer onde o sujeito viu e como ele viu, para que o avaliador possa realizar a cotação da resposta (Trautenberg, 1998, p. 6). Esse segundo momento é de grande importância para o entendimento das respostas dadas diante dos estímulos das manchas, pois tudo que foi percebido pelo sujeito é codificado, ou seja, são transformados em códigos para que se possa assim realizar a correção quantitativa do instrumento. Para Trautenberg (1998), uma resposta só é passível de cotação se ela possuir as categorias principais de uma resposta: localização, determinante, conteúdo.

As localizações se referem aos modos de apreensão do percepto se o sujeito apreendeu a totalidade da mancha (ex: resposta Global, G) ou em uma parte considerável (grande Detalhe D) ou até mesmo em uma pequena parte (pequeno detalhe Dd) e os detalhes intermaculares (Dbl) (Chabert, 2004; Trautenberg, 1998). Os determinantes compõem o núcleo das cotações do instrumento. Esta categoria tem a ver com: o que na imagem determinou a percepção dos sujeitos. São classificadas pela forma (F), pelas cinestésias ou movimentos (K, Kan, Kp), as cores, a sensorialidade (C, CF, FC, C', C'F, FC'), as respostas em estompagem (E, EF, FE), e as correlações ao

claro e escuro (Clob, ClobF, FClob). Na última categoria, cota-se o conteúdo percebido, que pode ser variado, um aspecto que se refere às interpretações perceptivas feitas pelo examinando, além de indicar o nível de vitalidade das respostas. O psicograma corresponde à correção quantitativa dos códigos realizando a soma ponderada de todas estas categorias, assim como o número de resposta total, o tempo de latência e o tempo total (Pasian & Amparo, 2018). Na esfera qualitativa, preocupa-se com o conteúdo latente suscitado por cada cartão, além dos fenômenos especiais que possa haver ou não em cada resposta (Traubenberg, 1998).

Em síntese, para realizar a cotação das respostas é preciso seguir três critérios essenciais: localização ou apreensão, determinante e conteúdo. Além disso, para que se consiga chegar na codificação precisa das respostas emitidas pelos sujeitos o trabalho de escuta das respostas e exaustiva leitura do protocolo favorecem a acuidade profissional, assim a análise do Rorschach permite a comparação com dados normativos e também com o levantamento de elementos psíquicos proeminentes (Chabert et al., 2020).

Diferentemente do Rorschach, o TAT consiste em um instrumento com imagens estruturadas (apenas o cartão 16 é em branco). Estas imagens são apresentadas aos sujeitos, uma por uma, e são solicitados a imaginar histórias a partir de cada cartão. Esta tarefa permite a análise das representações de afetos e dos mecanismos de defesa por meio de procedimento de análise do discurso. Estes procedimentos utilizados pelos sujeitos são estabelecidos pela folha de cotação elaborada pela Escola de Paris (Brelet-Foulard & Chabert, 2005; Chabert et al., 2020; Lelé, 2018).

A composição total do TAT é de dezoito cartões, contudo, não são todos os cartões aplicados, pois a ordem da aplicação dos cartões é variada. Essa variação tem a ver com a idade e o sexo da pessoa submetida ao instrumento, segundo o manual que

norteia a aplicação e correção, *Novo manual do TAT: Abordagem psicanalítica* de Brelet-Foulard & Chabert (2005). Na tabela abaixo podemos conferir estas variações.

Tabela 4 – Variações da ordem e obrigatoriedade da apresentação dos cartões do TAT

Cartão	1	2	3 RH	4	5	6RH/ 7RH	6MF/ 7MF	8 RH	9 MF	10	11	12 RM	13 R	13 HF	19	16
Sexo e Idade																
Homem	*	*	*	*	*	*		*		*	*	*	*	*	*	*
Mulher	*	*	*	*	*		*		*	*	*	*	*	*	*	*
Menino	*	*	*	*	*	*		*		*	*	*	*		*	*
Menina	*	*	*	*	*		*		*	*	*	*	*		*	*

Fonte: Brelet-Foulard & Chabert (2005).

Assim como no Rorschach, o TAT possui um sistema de cotação, a diferença no caso do TAT é, por se tratar de um método em que o sujeito é convocado a produzir histórias, assim, a cotação é realizada a partir da análise minuciosa das narrativas do examinando em cada cartão. Portanto, é de suma importância que o clínico ao realizar suas anotações, no momento da aplicação, o faça de maneira que transmita todas as verbalizações “é portanto essencial transcrever o discurso do sujeito o mais fiel possível”(Brelet-Foulard & Chabert, 2005, p. 55).

O processo de codificação do TAT é norteado pela folha de cotação (Brelet-Foulard & Chabert, 2005), onde são descritos todos os procedimentos de discurso. A folha de cotação na versão utilizada nesta pesquisa⁴ contém 53 procedimentos divididos em quatro séries: Série A contém procedimentos rígidos ligados aos mecanismos de controle; na série B, possui os mecanismos ligados à labilidade afetiva, compatível com procedimentos do tipo histérico; a série C evidencia-se por defesas baseadas em evitação de conflito, baseada em modelos narcísicos; a última, série E, encarrega-se da emergência dos processos primários, comuns nos casos de psicose (Lelé, 2018).

⁴ Após a realização das cotações e interpretações dos dados do TAT norteado por Brelet-Foulard & Chabert (2005), foi editado na França o manual que faz a integração do Rorschach e TAT (Manuel du Rorschach et du TAT, Chabert et al, 2020), nesse novo manual consta uma serie adicional (Serie D) que trata a respeito de procedimentos relacionados a manifestações fora das narrações, contudo por ter sido editado após a realização das cotações neste trabalho, não fizemos menção aos procedimentos da serie D.

O processo de interpretação do protocolo funciona a partir da contagem e classificação de todos os procedimentos do discurso utilizados pelos sujeitos, e posteriormente, a apuração dos procedimentos utilizados com maior frequência. Grosso modo, um sujeito que recorre intensamente a procedimentos da série B, mais especificamente B3, pode indicar a existência de conflito neurótico, pois o procedimento referido revela a utilização de defesas tipicamente históricas ou obsessivas. É claro que essa análise não ocorre apenas a partir de fatores isolados, a análise prancha por prancha assim como o entrelaçamento com a representação evocada pelos cartões são importantes indicativos (Chabert et al., 2020).

É importante elencar as intensas discussões sobre a validade e fidedignidade (Keogh, 2018) destes instrumentos, algo que vem ocorrendo com frequência no meio científico evidenciando ser um campo bastante controverso. Basicamente os argumentos contrários aos métodos projetivos se referem às validades psicométricas destes instrumentos e baixa confiabilidade teste-reteste (Garb et al., 2005; Lilienfeld et al., 2000). Não obstante, nota-se que os métodos projetivos como o Rorschach e o TAT estão entre os instrumentos mais utilizados no mundo, seja no contexto clínico ou jurídico (Lilienfeld et al., 2000). Keogh (2018) assevera que o tipo de metodologia utilizada para inferir questões de validade dos métodos projetivos não é adequada, inclusive, em alguns estudos o Rorschach apontou que possui validade global suficiente para produzir índices, além de apresentar validade maiores que o MMPI por exemplo, em alguns casos.

Desta forma, pode-se justificar que a utilização de entrevista, métodos projetivos (Rorschach e TAT) na pesquisa de adolescentes ofensores sexuais, somado ao fato de se tratar de uma população bastante heterogênea, uma avaliação individualizada que respeita a singularidade de cada indivíduo, parece compatível com a demanda de

avaliação desta população.

3.2.1 Procedimentos para coleta dos dados

A seleção dos participantes ocorreu por conveniência, pois o acesso a esta população é bastante difícil, por diversos fatores. No entanto destaco as maiores dificuldades que nos deparamos ao longo da coleta de dados. Primeiro, enfrentou-se a burocracia de documentação para ingressar nas instituições de internação: é necessário obter uma autorização com Juíza ou Juiz responsável, após esta liberação é necessária outra liberação junto ao órgão responsável pela manutenção da Instituição socioeducativa. Feito isto, inicia a busca pelo adolescente que tenha praticado ofensa sexual e esteja cumprindo medida de internação, é um processo complexo, pois esses adolescentes geralmente são invisibilizados no sistema sócio educativo e poucos deles que se encaixam ao perfil desta pesquisa foram encontrados. A maior parte desses adolescentes, sobretudo os que cometeram abuso intrafamiliar, encontram-se em liberdade assistida por questões de segurança. No contexto da instituição, o acesso ao adolescente não é fácil, é necessário adequar-se aos procedimentos de segurança, pois os adolescentes ofensores sexuais ficam separados dos demais, assim, para transitar com eles é necessário que todos os outros estejam em seus alojamentos sob o risco de atentado físico.

Mesmo quando eles são localizados no sistema e recebemos autorização para a pesquisa, é difícil um momento que possibilite o encontro a sós, por questões de falta de espaço físico das instituições e também de segurança. O aspecto dificulta a coleta de dados, pois a preocupação com o sigilo e com a criação de uma relação de confiança fica prejudicada. O que se pretende com esse breve relato não é julgar os procedimentos

das instituições ou do poder judiciário, pois é preciso reconhecer a importância com os aspectos de segurança, mas apontar o quanto o acesso a essa população é difícil e como mesmo no contexto institucional a perspectiva de um acolhimento terapêutico é muitas vezes inviabilizado.

Os adolescentes dessa pesquisa foram encaminhados por psicólogas (os) e assistentes sociais das instituições. Após assinatura do termo de consentimento/assentimento (Anexo), foram realizadas entre quatro e cinco encontros. Durante a coleta de dados ficaram presentes apenas pesquisador e participante. Os instrumentos foram utilizados na seguinte ordem de aplicação: entrevista, Rorschach e TAT, mas ao final de cada avaliação foi realizada uma entrevista devolutiva. Foi aplicado um instrumento por encontro. No caso do TAT, foram aplicados os cartões 1,2,31, 2, 3RH, 4, 5, 6RH, 7RH, 8RH,10, 11, 12RM, 13R, 19 e 16, seguindo as orientações do Novo Manual do TAT: Abordagem psicanalítica (Brelet-Foulard & Chabert, 2005).

3.2.2 Procedimentos para análise dos dados

A investigação da personalidade configura um campo bastante vasto, pois muitas são as suas características e particularidades. Os instrumentos projetivos utilizados na pesquisa seguiram a norma de aplicação e cotação da Escola Francesa (Escola de Paris) seguindo os passos de cotações conforme os manuais dos referidos instrumentos. Para aferir os índices de confiabilidade da cotação, os instrumentos foram cotados por três pesquisadores treinados com vasta experiência na utilização dos métodos projetivos. As divergências eram discutidas até chegar a um consenso e as cotações finalizadas de acordo com a concordância dos pesquisadores.

O Rorschach foi interpretado, de acordo com o referencial teórico da Escola de Paris (Chabert, 2004; Emmanuelli & Azoulay, 2008; Freitas, 2016; Pasian, 2010; Pasian & Amparo, 2018; Traubenberg, 1998). Nesta perspectiva, podem-se analisar os componentes essenciais da psique com os quais os indivíduos são constantemente confrontados, e pela sua importância abarcam as representações primárias assim a análise contempla dois eixos principais: narcísico e objetal (Chabert et al., 2020). Acrescenta-se a isso, dados que foram analisados a partir de duas perspectivas: quantitativa e qualitativa. No primeiro caso, foram estabelecidos os índices que a partir dos significados das cotações das repostas foram associados ao escopo da pesquisa. A tabela abaixo fornece os indicadores elencados para análise dos protocolos de Rorschach.

Tabela 5 – Indicadores relacionados aos eixos narcísico e objetal nos protocolos de Rorschach

Eixo Narcísico	Eixo Objetal
Representação de si: <i>Identidade</i> → Qualidade das identificações primárias e dos funcionamentos narcísicos: Integridade das representações humanas, grau de realidade ou de vida (qualidade das F, das K, das H, Hd, Anat)	Representações de relações: Análise das K, Cartões bilaterais (II, III, VII), Cartões VII e IX
Integridade da representação animal, grau de realidade ou de vida (qualidade das F, das K, das H, Hd, Anat);	Tratamento dos afetos: análise das respostas sensoriais, reatividade aos Cartões Vermelhos, Pretos, Cinzas, Pastel, Prova das escolhas, RC%.
Representação de si: <i>Identificação</i> → Características dos movimentos de	→ Qualidade do investimento das representações relações e dos afetos

identificações secundárias: Análise das H, das K e de seus graus de realidade ou de vida	
Qualidade do investimento da representação de si	Prevalência das representações ou dos afetos- ligação afetos / representações – natureza da angústia – natureza do conflito.
	Análise das respostas nos cartões de representam figuras primárias: I, III, VII e IX

Fonte: Emmanuelli & Azoulay (2008).

A análise dos dados do TAT seguiu o recomendado pelo *Novo Manual do TAT: Abordagem Psicanalítica* (Brelet-Foulard & Chabert, 2005). No caso do TAT, todos os cartões podem funcionar como desencadeadores de problemáticas narcísicas ou objetais (Brelet-Foulard & Chabert, 2005). Preocupou-se em ficar atento a alguns procedimentos que fazem menção diretamente aos aspectos ligados ao estabelecimento de formação de vínculos, de acordo com o postulado pelo referido manual e também por Emmanuelli & Azoulay (2008).

Conforme acentuado por Emmanuelli e Azoulay (2008), no TAT os procedimentos que representam as relações investidas libidinalmente ou agressivamente são os procedimentos B1-1. Acento colocado sobre as relações interpessoais; B3-2 erotização das relações; A2-4 Ir e vir entre expressão emocional e defesa.

Assim como nos aspectos relacionais, na esfera afetiva estes dados do TAT se apresentam com muito mais compreensão, a partir da análise do protocolo como um

todo do que com relação aos aspectos isolados. Não obstante, é possível que alguns procedimentos evidenciem, tal aspecto, como é o caso dos procedimentos A2 e B2, e mais especificamente os procedimentos B1-3 e B2-2, que se orientam no sentido de indicar movimentos emocionais que denotam uma ligação autêntica entre afetos e representações (Emmanuelli & Azoulay, 2008). Os índices abaixo fornecem um panorama dos elementos a serem analisados no TAT:

1. Procedimentos prevalentes e mecanismos de defesa

- | | |
|--|---|
| A: Procedimentos rígidos | A1: Referência à realidade externa
A2: Investimento da realidade interna
A3: Procedimentos de tipo obsessivo |
| B: Procedimentos lábeis | B1: Investimento da relação
B2: Dramatização
B3: Procedimentos de tipo histérico |
| C: Evitação do conflito | CF: Superinvestimento da realidade externa
CI: Inibição
CN: Investimento narcísico
CL: Instabilidade dos limites
CM: Procedimentos anti-depressivos |
| E: Emergências dos processos primários | |
| E1: Alteração da percepção | E2: Utilização maciça da projeção
E3: Desorganização das demarcações identitárias e
objetais.
E4: Alteração do discurso |

2. Avaliação da organização defensiva: modalidades, eficácia:

→ Rigidez, labilidade, inibição.

→ Registro _____ neurótico, limite, psicótico.

CAPÍTULO IV

APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS E DISCUSSÃO

*on ne peut réellement aimer que si l'on s'est suffisamment
aimé soi-même et l'on ne peut
s'aimer soi-même que si l'on a été suffisamment aimé.*
(Chabert et al., 2020, p. 78)

O que se pretende com este capítulo é discutir a articulação entre os aspectos teóricos expostos ao longo deste trabalho com os empíricos realizados a partir do encontro com cada adolescente participante da pesquisa. Para isso, o capítulo inicia com uma breve descrição de como foi realizado o processo de ir ao encontro dos adolescentes, assim como salientar a qualidade da relação entre pesquisador/participante estabelecida durante o processo de coleta de dados. Em seguida, será apresentada a exposição dos resultados quantitativos gerais das técnicas projetivas, integrando com os resultados qualitativos e o referencial teórico. Em se tratando da apresentação dos dados, no caso do Rorschach, o direcionamento foi de apresentar os dados gerais dos protocolos comparando com amostras normativas de adolescentes (Jardim Maran, 2011). No caso do TAT, serão apresentados os dados gerais comparando os dados entre os próprios participantes da pesquisa. Por último, foram apresentados dois estudos de caso selecionados entre a amostra de participantes.

4.1 A RELAÇÃO TRANSFERENCIAL NAS ENTREVISTAS

Não foi objetivo desta pesquisa executar diagnóstico nosológico dos participantes, preocupou-se em realizar escuta compreensiva dos sujeitos, assim como, a partir do auxílio das técnicas projetivas compreender os elementos psicodinâmicos,

mais especificamente ligados às relações primárias e afetos. Desta maneira, contribuir para uma explanação que contemple os aspectos idiossincráticos de cada participante.

Com a finalidade de ter acesso aos adolescentes e contar com o auxílio e mediação da equipe técnica de cada instituição, é crucial para o bom termo da pesquisa, ressaltar que todos os adolescentes participantes estavam institucionalizados. Por isso, foi muito importante essa mediação proporcionada pela equipe técnica como forma de aproximação dos adolescentes, pois o acesso a esta população é muito difícil. O estigma que envolve o tipo de ato infracional cometido por eles, faz com que fiquem em alojamentos separados dos demais adolescentes (denominado “seguro” na linguagem carcerária e socioeducativa). Desta forma, o procedimento de ir ao encontro deles requer um esquema de segurança maior, o que acaba demandando mais tempo e agentes para realizarem a escolta com maior segurança até o pesquisador.

Preocupou-se com o estabelecimento de vínculo de confiança, condição fundamental para a criação de relação benéfica para ambos (pesquisador/participante), assim, propiciar um ambiente acolhedor e de escuta empática, contribuindo para minimizar riscos aos participantes. Para tanto, o pesquisador necessitou demonstrar capacidade em escutar atentamente o relato dos participantes, e também o comportamento não verbal, compreendendo a situação pelo ponto de vista do participante, e seu estado emocional, ou seja, conectar-se emocionalmente com ele, legitimar suas emoções e sentimentos e promover apoio (Monêgo, 2016). Contudo, dificuldades para construir tal espaço foram encontradas e se deve ao fato de que as instituições socioeducativas visitadas, não possuíam locais específicos para o atendimento psicológico, o que configura um empecilho à atividade vincular, pois o momento de ficar a sós em um lugar que permita o sigilo profissional denota ser um fator que propicie a instauração da relação terapêutica positiva (Gillieron, 2004).

Outro aspecto que vale a pena ressaltar, refere-se à necessidade de desvincular a figura do pesquisador com a das equipes técnicas da instituição socioeducativa e do Poder Judiciário, evidenciando que a participação na pesquisa não implicaria em castigos como o aumento da medida ou em liberação do cumprimento da medida, isto é, priorizou-se o relacionamento transferencial entre pesquisador e participante. Por esta via, padrões de relacionamentos inconscientes são revividos na relação atual com o analista (pesquisador) (Laplanche & Pontalis, 1998). Outro aspecto importante foi o pesquisador ter se colocado à disposição dos adolescentes para atendimento psicoterapêutico posterior ao término da pesquisa, assim todos os sujeitos de pesquisa optaram por continuar com o atendimento.

No que se refere aos modos de relações interpessoais construídas com os adolescentes, de uma maneira geral, o contato com todos foi baseado em uma forma acolhedora, o que pôde proporcionar aos adolescentes diferentes tipos de associação que foram para além do escopo desta pesquisa. Assim, a título de esclarecimento, podemos salientar as seguintes passagens durante as entrevistas: O participante André desenvolveu um tipo de relação caracterizada por uma busca do pesquisador por uma representação capaz de solucionar dúvidas elementares e sempre perguntando com ansiedade quando seria a próxima sessão. Frequentemente André perguntava coisas do tipo: *Você gosta de pastel?(sic)*, *Você já surfou?(sic)*, *Você já foi a praia?(sic)*. Benício, ao longo de todas as sessões, demonstrou uma relação baseada em traços narcisistas e sedutores, frequentemente verbalizava coisas do tipo: *“Faço muito sucesso com garotas”*, *“Sou um excelente jogador de futebol” (sic)*, *“Você poderia conseguir um time para mim jogar profissionalmente?” (Sic)*. Com Cléber a conversa era um tanto quanto lacônica, respondendo apenas o que era perguntado, denotou ser um adolescente bastante tímido. Por outro lado, Esdras, principalmente nos primeiros atendimentos,

sinalizou bastante resistência em ser submetido aos métodos de coleta de dados, contudo, aos poucos foi demonstrando conduta solícita às atividades propostas.

Aspectos singulares foram encontrados nos relatos, acerca do ato infracional cometido. Um dos relatos que mais chama atenção é o de André, o adolescente é um dos únicos que assume o ato infracional cometido, falando até mesmo sobre a quantidade de sêmen que saiu durante o ato sexual. Já Benício, nega o ato infracional ao qual lhe é imputado com veemência. Relata que isso foi um tipo de armação que suas irmãs fizeram contra ele, contudo, diante da robustez da denúncia contra o jovem fica evidente sua participação no ato infracional. Cléber por sua vez, assume o ato parcialmente na tentativa de atenuar a medida infracional da ação cometida, denota uma postura evitativa ao falar no assunto. David ao se expressar sobre esse assunto demonstra bastante raiva, pois considera uma injustiça o que fizeram com ele, principalmente por ter sido vítima de abuso anteriormente. Esdras ao se referir sobre o assunto revela que não se lembra com clareza do que ocorreu, pois estava sobre efeitos de substâncias ilícitas.

De uma maneira geral, todos evidenciaram estar engajados no processo de pesquisa, ao término de cada atendimento todos perguntavam ansiosos quando seria o próximo encontro. Este aspecto é importante salientar, pois todos ficavam em alojamentos isolados, os sentimentos de solidão que apresentavam diante desse fato pode ser constatado pela carência no contato interpessoal que verbalizavam. Outro dado relevante refere-se ao fato de todos os participantes quererem tatuar o nome da mãe no antebraço, um aspecto que foi interpretado como uma tentativa por parte dos adolescentes de eternizar na pele a figura materna.

Em relação aos vínculos familiares dos participantes, apenas André possui relação com o genitor, os demais não possuem vínculos com a figura paterna. Já, David

foi o único participante que viveu em um abrigo dos onze meses de idade até os 18 anos. Esdras possui vínculo com a figura materna interrompido, é cuidado pela avó.

4.1.2 Sobre os instrumentos projetivos

Os instrumentos projetivos confrontam os indivíduos com problemas que são inerentes a todos os seres humanos ao longo de todo seu ciclo vital (Chabert et al., 2020). Essas problemáticas se instauram em eixos que são estruturantes da vida psíquica, desde a construção do ego, narcisismo e seus conteúdos representacionais internos, e assim atestarão a qualidade das relações de objetos futuros (Chabert et al., 2020; Laplanche & Pontalis, 1998).

4.1.3 Os resultados gerais do Rorschach

A exposição dos resultados seguiu as orientações do estabelecido pela Escola de Paris (Chabert, 2004; Chabert et al., 2020; Jardim Maran, 2011; Traubenberg, 1998). A tabela abaixo permite a visualização panorâmica dos dados oriundos do Rorschach, comparando com a amostra normativa (Jardim Maran, 2011) de acordo com a Escola de Paris.

Tabela 6 - Dados gerais do Rorschach

Indicadores	André	Benicio	Cléber	David	Esdras	Norma*
R	24	15	20	29	18	17,6
G%	50%	53,33%	30%	44,8%	67%	35%
D%	20,8%	33,33%	40%	48,2%	0,0	33,4%
Dd%	16%	13,33%	20%	6,9%	27%	30,3%
Dbl%	12,5%	0	10%	10,3%	5,5%	1,1%
F%	66%	53,33%	75%	51,7%	77%	54,5%
F+%	15%	50%	46,6%	33,3%	21,4%	55,6%
F+ext%	34%	46,66%	55%	31%	23,5%	57,3%
H%	20%	13,33%	5%	3,4%	22,2%	20,9%
A%	46%	60%	80%	58,6%	94,4%	51%

Ban%	8,3%	26,66%	15%	6,9%	0,0	17%
K: Σk	2:3	3:4	0:1	0:9	0:0	0,8:1,7
FC:CF+C	0:2	0:0	2:0	1:1	1:0	2,1:2
FC':C'F+C'	1:0	0:0	1:0	4:0	0:1	
FE:EF+E	0:0	0:0	1:0	0:0	1:0	0,7:0,4
Controle dos impulsos ($\Sigma C: \Sigma E$)	2,5:0	0:0	1,5:0,5	1,5:0	1,5:0,5	
Tipo de Ressonância Intima ($K: \Sigma C$)	02:03 Coartativo	3:0 Introversivo	0:1,5 Coartativo	0:1,5 Coartativo	0:1,5 coartativo	Extratensivo
Tendências Latentes ($kan+Kob+kp: \Sigma E$)	03:00 Introversivo	4:0 Introversivo	1:0,5 Coartativo	9:0 Introversivo	1:0,5 Coartativo	Extratensivo
H+A:Hd+Ad	7:9	9:2	17:0	17:1	04:17	
H:Hd	2:3	2:0	1:0	1:0	0:4	
Índice de Angústia	29%	6,66%	0%	0%	22,2%	
Reatividade afetiva	25%	33,33%	40%	41,3%	22,2%	

Fonte: Jardim Maran O psicodiagnóstico de Rorschach em Adolescentes normas e evidencia de validade (2011).

Partindo da análise do número de respostas, que se relaciona à capacidade produtiva dos adolescentes (Chabert et al., 2020; Traubenberg, 1998), os dados sugerem número de respostas dentro do esperado na maioria dos casos, apenas David que manifestou um número maior de respostas. Contudo, a principal característica de seu protocolo é a quantidade elevada de determinantes agressivas e/ou impulsivo, o alto número de respostas apresentadas em seu protocolo parecem se relacionar ao seu comportamento impulsivo. Esses dados foram revelados pela grande incidência dos conteúdos agressivos, Kan elevado e Kob elevado.

Em relação aos resultados referentes à análise dos modos de apreensão, especificamente no que tange às respostas globais (G), que se referem a um intrincamento entre os processos de eficiência cognitiva, assim como da construção de identidade (Chabert, 1997; Chabert et al., 2020), os protocolos dos adolescentes, indicaram o número de respostas Globais acima da média quando comparado à faixa

etária. Estes dados sugerem que tendem a recorrer a um modo de apreensão mais econômico, que não exige muito esforço, assim como pode indicar também uma forma de inibição ante os conteúdos que causam desagrado, agravado também pelo fato que estas respostas globais, em sua maioria, se tratam de G simples, acompanhadas de reduzida qualidade formal ($F+\downarrow$; $Ban\%\downarrow$). O que indica prejuízos na eficiência dos processos cognitivos dos adolescentes, e também na representação de si (Chabert, 1997; Chabert et al., 2020).

Um aspecto relevante a salientar é que no caso de André muitas respostas Globais encontradas em seu protocolo vieram acompanhadas de Dbl o que exprime a ideia de agressividade (Trautenberg, 1998).

O número de respostas contaminadas (DG) é característica marcante do protocolo de André e do de Benício. No caso de André, que ao todo foram 11 repostas contaminadas em seu protocolo, trazemos um interessante exemplo que o adolescente fornece na Prancha I: *Isso poderia ser uma boca de arraia que eu acho que parece muito* (DGBL F- A). As características dessa resposta evidenciam uma confusão perceptiva, pois a resposta parte de um detalhe em branco da mancha (Boca de arraia DBL intermacular inferior) e progride para uma resposta global (Arraia). Dessa forma, uma progressão arbitrária é caracterizada, culminando em uma resposta de baixa qualidade formal, e o isolamento das representações maternas associadas ao conteúdo latente da prancha I (Chabert et al., 2020).

No que se refere aos determinantes formais, nota-se uma ancoragem frequente, por parte do adolescentes neste aspecto, isso evidencia protocolos inibidos (Cléber $F\%=75\%$ e Esdras $F\%=77\%$). Algo que também foi encontrado na pesquisa de Roman (2004). Em tese, recorrer intensamente aos aspectos formais denuncia a necessidade de apresentar uma adaptação ao mundo real (Chabert et al., 2020), contudo, quando

associados à qualidade formal, os adolescentes apresentaram índices abaixo da média esperada para respostas de forma bem vistas (F+%). Esse aspecto se refere ao ajustamento perceptivo e revela uma fragilidade na tentativa de delimitação dos limites, tanto dentro e fora quanto na percepção dos aspectos da realidade. Desse modo, essas respostas revelam arbitrariedade nos seus modos de percepção atestando os severos prejuízos na adaptação ao mundo real. Neste sentido, Esdras manifesta na Prancha 1, bom exemplo dessa “derrapagem” perceptiva, em uma resposta que confirma a baixa qualidade formal: *Escorpião (V) não tem mais nem um trem que parece* (Dd F- A). Dessa forma, apesar de recorrerem maciçamente aos modos inibitórios na tentativa de evitar o conflito conforme encontrado nos protocolos de TAT, a resposta mal vista é acompanhada de um conteúdo agressivo, peçonhento (escorpião), pois em um cartão onde evoca a relação com a figura materna, denuncia a precária representação desse objeto interno.

Um dado que se destaca entre os demais é o grande índice de respostas com conteúdo animal “A” entre os adolescentes. Pela quantidade de conteúdos animais encontrados nesses protocolos podemos inferir que não se refere a uma esfera banal que contribuiria para adaptação elencando elementos socializantes, conforme o esperado quando o índice de respostas animais encontra-se dentro da média (Chabert et al., 2020). Contudo, o que os protocolos denotam são níveis acima do esperado de conteúdos de animais, o que denuncia a aridez dos encadeamentos associativos, assim como baixos recursos criativos e socializantes (Traubenberg, 1998).

Uma importante ligação com este dado é salientada por Chabert et al. (2020), os autores ligam o alto nível de respostas de Animais em um protocolo, ao que Winnicott denominou de falso self, pois tais rompimentos no encadamento ideofetivo parece elencar prejuízos nas funções simbolizadoras entre as representações e os afetos. Isso

acontece devido constatamente em se recorrer a conteúdo que a priori seria algo adaptativo, mas devido à alta prevalência revela-se a busca por uma adaptação prejudicada, portanto, artificial.

Somado a este alto índice de conteúdos de animais, os protocolos evidenciam que boa parte destes conteúdos animais vem acompanhados de elementos agressivos, indicados pelas percepções de *ferrões, garras*. A resposta de David ao cartão III exemplifica o tipo de resposta em tela: *Associação Livre: Tá parecendo uma formiga, aquelas com dentão e umas garronas. Inq: Aquelas que faz tipo assim (reproduz o movimento do animal) o dente, a presa do ladinho dela tem tipo um espinho assim, esse aqui é o pulmão dela uai (detalhe vermelho central)*.

Trilhando esse caminho pode-se compreender que o alto número de conteúdos animais acabou por diminuir a frequência de conteúdos humanos. Os conteúdos humanos são importantes indicadores no teste de Rorschach, pois eles correspondem às representações tanto de si quanto de outros. Dessa forma, é um índice que evidencia a capacidade para se relacionar com as demais pessoas de maneira empática (Chabert, 2004; Chabert et al., 2020; Traubenberg, 1998). Assim, os protocolos destes adolescentes confirmam que o baixo número de conteúdos humanos inteiros (H%↓) indica a pobreza em sua capacidade relacional, sua dificuldade de se colocar no lugar dos outros, algo próximo do que Ciavaldini (2005) revela. Pois, segundo o autor, o inacabamento dos afetos está presente no não reconhecimento dos afetos dos outros, ou seja, do sofrimento infringido às outras pessoas.

Então, esse rebaixamento na presença de conteúdos humanos resvala também na pequena quantidade de determinantes que se referem aos movimentos humanos (K↓), denotando que as capacidades relacionais de busca por contato interpessoais e de interesse nas pessoas também estão rebaixadas. Assim o comprometimento destas

funções corrobora com alguns ndices encontrados Ciavaldini (2005) acerca dos afetos inacabados e nas fragilidades.

Integrando esses resultados com os índices que fazem menção aos afetos postulados {FC: (CF+C)} em relação ao controle dos afetos, nota-se que a alta incidência de determinantes formais acaba por rebaixar os indicadores afetivos. Dessa forma, nota-se um estrangulamento da vida afetiva, assim é como se a vida afetiva não os afetasse, pois não há um reconhecimento das vivências afetivas (Ciavaldini, 2005). Nesta esfera, o tipo de ressonância íntima (TRI) encontrado fala em favor desse modo de experienciar os afetos, na maioria dos casos, predominou um modo vivencial coartativo (André, Cléber, David e Esdras). O que evidencia uma restrição completa das vivências afetivas, assim como a utilização de mecanismos rígidos, contribuindo muito para prejuízos de processos adaptativos, pois esse modo de vivência denuncia vulnerabilidade psíquica (Traubenberg, 1998).

Percebe-se que há uma forte presença de agressividade em todos os protocolos analisados. Um indicador importante para esse aspecto trata-se das respostas da prancha II, a prancha que mostra como o sujeito lida com suas pulsões. Mas também, verifica-se a hostilidade no conteúdo de respostas de outras pranchas, como pode ser visto nos casos Cleber, David e Esdras, em que respostas com “ferrão”, “agulha” são frequentes.

Em relação à imagem de si analisadas a partir dos conteúdos simbólicos das respostas à prancha V, há uma evocação justamente das questões relacionadas ao si mesmo e conseqüentemente, possibilitam análise acerca das questões relacionadas ao eixo narcísico (Chabert, 1997; Traubenberg, 1998). A partir dessa análise, percebe-se que os elementos psicodinâmicos dos adolescentes indicaram estar inscritos na problemática narcísica. Nesta perspectiva, surgem defesas que se caracterizam de modo inibitório, assim parece que o investimento nos limites parece um recurso frequente

diante da dificuldade em lidar com o objeto perdido. Com isso, conforme Balier (2000), as ofensas sexuais praticadas por adolescentes muito se relaciona com a depressividade.

É importante ressaltar que há uma diversidade nos modos de funcionamento psíquico no grupo analisado, não havendo um perfil único, como visto em diversos autores que se ocuparam desta temática (Dejonghe, et al., 2007; Roman, 2004; Wolff, 2012). Contudo, alguns aspectos se destacam e são presentes em todos ou na maioria dos casos apresentados, como a fragilidade narcísica, a dificuldade na questão dos limites e as defesas diante dessas questões, que podem sim indicar falhas no processo de simbolização entre representação e afeto.

4.2 TAT- RESULTADOS GERAIS

A análise dos resultados gerais seguiu as orientações propostas pela Escola de Paris. Na exposição dos resultados, preocupou-se em realizar um levantamento quantitativo dos principais procedimentos do discurso utilizado pelos participantes da pesquisa, para em seguida relacionar esses dados às relações primárias e afetos.

De uma maneira geral, a aplicação do instrumento ocorreu de forma tranquila e com a anuência de todos os participantes, apenas Esdras manifestou maior resistência ao instrumento, frequentemente proferia comentários do tipo: “*É doido um trem desse*”(sic), “*não tem como fazer isso aqui não*”(sic). Outros participantes como David, Cléber, Esdras, compreenderam que responder ao instrumento seria criar respostas certas ou erradas, histórias corretas, como se estivesse realizando uma prova escolar, assim constantemente ficavam inseguros ou vacilavam diante de interpretações das imagens.

Como dito anteriormente, os dados gerais dos protocolos do TAT foram

analisados a partir da comparação entre os próprios participantes (Grupo único). Dessa forma, a tabela 7 traz informações gerais acerca de todos os procedimentos utilizados pelos adolescentes. O que chama atenção nos dados é o alto número de procedimentos de série C (n=1446) utilizado, a dimensão deste aspecto é salientada quando comparado com os procedimentos de outras séries, assim podemos evidenciar a frequência maciça desta série, utilizada por todos participantes.

Em relação à série E (Emergência de processos primários (n=729), observamos o segundo procedimento mais utilizado entre os participantes. Nota-se ampla diferença entre esses procedimentos (séries C e E) quando comparados com procedimentos das séries A (n=427) e B (n=460). Diante desse panorama encontrado, podemos notar que no caso de André foi o único em que os procedimentos da série E superaram todos os demais procedimentos. No caso dos demais participantes, os procedimentos da série C seguiram como o principal procedimento na elaboração do discurso utilizado.

Reiteramos que a investigação de um protocolo não é realizada apenas com dados isolados, apesar de recorrer, em alguns momentos, a pequenas vinhetas dos protocolos, todos os elementos do TAT foram levados em consideração, para que não fossem realizadas interpretações sem consistência e assim se aproximar da realidade psíquica de cada participante.

Cartão Sujeito	1	2	3RH	4	5	6RH	7RH	8RH	10	11	12RM	13R	19	16	Total
André	A=4 B=3 C=11 E=7	A=6 B=4 C=13 E=8	A=4 B=4 C=15 E=5	A=3 B=3 C=4 E=4	A=5 B=3 C=5 E=9	A=1 B=1 C=12 E=7	A=1 B=5 C=13 E=15	A=1 B=3 C=5 E=16	A=3 B=3 C=11 E=4	A=3 B=4 C=9 E=15	A=2 B=2 C=10 E=3	A=4 B= C=8 E=21	A=1 B=3 C=11 E=8	A=5 B=3 C=11 E=18	A=43 B=41 C=138 E=140
Benicio	A=9 B=15 C=40 E=15	A=10 B=13 C=16 E=11	A=4 B=7 C=19 E=19	A=2 B=9 C=12 E=14	A=3 B=6 C=9 E=31	A=2 B=8 C=10 E=11	A=9 B=9 C=21 E=25	A=3 B=3 C=7 E=17	A=0 B=4 C=5 E=7	A=2 B=5 C=16 E=15	A=7 B=8 C=27 E=16	A=5 B=7 C=30 E=3	A=5 B=9 C=12 E=9	A=0 B=7 C=17 E=11	A=61 B=110 C=241 E=204
Cléber	A=4 B=3 C=13 E=2	A=3 B=3 C=11 E=9	A=5 B=6 C=21 E=10	A=5 B=10 C=22 E=10	A=4 B=5 C=28 E=14	A=6 B=4 C=25 E=4	A=6 B=4 C=36 E=6	A=5 B=3 C=35 E=8	A=10 B=5 C=31 E=8	A=13 B=7 C=31 E=5	A=7 B=9 C=38 E=4	A=8 B=8 C=28 E=11	A=9 B=9 C=37 E=9	A=9 B=5 C=28 E=4	A=94 B=81 C=384 E=104
David	A=36 B=8 C=52 E=24	A=11 B=3 C=37 E=26	A=11 B=8 C=25 E=10	A=8 B=10 C=13 E=18	A=9 B=3 C=24 E=8	A=12 B=5 C=17 E=10	A=9 B=4 C=20 E=8	A=12 B=0 C=36 E=10	A=4 B=8 C=17 E=2	A=15 B=3 C=14 E=3	A=5 B=10 C=17 E=6	A=10 B=4 C=26 E=0	A=4 B=4 C=16 E=2	A=8 B=7 C=23 E=3	A=154 B=77 C=337 E=130
Esdras	A=14 B=15 C=15 E=8	A=7 B=2 C=36 E=6	A=4 B=8 C=24 E=5	A=1 B=7 C=17 E=4	A=2 B=8 C=13 E=5	A=2 B=4 C=11 E=6	A=8 B=12 C=51 E=18	A=5 B=4 C=19 E=24	A=6 B=16 C=18 E=10	A=2 B=2 C=23 E=5	A=2 B=19 C=22 E=25	A=12 B=23 C=46 E=9	A=3 B=22 C=18 E=19	A=8 B=9 C=33 E=7	A=75 B=151 C=346 E=151

Conforme apresentado na Tabela 7 acima, percebemos que entre os participantes da pesquisa há utilização frequente de procedimentos da série C. Em contrapartida, as demais séries de procedimentos do discurso, principalmente A e B fazem menção a uma organização com maior possibilidades de manter relações objetais. Portanto, em um nível mais edipiano e menos narcísico do desenvolvimento (Brelet-Foulard & Chabert, 2005; Chabert et al., 2020), não demonstram um índice alto dentro dos protocolos, por exemplo, o procedimento do discurso B1-3 que se liga a movimentos emocionais e de ligação de afetos (Brelet-Foulard & Chabert, 2005; Jesus, 2017), foram pouco empregados pelos adolescentes.

Os procedimentos de discurso da série C são subdivididos em cinco procedimentos e incluem mecanismo de evitação do conflito e de investimento narcísico (Chabert et al., 2020). Desse modo, os adolescentes indicaram frequência alta, especificamente no que se refere aos mecanismos de evitação do conflito (CI-1) Tendência geral a restrição, o que sugere um esforço intenso por parte dos participantes na busca pela evitação do conflito suscitado pelo cartão, por exemplo, o conteúdo latente de cada cartão. Esse dado somado à frequência maciça de procedimentos da série C evidenciam um tipo de ruptura da cadeia associativa e que geralmente evoca conflitos ligados à perda de objeto (Brelet-Foulard & Chabert, 2005; Chabert et al., 2020).

Além disso, os procedimentos da série C carregam elementos de investimento narcísicos (CN), que possuem como características principais colocar à prova os investimentos nos limites, interno e externo (Brelet-Foulard & Chabert, 2005). Assim investigar tais procedimentos corresponde a um importante indicador acerca das representações primárias, visto a relação intrínseca entre narcisismo e relações primárias (Chabert et al., 2020). A tabela abaixo fornece uma visão detalhada exclusivamente dos procedimentos mais utilizados que se referem à série C.

Tabela 8XXXX: Especificação de procedimentos mais utilizados da série C.

	ANDRÉ	BENICIO	CLÉBER	DAVID	ESDRAS	TOTAL
CF	14	21	17	34	23	109
CI	45	54	99	145	125	468
CN	45	86	118	72	93	414
CL	18	37	64	38	46	203
CM	16	43	86	48	59	252
TOTAL	138	241	384	337	346	1446

Diante desse panorama, podemos evidenciar a utilização maciça de procedimentos CI (n=468). Eles se sobrepõem aos demais, mas quando associado ao número majoritário de procedimentos da série C, pode-se entender que a busca pela evitação do conflito ocorre em decorrência da ruptura dos vínculos. Além disso, ocasionalmente, culmina em um retraimento depressivo (Brelet-Foulard & Chabert, 2005). Os comentários de David ao Cartão 1, servem para exemplificar tais procedimentos: “Ah não^{CI-1} é louco...^{CI-1} é estranho demais...^{CI-1} sinceramente não tô^{B2-1} ligado não^{CI-1}”. A busca pela evitação do conflito coloca à prova o funcionamento dos limites, assim como denuncia a impossibilidade de elaborar a perda do objeto, aspecto latente evocado pela prancha 1. Dessa forma, surge a depressividade, pois essa forte inibição denuncia uma tonalidade depressiva de impossibilidade de restauração diante da perda do objeto. Em seguida, nota-se derrapagem perceptiva que distorce a realidade: “Ah...^{CI-1} pra mim^{CN-1} tá parecendo^{A3-1} uma arma^{E1-3}, veio”. A falsa percepção, (onde se vê violino, David viu uma arma), expõe uma necessidade de recorrer a elementos antidepressivos, para que consiga lidar com a perda do objeto, não obstante, a tonalidade agressiva do objeto percebido indica a raiva.

O que Balier (2000) evidencia é que para possuímos representações internas, a primeira precisa estar bem construída, no caso, a primeira seria a representação da mãe e esta daria sustentação às demais. Contudo, a não edificação satisfatória dessa representação contribui para a parcialização das representações como um todo e

constituem em vazios representacionais. Daí a intensidade nos protocolos de procedimentos do discurso CI-1, indicando que dessa forma não conseguem vincular uma representação a outra e formar um encadeamento ideofetivo. Assim: *encontram se verdadeiros pontos mortos na cadeia associativa* (p.51). Neste sentido, podemos conjecturar que pela intensidade de procedimentos da série C, e especificamente aos relacionados a procedimentos do discurso inibitórios não parecem estar relacionados a uma mera inibição ou produto de um recalçamento, mas sim de uma configuração psíquica carente de objetos internos inteiros.

Outrossim, se levarmos em consideração a lição de Ciavaldini (2005), a respeito do afeto inacabado, poderemos entender que a busca incessante pela evitação do conflito reverbera em uma parcialização dos afetos, de forma que as representações permanecem duvidosas ou opacas no mundo interno dos sujeitos, nesse exemplo utilizado levou até mesmo a uma alteração da percepção.

O investimento dos limites denota uma organização marcada pela dependência ao objeto externo, mas diante da ausência desse objeto, os procedimentos narcísicos CN (n=414), tornam-se uma via justificável para lidar com a falta de representação, pois há nos procedimentos narcísicos a característica principal em manter baixo investimento nos objetos externos e maior investimento em si (Balier, 2000; Chabert et al., 2020; Emmanuelli & Azoulay, 2008).

Nota-se, portanto que os procedimentos CN, foram usados com frequência alta pelos adolescentes, é o caso, por exemplo, de Benício, frequentemente em seu protocolo o adolescente recorre a procedimentos CN-2: Detalhes Narcísicos de idealização da representação de si, o final da história elaborada no Cartão 16 evidencia o procedimento: *ai ele cresceu assim, ajudando as pessoas*^{CN-2++}. Esse pequeno trecho revela o final de um protocolo permeado por procedimentos do discurso E2-1:

Perseveração que contribui para a frequência maciça dos procedimentos CN-2, assim marca um estilo na tentativa de reforço do envelope corporal para garantir a proteção do sujeito das excitações vindas do meio ambiente (Brelet-Foulard & Chabert, 2005). Esse aspecto conduz a outra série de procedimentos do discurso utilizados com proeminência pelos participantes.

Os procedimentos do discurso da série E (Emergência de processos primários) remetem a elementos de desorganização psíquica, e atestam a fragilidade do ego, não necessariamente trata-se de procedimentos do tipo psicótico, mas que evidenciam prejuízos na percepção (E1), ao uso maciço de projeção (E2), dificuldades na relação com os objetos e na representação de si (E3) e distúrbios do pensamento e do discurso (E4) (Brelet-Foulard & Chabert, 2005; Chabert et al., 2020). A Tabela xxxx evidencia especificamente a quantidade de procedimento da série E do grupo analisado.

Tabela 9 - Especificação dos procedimentos da série E.

	ANDRÉ	BENICIO	CLÉBER	DAVID	ESDRAS	TOTAL
E1	21	07	10	25	18	81
E2	44	95	57	43	37	276
E3	24	43	06	15	37	125
E4	51	59	31	47	59	247
TOTAL	140	204	104	130	151	729

Foi dito acima que o segundo modo de procedimento do discurso mais utilizado pela amostra foi o da série E (n=729). Ao olhar atentamente para estes procedimentos encontramos um maior número de procedimentos da série E2: Utilização maciça da projeção (n=276). Esse procedimento descreve elementos que desconectam o afeto da representação, assim diante de situações desagradáveis, a projeção maciça surge como

defesa para evitar colapso psíquico, demarcando um movimento entre o exterior e o interior, entre o que é colocado para fora na dinâmica psíquica. Assim, a ausência de barreiras denuncia a precariedade da instauração do envelope psíquico, incapaz de suportar a angústia de perda do objeto (Brelet-Foulard & Chabert, 2005; Chabert et al., 2020; Laplanche & Pontalis, 1998).

O exemplo extraído do protocolo de André (Cartão 8RH) fornece um panorama da utilização maciça de procedimentos da série E2: *tomou um tiro na barriga^{E1-4} guerra com outro^{E2-3} fazendeiro^{B1-2}, aí os médicos^{CM-1} foram tirar e cortou^{E2-3} a veia artéria^{E2-2} e sangrou^{E1-4} até morrer^{E2-3++}. 2'05''*. As expressões cruas de afeto maciçamente utilizadas por André revelam um funcionamento marcado pela violência, onde a descarga pulsional é projetada de forma crua, evocações e brutalização, ausência de conotação afetiva, denunciando a necessidade de colocar pra fora do psiquismo o que não encontrou representante psíquico (Brelet-Foulard & Chabert, 2005).

Por último, a escassez nos protocolos de procedimentos do discurso que remetem a um movimento de ligação aos objetos denuncia a precariedade do estabelecimento de relações objetais, visto que procedimentos das séries A e B que atestariam condições para investimento em objetos externos são escassos nestes protocolos. Dessa forma, podemos conjecturar que sentimentos de continuidade de existir e de autoestima provenientes de cuidados maternos sofreram importantes prejuízos, assim como os limites entre dentro e fora pouco delimitados. São marcas de protocolos marcados por investimentos narcísicos em detrimento de relações com objetos externos, assim a internalização dos objetos não é vivenciada como boa ou confiável (Emmanuelli & Azoulay, 2008).

Dessa forma, o registro de funcionamento dos limites em praticamente todos os protocolos é marcante, assim como foi encontrado por Roman e Melchiorre (2015), uma

intensidade marcante da série C evidenciando um investimento maciço na evitação de conflito, ou seja, significativos danos no estabelecimento da identidade e assim na internalização das representações (Serie E) (Brelet-Foulard & Chabert, 2005).

4.2.1 Síntese da Qualidade das relações Primárias dos participantes

A fim de elucidar o escopo desse trabalho a Tabela 10 abaixo fornece uma síntese sobre a qualidade das relações primárias a partir dos instrumentos utilizados.

Tabela 10 – Síntese das qualidades das relações primárias dos participantes

	Entrevista	Rorschach	TAT	Problemática
André	Indiferente/ Fusional	Fusional/ Desvalorizada Incestuosa	Indiferente	Narsisica
Benicio	Ambivalente/Idealizada	Ambivalente	Idealizada	Narcisica
Cleber	Ambivalente	Ambivalente Idealizada/ desvalorizada	Ambivalente	Narcisica
David	Desvalorizada intensa presença de raiva	Agressiva Idealizada depressividade	Ambivalente depressividade	Narcisica
Esdras	Desvalorizada presença de raiva	Agressiva idealizada	Ausencia depressividade	Narcisica

A partir do quadro acima podemos identificar que assimilação da representação do objeto primário por parte dos adolescentes elencou prejuízos importantes na

qualidade destas relações e conseqüentemente nos elementos afetivos.

No geral, as relações com a figura primária deste grupo de adolescentes se inscrevem em problemáticas narcísicas, revelando que os padrões de relações objetais não ascenderam ainda às situações edípicas. Neste sentido, encontramos em grande parte dos adolescentes um modo de defesa narcísica, permitindo se defenderem das ameaças de aniquilação (Bergeret, 1998). Dessa forma, o modo de vínculo ambivalente encontrado nos participantes, refere-se a uma tendência para oscilar entre objeto idealizado de forma positiva em outros momentos desvalorizado, sugerindo um tipo de cisão do objeto materno. Para Balier (2000), esse tipo de mecanismo funciona como forma de evitar a via da psicose, contudo, não é o que ocorre com André onde as imagens incestuosas, a relação fusional e muitas vezes a denegação do objeto materno, parecem se inscrever no universo psicótico. Não obstante, preocupamos em não entrar em discussão acerca do diagnóstico estrutural, visto que conforme Changnon (2012) tais discussões estruturais contribuem para encarar os casos de ofensas sexuais como irreversíveis.

Segundo Ciavaldini (2005), onde há esses padrões relacionais o afeto se constituirá inacabado, pois o vínculo com o objeto fica impossível de ser representado, assim o agir sexual violento seria uma tentativa aberrante de terminar.

4.3 ESTUDOS DE CASOS

A amostra de participantes desta pesquisa evidenciou se tratar de um grupo heterogêneo, no sentido do perfil das vítimas, conhecidas ou não pelo agressor, se há alguma relação de parentesco, assim como os dados sociodemográficos e familiares.

Diante desse panorama heterogêneo, optou-se pela escolha do estudo de caso que abarcam diferenças com relação ao perfil da vítima escolhido pelos adolescentes ofensores sexuais. No primeiro caso, André, sua vítima era conhecida (vizinha), com idade de três anos. Na época da ofensa, André vivia com os pais e os irmãos. No segundo caso, Esdras, sua vítima era maior de idade, não era sua conhecida. O adolescente sempre foi cuidado pela avó materna, não conheceu o pai. A exposição dos casos seguiu o que foi estabelecido no método (VIDE CAPÍTULO 3). Assim foram apresentados partindo da entrevista, em seguida, o Rorschach e por último o TAT. Nunca é demais salientar que os nomes dos adolescentes são fictícios, com o intuito de preservar a identidade deles.

4.3. 1 Caso André

“André” iniciou as atividades escolares normalmente aos 4 anos em um CMEI. Neste período, o adolescente não fez muitas mudanças de escola (estudou em duas instituições diferentes), sempre frequentou colégios públicos. Durante certo período (até os 08 anos) André foi bastante ativo nas atividades escolares, quando, inclusive, chegou a participar do coral da escola. As dificuldades iniciaram quando estava com 09 anos e foi reprovado na 4ª série. A partir desse período, seu comportamento mudou, houve episódios de desobediência e faltas, pois ficava bastante com amigos na rua. Apesar de possuir bom relacionamento com os demais colegas de escola, se considera mais isolado com os professores. Relata ter sido expulso de uma escola por mostrar o órgão genital para a professora em sala de aula, afirma que fez isso simplesmente porque sentiu vontade. Durante sua internação no sistema socioeducativo duas professoras relataram que André verbalizou palavras obscenas de cunho sexual. Quando

chegou ao CASE, estava bastante atrasado em relação ao seu desempenho escolar, (cursando a 4ª série). As professoras tentaram ensiná-lo a aprender a ler e a escrever, contudo, André apresenta grande dificuldade de aprendizado. Ao longo da entrevista não sinalizou interesse nas atividades escolares, assim como não manifestou desejo em cursar faculdade ou cursos profissionalizantes, considera que pode se tornar pedreiro igual a seu pai.

Nasceu saudável, sem histórico de doenças na infância. Nos períodos em que ocorreram os atendimentos, André vinha apresentando problemas de hipertensão arterial e diabetes, fazendo acompanhamento com um clínico geral e psiquiatra. Na ocasião, estavam sendo administradas medicações para hipertensão e diabetes, além de antipsicóticos. Não existem casos de transtorno mental em sua família. Durante os atendimentos, André foi submetido a exames de imagens cerebrais e em um deles (ressonância magnética) foram encontradas glioses na região do córtex pré-frontal, já no caso do outro exame (spect) não foram encontradas alterações.

É importante salientar que ao longo das entrevistas André manifestou condições precárias de higiene pessoal, não tomava banho com frequência, tampouco cuidava da higiene de seu alojamento, sendo necessária intervenção dos técnicos do CASE para que ele realize a limpeza, sua e do alojamento. André chegou a ser internado em uma comunidade terapêutica e chegou a ficar 45 dias sem contato com os familiares. Após este período, já demonstrava comportamento diferente: falava pouco e apresentava escoriações no corpo e problemas psicológicos, falava que era agredido na comunidade. Neste ínterim apresentava delírios e alucinações, tais como: cortar a língua e o penis, além disso, visualizava animais, achava que possuía alguma coisa na língua. Ficou seis meses nessa comunidade, após esse tempo, foi acompanhado no CAPS, por psiquiatra e psicólogo. Em casa, as alucinações eram frequentes, fazia massa de creme dental para

comer, via animais e bolas na parede, ficou 4 dias sem dormir, comia fezes de galinha. Neste período, fazia uso de carbamazepina, além de apresentar baixo envolvimento emocional, passou a ter comportamento de matar as galinhas, depois arrancava as vísceras e misturava com creme dental e fazia massa pra comer e ainda fumava essa massa. Já no CASE, manifestou desejo de machucar os genitais, pegava gilete pra se cortar.

André é o caçula em uma prole de quatro filhos, sempre conviveu com os pais, o pai é pedreiro e a mãe dona de casa, a maior parte do tempo passou com sua mãe, pois o pai trabalhava bastante. Segundo ele, o pai costumava beber com frequência, mas chega em casa e vai dormir, descreve o pai como uma pessoa pouco carinhosa, já a mãe é boa e carinhosa, “ela dá beijo”(sic). Diz que a relação com os irmãos sempre foi boa e amistosa. Nunca se sentiu abandonado pela sua família, considera-se mais ligado à mãe.

De acordo com André, ele não era uma criança desobediente, contudo, seu comportamento começou a mudar bruscamente a partir dos nove anos quando passou a desrespeitar principalmente a mãe. Isso acontecia quando ela lhe pedia alguma coisa que ele não queria fazer. Não considera os pais agressivos, mas quando acontecia de desobedecer, apanhava do pai, acrescenta que o pai nunca foi violento com ele, mas às vezes acontecia de ficar de castigo ajoelhado no milho. O pai conversava e sempre lhe deu bons conselhos, considera que não apanhou muito durante a infância.

André diz que possuía muitos colegas do sexo masculino de idades variadas, esclarece que eram mais colegas que amigos. Conta que na maioria das vezes brigava com eles, pois ficavam “olhando torto”, assim começava o confronto com os colegas, acrescenta que passava a maior parte do dia na rua e chegava em casa à noite.

André diz que nunca namorou e nunca se apaixonou por alguém, mas já se interessou por algumas meninas. Em relação à experiências sexuais, André nunca teve

experiência, seja em relação hetero ou homossexual, bem como o adolescente não relata ter sofrido abuso sexual. Revela que na época que praticou o ato infracional estava assistindo bastante filmes pornográficos. É importante salientar que André nunca esteve em situação de abandono ou de abrigo.

Por volta dos 11 anos, André foi encaminhado para uma comunidade terapêutica devido a problemas de abuso de drogas e ficou internado por volta de sete meses. A internação foi realizada por meio de ordem judicial, uso abusivo de drogas e prática de roubos e furtos. Os dados colhidos evidenciam que o comportamento de André mudou após regressar para sua casa, durante a internação. André apresentou delírios e alucinações, se dizia perseguido pela comunidade porque estava praticando roubos e furtos recorrentes. Nesta comunidade terapêutica, André ficou 45 dias sem contato com os familiares, após esse período, André já apresentava comportamento diferente, falava pouco e apresentava escoriações no corpo e problemas psicológicos. André falava que era agredido na comunidade, neste ínterim apresentava delírios e alucinações, do tipo cortar a língua, o pênis e visualizava animais. Achava que possui alguma coisa na língua, após isso André foi acompanhado no CAPS, por psiquiatra e psicólogo.

André começou a fumar cigarro quando estava com nove anos de idade, um pouco mais tarde, aos 11 anos, passou a usar drogas ilícitas, como crack, cocaína e maconha. Considera que utilizou mais o crack, a frequência era diária. Sob o efeito de drogas era comum praticar roubos e furtos. André se recorda de um acontecimento relacionado ao uso de crack *“fiquei doidão e chorei demais, porque achei que tava com um tumor na cabeça de tanta doideira que era”*.

Para ter acesso ao uso de drogas, André passou a praticar furtos e roubos a pessoas e residência, na maioria das vezes, furtava celular e outros equipamentos eletrônicos. Disse que apenas uma vez utilizou de ameaça contra uma pessoa, na

maioria das vezes, praticava furtos, pois entrava na casa das pessoas quando não havia ninguém. Afirmou que quando praticava estes atos infracionais não sentia medo, culpa ou sentimento de pena das pessoas.

A respeito do ato infracional, os dados foram obtidos a partir de duas fontes da denúncia, nos autos judiciais e pelo próprio participante. De acordo com relatos da denúncia do ministério público, André abusou sexualmente de uma criança que foi encontrada de barriga para baixo com cortes e sangramento na cabeça e na região anal.

A vítima era vizinha de André, o adolescente não relatou nenhum tipo de desavença com a vítima ou sua família. Disse apenas que no dia anterior a avó da menina pediu para ele matar uma galinha pra ela, foi quando ele foi na casa e viu a vítima pela primeira vez e gostou do olhar dela. Conta que naquele mesmo dia um pouco mais tarde, a princípio, iria pegar um celular que estava na mesa da casa de sua vizinha, mas a dona não desgrudava do aparelho (outra criança), foi quando a criança ficou sozinha (vítima) e resolveu se aproximar. Ele diz: *“eu dei o bote e peguei a menina, porque eu achei ela bonitinha e deu vontade de abusar dela”*. Conta que com os abusos ela passou a gritar bastante e isso acabou gerando raiva nele, foi quando ele a sufocou bruscamente até que ela ficasse sem ar por cerca de 5 minutos, desferiu diversos golpes no rosto e na nuca da criança, a vítima perdeu os sentidos. Acreditando que ela estava morta, ele iniciou a prática de atos libidinosos consistentes, a introdução de dedo e do pênis na vagina e no ânus da vítima, segundo ele fez isso porque teve ereção. Quando ouviu o barulho de pessoas se aproximando fugiu do local imediatamente, mas seu intuito era jogar o corpo da vítima no rio para que seu corpo não fosse encontrado.

André se considera uma pessoa bonita, diz não ter tido nenhuma decepção que se lembre na sua vida. Relata que nunca mais vai praticar algo desse tipo na sua vida

porque é errado, quer ir embora do CASE para voltar a conviver com sua família, quer voltar a estudar e trabalhar com seu pai de pedreiro, pretende constituir família e ter filhos.

4.3.1.1 Impressão geral transmitida

André foi solícito em todas as atividades proposta, inclusive solicitou a continuidade com os atendimentos, dizia que ficava muito tempo sem sair de seu alojamento, basicamente durante as atividades de pesquisa. Em seguida aos atendimentos, André me fazia perguntas banais, do tipo: se eu já havia ido à praia, se eu já surfei, se essas coisas são divertidas. André fala abertamente sobre o crime que praticou, lembrando-se dos mínimos detalhes, por exemplo, quanto de esperma saiu durante o ato de violência sexual. Ao relatar o crime, André não demonstra nenhum tipo de sentimento, fala friamente sobre o caso. André é um adolescente de estatura baixa, compleição física acima do peso, e não possui boas condições de higiene, assim como seu alojamento. De um modo geral seu comportamento na unidade é satisfatório.

Análise do Rorschach

Tabela 11 – Psicograma do Rorschach de André

Localização		Determinante		Conteúdo	
G = 12	G% = 50%	F+ = 2	F% = 66,6%	H = 2	H% = 20,8%
G/ = 0	D% = 20,8%	F- = 13	F+% = 15%	Hd = 3	A% = 46%
D = 5	Dd% = 16,7%	F+- = 1	F+%ext = 34%	A = 5	Ban% = 8,3%
Dd = 4	DbI% = 12,5%	K = 2		Ad = 6	
DbI = 3		kan = 3	$\sum K = 2$	(A) = 0	
		kp = 0	$\sum C = 3$	(H) = 0	

	CF= 1 C = 1 FC' = 1 FE = 0	$\sum E = 0$	Feto = 1 Obj = 2 Pl = 1 Sg = 1 Anat = 3 Ban = 2
R= 24 T.T = 29'18" T.R.m = 38" T.D.m = 2'56"	FC:CF+C= 0:2 FC': C'F+ C'= 1:0 K:kan+kob+kp= 2:3 Impulsos= $\sum C:\sum E= 3:0$ T.R.I= K: $\sum C= 2:3$ T.L= kan+kob+kp: $\sum E= 3:0$	H+A:Hd+Ad= 7:9 H:Hd= 2:3 I.R.A.= 100x VIII+IX+X/R= 25% F.A.= Hd+(Hd)+Anat+ Sg+Fg+ Sex x 100/R= 29,16%	

Fenômenos Especiais

Uso do diminutivo = 4
 Uso do aumentativo = 2
 Busca de apoio no clínico = 5
 Ideia de referência à história pessoal = 11
 Resposta pele = 2
 Referência à simetria = 1
 Choque de duração = 1
 Choque de reação = 1
 Mutilação
 =1

Avaliação da inteligência

Em se tratando dos resultados ligados à localização das respostas do participante, nota-se um predomínio das respostas em G, em detrimento das demais localizações, além de que na maioria destas respostas "G" se tratam de DG ou Gbl, quando uma parte do cartão em branco é utilizada para formar uma resposta global. Além disso, boa parte delas estão associadas a determinantes de qualidades formais (-), por exemplo, na prancha I, resposta 1: *Parece aqueles ossos de corpo, parece uma parte de um osso*. Inquérito: *Eu já vi uma costela, mas pareceu um pouco igual aquele*

esqueleto de livro professora me ensinou a estudar. (O que tem na mancha que sugere isso?) Aqui assim, tipo a costela e vai subindo assim é igual tá vendo?

Esta resposta não se trata de uma resposta G simples, o que demonstraria uma capacidade de adaptação perceptiva (Chabert, 1997), porém o que denota é um processo de pensamento, pouco coeso e confabulado (*DG F- Anat confab*), o que sugere que André utiliza seus processos cognitivos de maneira arbitrária. Não leva em consideração aspectos importantes que compõem a mancha, evidenciado pela quantidade de respostas contaminadas (Chabert, 2004). Ademais, nota-se que o pensamento fantasioso se sobrepõe ao pensamento concreto prático.

Ainda em relação aos modos de apreensão, outro dado que chama atenção nos protocolos de André é a quantidade de respostas Dbl que acompanham as localizações G, D e Dd. Essas repostas possuem significados de vazio incompletude, funcionando como uma reação ativa, que pode ser um indicador de agressividade, ante uma situação traumatizante que foi inibida ou recalcada (Traubenberg, 1998).

O investimento em processos lógicos de pensamento é alto, contudo, sinaliza baixa eficácia. Este aspecto tem a ver com um tipo de pensamento descentrado do pensamento comum (F+% 10; F+ext 29%; Ban 8,3%), desse modo, tende a se enveredar por caminhos que a maioria das pessoas evita, indicando empobrecimento da adaptação social intelectual (ASI). Este aspecto também sugere um distanciamento dos processos afetivos resultando em um processo de prejuízo simbólico entre o afeto e a representação.

Afetividade e adaptação social

As respostas percebidas com conteúdos de figuras humanas inteiras “H” são

escassas (H% 20,8), contudo, deste total apenas 7,5% se tratam de percepção de humano inteiro, ademais, no protocolo de André, encontra-se que nessas respostas onde há conteúdos humanos, as respostas são mal vistas. Diante disso, podemos notar prejuízos na percepção de si e dos outros, indicando fragilidade na percepção de si, expressão da sua ausência de continência.

Entendemos as determinantes K como um importante indicador de busca de contato interpessoal e empatia, contudo, estas respostas envolvem um nível de complexidade mais alto que as respostas de forma, por exemplo, com isso as respostas de cinestesia humana contemplam elementos cognitivos e afetivos simultaneamente. Dessa forma, (K+) bem vista pode indicar elementos positivos nas interações interpessoais e ajustamento da inteligência, o contrário (K-) denuncia a escassez destes processos psíquicos, podendo denunciar até mesmo presença de pensamentos delirantes (Chabert, 1997; Traubenberg, 1998).

No caso André, as variáveis relacionadas à percepção de movimento humano (K), mantiveram-se iguais no teste e no reteste (aplicado um ano depois). Em ambas aplicações, houve um K + e outro K-. Os dados referentes a este aspecto sinalizaram prejuízos e guardam relação com as dificuldades de internalização dos objetos primários culminando em uma dificuldade nas construções dos limites entre o eu e o outro e a simbolização da relação primária. Assim podemos notar uma estreita relação entre as cinestésias humanas bem vistas com as possibilidades de separação individualização.

Por exemplo, a resposta de André ao cartão VII é um bom exemplo de como ele funciona; Associação Livre: *Parece dois caras olhando uma pra outra, dois corpos pregados.* Inquérito: *Tudo agora aqui olha pra cá e o corpo todo pregado assim. Já vi uma história de dois bebês colados aí tiraram um e outro morreu, será que eles cagavam um dentro do outro?*

Do ponto de vista quantitativo (*G/ K-/ H*), esta resposta denota prejuízos de ajustamento, tendo em vista que é uma resposta mal vista com o uso arbitrário da forma. O *K-*, neste caso, sugere um aspecto delirante, ao associar investigação quantitativa com o simbolismo evocado pelo cartão (VII) que se trata da relação com figura materna e o feminino (Traubenberg, 1998). Pode-se notar a confusão de identidades que o cartão suscita em André, em diversos níveis, primeiro no que se refere à diferença dos sexos (*Parece dois caras olhando uma pra outra*) dando a entender que André “masculiniza” a figura feminina. Em seguida, o investimento nos limites é colocado à prova (*dois corpos pregados*) evidenciando dificuldade no rompimento da relação fusional, isto é, é difícil para André se diferenciar do outro. Adiante podemos notar como a possibilidade de separação aterroriza o sujeito desencadeando angústias severas ligadas à angústia de aniquilamento, assim, André tende a recorrer a defesas narcísicas que revelam a porosidade dos limites entre narrador e sujeito da história: *Já vi uma história de dois bebês colados aí tiraram um e outro morreu.*

Por último, diante da carga agressiva e da catástrofe de simbolização (Amparo & Roman) que impedem o procedimento de elaboração, André recorre ao clínico como maneira de ajudá-lo a pensar em meio à inundação pulsional, pois não consegue suportar a para-excitação que se encontra: *será que eles cagavam um dentro do outro?* De maneira ainda imbuída de certo erotismo anal, voltado transferencialmente para a figura do clínico. Estes aspectos denotam o fracasso das defesas narcísicas na elaboração do conflito, além de evidenciar a precária capacidade em compor as representações internas e a representação de si.

No que concerne à afetividade e o controle dos impulsos, os dados indicaram que André conta com poucos recursos para manejar os afetos, este aspecto pode ser exemplificado pela resposta ao cartão II: *Parece um buraco de tijolo O quadrado aqui*

assim igual o quadrado já mexi com tijolo aí parece jogar a massa em cima. O buraco (o desamparo) captura inicialmente a percepção; o desamparo perpassa a relação com a figura paterna. A prancha mobiliza como o sujeito lida com os afetos e as relações intensas, as duas primeiras respostas remetem à figura paterna em uma relação marcada pelo desamparo.

Com prejuízos na capacidade de possuir controle geral (F%, F+%, F+ext%, K, , principalmente por insuficiência, o resultado deste índice demonstra que todos estão baixos, e os que estão altos ou dentro da média encontram-se acompanhados de formas mal vistas (-). Outro fator que evidencia o rebaixamento do controle afetivo, é o (FC: CF+F= 0:2,5) sugerindo a possibilidade de descargas, como evidenciado pela resposta do cartão II: *Parece um porco espinho aqui... javali parece isso aqui Esse aqui parece o espinho dele da boca parece que tá em pé assim brigando (briga?) Porque o chifre, o dente tá encostado no outro, tem sangue vermelho assim.* Este tipo de resposta coloca em evidência o movimento agressivo e o descontrole emocional diante das relações e afetos intensos. Recorre-se à figura paterna, contudo, ela é marcada pelo desamparo, o que leva à violência.

André apresentou um TRI do tipo extratensivo ($K < C = 2:3$), o que significa que os impulsos se sobrepõem ao pensamento. Contudo, ao analisar as fórmulas complementares (k:E;RC%) identificamos o predomínio introversivo nas tendências latentes de André. Desta forma, o imaginário está prevalecendo sobre a realidade, assim, ao associar estes dados encontra-se a reduzida qualidade formal que André evidencia em todo seu protocolo. Observamos que a má qualidade do pensamento predomina em André. Isso sugere tratar-se de uma pessoa com poucos recursos para lidar com as demandas do meio externo, associado a esse aspecto, o índice de angústia (I.A 29%) encontra-se alto. Portanto, diante da fragilidade dos recursos elaborativos, os

agires podem funcionar como mecanismo de defesa para atenuar a intensa angústia vivenciada internamente por André.

4.3.1.2 Resultado do TAT

Procedimento: O protocolo de André demonstra ser inibido. Isso se justifica pelo conjunto das narrações, cujos procedimentos elegidos pelo sujeito são a evitação do conflito (CI-1) por meio de tendências de restringir a elaboração de histórias e muitas vezes o choque ao estímulo, com muito recurso de apoio clínico (CM-1) intercaladas de procedimentos de referências à realidade externa (A1). São marcados pela escassez de ações e mais descrição dos elementos da imagem. Os afetos, quando aparecem, por mais que sejam em sua representação mais forte (B2-2), o analisando imediatamente escamoteia com procedimentos da realidade interna, mais precisamente os processos do pensamento (A3-1) em combinação com investimento narcísicos (CN) e/ou inibição (CI).

Por outro lado, é importante reconhecer que há uma tendência interna, por mínima que seja, em mergulhar nos conflitos propostos por determinados cartões. Os procedimentos lábeis, quando introjetados nas narrações, aparecem em sua forma de teatralizações (B2-1), antecedidas de processos de pensamentos (A3-1), e sucedidas de inibições (CI-1). É muito recorrente a solicitação do apoio clínico (CM-1) como um pedido de amparo diante das manifestações pulsionais (A2-4) ou diante dos conflitos libidinais (B2-3).

À medida que a aplicação dos cartões avança e as solicitações latentes são de cunho mais regressivo, a emergência dos processos primários entram em ação. Mas é no cartão 13 que o sujeito se vê às voltas com o impacto psíquico: a utilização maciça das

projeções (E2-3) em combinação com a não nitidez do discurso (E4-1) remete à dificuldade de lidar com afetos depressivos e com o que as relações objetais mais primitivas provocam.

O cartão 16 é o estímulo que mais inspirou ao que parece, a elaboração de uma história melhor estruturada, com ações, com início, meio e fim, com emoções.

Problemática: O desejo é evitado a todo custo, há muito investimento em não deixar que esse desejo se apresente, então os recursos de esvaziamento libidinal, narcísicos e obsessivos se somam na tentativa de escamotear os núcleos de conflitos. As denegações, processos de evitação conflitiva e uso de projeções maciças tonificam uma sintomatologia dirigida à perda de objeto, afetos de depressividade, perseguição. O apelo ao clínico também merece atenção: há demanda de escuta por parte desse sujeito, o que é um sinal positivo para o caso, mas a ideia ainda é imatura. As relações objetais aqui também merecem destaque, uma vez que parece que existe dificuldade em lidar com as manifestações da imago materna introjetada e portanto, busca recurso nas relações exteriores para dar conta da realidade interna. Por mais que na história narrada sobre o cartão 13R não haja manifestação de apoio clínico, seu conteúdo denota nitidamente a manifestação da reativação da problemática em torno da perda e de abandono. Quando o movimento corpóreo do personagem é de chupar o dedo, a morte prematura, a tristeza como afeto e o fantasma que assombra, tudo desemboca em um empobrecimento do Ego, que a todo custo evita defrontar-se com o conflito. Para isso, bordejia o conflito por meio da inibição.

4.3.1.3 Comentários Caso André: Relação de objeto primária e Afeto

Os dados coletados revelaram pobreza na capacidade para manter relações

vinculares. Nota-se que André possui poucos recursos para integrar as representações e os afetos, assim os seus investimentos pulsionais são manejados como nos informa Green (1982), ou seja, ausentes de significado. Desta forma, é como se as respostas dadas por Andre aos instrumentos e entrevistas, fossem permeadas por atitudes intempestivas e sem sentido demarcando a ausência dos vínculos relacionais que permitiriam o reconhecimento da alteridade e identificação dos próprios afetos.

Como exemplo, a história no cartão 5 do TAT, reflete este ponto de vista: *12" Aqui^{A1-1} é a menina^{E3-1} trabalhando de limpar^{A3-3} a casa, ela abre a porta vê o abajur ligado^{CN-4} gastando^{A3-3} energia^{A1-1}, ela quer desligar^{CF-1} ele só que o telefone^{B1-2} toca^{E1-3}, ela esquece de desligar ele aí ela volta e desliga ele^{A3-1/E3-3/E4-2}; ela esquece o bolo no forno quase que o bolo torra tudo^{E2-1+/CF-1/E1-4/E4-1}, ela joga nas flor^{B1-2} só isso, ela fecha porta de novo^{E4-4/E4-3/CI-2}. 2'35''.-*

A partir da riqueza que essa história reflete, acerca de pontos importantes sobre a dinâmica relacional, podemos evidenciar o uso de procedimentos da série "E", em especial, o E4-4 que traduz um tipo de associação à revelia, indicando assim a desorganização psíquica vivenciada internamente por André, e que mesmo na tentativa de defesa por meio da anulação dos fantasmas (CF-1), se mostra inócuo, pois o procedimento E3-1 (Desorganização das demarcações identitárias e objetivos) evidencia a ausência de reconhecimento da mãe. Portanto, a impossibilidade de reconhecê-la em sua posição superegógica, assim a desorganização psíquica se motra intensa por meio da deformação da realidade perceptiva em decorrência do impacto das projeções (procedimentos E1-3).

O que se evidencia com essas ausências de relações objetivos e associações desorganizadas são catastrofes de simbolização (Roman, 2004). Elas sugerem que esse tipo de prejuízo na capacidade de simbolizar deixa André mais propenso ao recurso ao

Ato. Tal qual postulado por Ciavaldini (2005). O autor afirma que o recurso ao ato é comum em casos de ofensores sexuais ou crimes violentos, pois designam uma forma de sobrevivência psíquica por meio de defesas narcísicas diante da ameaça de aniquilação.

Basicamente estamos diante de um caso que se evidencia pelo temor de aniquilação e isto nos remete ao traumatismo irrepresentável que se inscreve nos registros narcisistas, pois conforme indicado por Ciavaldini (2005), as relações objetais são construídas a partir da mediação da mãe. Portanto, o alto índice de resposta no Rorschach que contém fenômenos especiais do tipo Referência à história pessoal (AL: Uma cobra engolindo um sapo; Inq: Um dia eu vi), é um dos índices que corrobora com a afirmativa acerca das problemáticas narcísicas nas quais André encontra-se inserido.

Neste caminho, a resposta no Rorschach ao cartão VII, evoca elementos narcísicos que indicam os prejuízos nas capacidades de diferenciação entre o eu e o outro, nas diferenças de gerações e principalmente nas diferenças do sexo. André fornece a seguinte resposta : *Parece dois cara olhando uma pra outra, dois corpos pregados. AL: Tudo agora aqui olha pra cá e o corpo todo pregado assim. Já vi uma história de dois bebês colados aí tiraram um e outro morreu, será que eles cagavam um dentro do outro?* (Cotação: G/K+/H/ Referência à história pessoal, Apoio ao clínico e simetria). O movimento regressivo envolvido nesta resposta (bebês colados) remete ao conteúdo simbólico evocado pelo cartão que justamente de forma latente, se refere à figura materna. Assim, a relação com o objeto primária é concebida de maneira fusional com o objeto materno, sem diferenciação. Além disso, a busca pelo domínio do objeto primário onde o erotismo anal encontra-se presente, uma fusão na ligação anal com a mãe.

A apresentação de si parece imbuída de elementos narcísicos que nublam sua

capacidade de reconhecer o outro e assim relacionar-se ou reconhecer os afetos envolvidos nas relações interpessoais. Assim o caminho perceptivo trilhado por André no cartão V, sugere uma imagem de si confabulada, fantasiosa que conduz a uma representação de si primitiva, mas que quando confrontado com os limites consegue perceber a banalidade e assim reconhecer a si mesmo.

Ainda sobre os elementos simbólicos evocados nos cartões que remetem à relação com a figura materna, no cartão IX reconhecido por evidenciar aspectos profundos dessa relação André fornece uma resposta inusitada, nem tanto pela resposta em si, mas pelo comentário posterior ao inquérito; *André conta que estava andando e viu um carro e haviam dois coelhos em baixo do carro fazendo amor. Disse que era um lugar muito bonito, tinha um rio bonito e sua irmã estava junto*. Desta forma, sua narrativa revela um sonho de conteúdo sexual, incestuoso, desencadeado pelo conteúdo simbólico do cartão.

A crueldade do ato infracional cometido por André, assim como a forma de relatar sobre seu *modus operandi* de maneira fria, indicando pouca importância com o sofrimento da vítima, além de certo grau de desorganização e bizarrice em seus protocolos, elencam um modo de funcionamento praticamente alucinatório. Esse caso envolve um tipo de situação de perda de controle (quando desferiu os golpes à pedrada contra a vítima que não ficava em silêncio), e sinaliza a ausência da capacidade de envolvimento, conforme denominado por Winnicott (data).

No caso André, o relato contém diversas nuances psicodinâmicas, mas principalmente a relação com o objeto primário visto desobjetalizado, ausente de investimento afetivo, chama atenção nos protocolos do Rorschach e do TAT, pois configura claramente um caso de inacabamento dos afetos, se levarmos em consideração os índices colocados por Ciavaldinni (2005) acerca do afeto inacabado.

Podemos entender que André não consegue reconhecer os aspectos básicos ligados à constituição afetiva, como o não reconhecimento da própria violência, a diferença dos sexos e a diferença de gerações.

4.3.2 Caso Esdras

O contato com Esdras foi bastante difícil, o adolescente manifestou muita resistência em emitir respostas aos instrumentos, durante a entrevista evitava assuntos íntimos e quando respondia sempre era se engrandecendo.

Esdras possui um histórico escolar que denota uma baixa aderência aos estudos, com diversas interrupções e atrasos, sendo que no último ano estava sem estudar. Estas interrupções parecem guardar relação com o fato de Esdras ter sido internado em comunidades terapêuticas, e também abrigado em uma instituição de acolhimento. Segundo o adolescente, um aspecto que contribuiu também foi o fato de traficar drogas, o que impedia de frequentar a escola rotineiramente. Mas quando estava em sala de aula, era agressivo e explosivo com os colegas e professores.

Nasceu saudável, sem histórico de doenças na infância. Segundo relatos da equipe técnica, Esdras tem bastante resistência a ir ao médico, houve duas tentativas de levá-lo, porém quando chega à consulta, fica agressivo e ameaça aos médicos, após estas ocorrências os médicos se recusam a atendê-lo.

Esdras é o filho mais velho e possui um irmão. Estava morando com a avó e o avô. A avó parece ser a figura de referência primária para Esdras. Apesar do adolescente ter vivido com a mãe até os nove anos de idade, é a avó quem faz as visitas à instituição. O distanciamento da mãe tem relação com a dificuldade de relacionamento que Esdras

possui com o padrasto, que levou o adolescente a morar com a avó e o avô.

Esdras possui grandes dificuldades de relacionamento com familiares, não obedece às regras impostas pela família, mas os castigos e punições nunca fizeram efeito sobre Esdras.

Os amigos que Esdras possui são os que fazem parte da torcida organizada que o adolescente diz fazer parte e da facção criminosa. Revela que nesses meios não se encontra muitos amigos. Outro fato que contribui para seu isolamento é sua agressividade com colegas e cuidadores.

Esdras diz possuir uma namorada e sentir saudade dela; “quando encontrar ela não vou deixar ela ir embora”. Revela que já teve várias experiências amorosas e faz sucesso com as mulheres.

Esdras quando completou nove anos foi encaminhado para uma instituição de abrigo, pois como brigou com seu padrasto precisou sair de casa. Ficou na instituição aproximadamente dois anos e meio, quando veio morar com sua avó. Durante a passagem pelo abrigo, os relatos evidenciam dificuldade de comportamento com os outros meninos e com os cuidadores. Diz que quando estava no abrigo não recebia muitas visitas de sua mãe, as visitas de sua avó eram mais amiúde.

Por cometer delitos em sua cidade e fazer uso abusivo de drogas, Esdras passou a sofrer ameaças na cidade em que morava. Diante disso, uma decisão judicial ordenou que Esdras fosse encaminhado para uma comunidade terapêutica. Nesta comunidade, ele passou dois anos e meio, seu convívio com os demais adolescentes da instituição não foi fácil, frequentemente se envolvia em brigas e discussões.

Começou a fazer uso de álcool e outras drogas aos nove anos, fala que fumava maconha, bebia e cheirava loló. Esdras iniciou com as práticas delitivas antes dos onze anos. Dizia que costumava furtar, roubar e traficar. Evita entrar em contato com

estímulos afetivos, gosta de se engrandecer, diz que trabalhava em uma facção e era encarregado de executar as vítimas, acrescenta também que fazia parte de torcida organizada de time de futebol e se envolvia em brigas.

Em relação ao ato infracional, Esdras diz que estava cheirando loló em uma festa, havia tomado papel, e por isso não se lembra do que aconteceu. Mas diz que se lembra de “comi a mulher na frente da criança”. Os fatos apurados a partir de pesquisa documental evidenciam que a ofensa sexual ocorreu da seguinte forma: Esdras estava saindo de uma festa e em local ermo viu a vítima, partiu pra cima dela de maneira agressiva e ameaçadora, e obrigou a vítima que estava acompanhada de seu filho (criança) a praticar sexo oral nele (Esdras). Após isso, obrigou a vítima a ficar em posição de quatro e manteve relação sexual com ela. Neste momento, desferiu socos nas costas da vítima, novamente manteve sexo oral e ejaculou em sua boca. Vale ressaltar que toda esta cena de violência ocorreu na frente da filha da vítima.

Esdras na maior parte da entrevista tentou passar a imagem de ter sido uma pessoa violenta, com conexões com facções criminosas famosas, porém, sem comprovação dessas informações. Disse que por um tempo morou sozinho com sua namorada e que sustentava a casa com dinheiro oriundo do tráfico. O adolescente disse que quer sair dessa vida de crime e arrumar um emprego, pretende morar com a avó.

Tabela 12 – Psicograma do Rorschach de Esdras

Localização		Determinante		Conteúdo	
G = 12	G% = 66,7%	F+ = 3	F% = 77,8%	H = 0	H% = 22,2%
G/ = 0	D% = 0%	F- = 11	F+% = 21,4%	Hd = 4	A% = 94,4%
D = 0	Dd% = 27,8%	K = 0	F+%ext = 23,5%	A = 17	
Dd = 5	Dbl% = 5,5%	kan = 1		Ad = 0	Ban% = 0
Dbl = 1		kp = 0	∑K = 1	(A) = 0	
		FC = 1	∑C = 1,5	(H) = 0	

	C' = 1 FE = 1	$\sum E = 0,5$	Ban = 0
R= 18 T.T = 964" = 16'40" T.R.m = 23" T.D.m = 1'36"	FC:CF+C= 1:0 FC': C'F+ C'= 0:1 K:kan+kob+kp= 0:1 Impulsos= $\sum C:\sum E = 1,5:0,5$ T.R.I= K:$\sum C = 0:1,5$ coartativo T.L= kan+kob+kp: $\sum E = 1 : 0,5$	H+A:Hd+Ad= 17:4 H:Hd= 0:4 I.R.A.= 100x Número de respostas VIII+IX+X/R = 22.2% F.A.= Hd+(Hd)+Anat+ Sg+Fg+ Sex x 100/R= 22,2%	

Fenômenos Especiais

Tendência à contaminação = 4
 Crítica à situação de aplicação = 1
 Crítica ao material do teste = 3
 Crítica ao aplicador = 1
 Perseveração = 4
 Choque = 7
 Resposta olho = 2
 Envolvimento = 4
 Denegação = 4
 Uso do diminutivo = 2
 Apoio ao clínico = 6
 Oralidade = 3
 Catástrofe de simbolização = 1

Clínica da Aplicação

Esdras foi pouco solícito às atividades propostas, em diversos momentos fez crítica aos instrumentos utilizados na avaliação (Rorschach e TAT), manifestando expressões do tipo: *“isso é coisa de doido”*(sic). Dessa forma, o contato interpessoal com o participante foi difícil, pois transitou entre inibição, recusa ou irritação. Contudo, ao entender que a participação na pesquisa não envolvia nenhum tipo de vínculo com o poder judiciário e isso não implicaria de forma alguma e foi possível estabelecer um vínculo razoável que permitisse o bom termo do trabalho. Vale ressaltar que Esdras em nenhum momento denotou sentimento de culpa pelo ato infracional no qual está cumprindo medida socioeducativa. Além disso, falou pouco acerca de vínculos afetivos

sólidos, pois sua história de vida é marcada por relações superficiais e pouco duradouras, sua expressão de afeto é pobre nos diversos âmbitos, inclusive, nos meios familiares.

Avaliação da inteligência:

Esdras apresenta forte tendência de apreender a realidade nos seus aspectos mais gerais, frequentemente se pautando pelos aspectos imediatos da realidade, com alta de tendência a apreender o conjunto ($G\% = 67\%$), embora frequentemente as sínteses almejadas desobedeçam a lógica racional ($G+\% = 33,3\%$), ou seja, demasiadamente simplórias (G simples). Desta forma, Esdras denota ainda forte tendência a valorizar os aspectos mais fantasiosos ou abstratos, em detrimento de aspectos práticos da realidade ($D\% = 0,0\%$), o que corrobora com a hipótese de rebaixada inteligência prática e reprodutiva. Assim, a apreensão dos aspectos práticos da realidade é demasiadamente falha. Esdras apresenta alta atenção aos detalhes e seu pensamento parece ser organizado de forma a considerar as minúcias ($Dd\% = 27,7\%$), apoiando-se na racionalidade ($F\% = 70,7\%$), embora apresente prejuízo do raciocínio lógico e falhas de discernimento ($F+\% = 21,4\%$), e, tendência à contaminação na Pr.VII). Esdras apresenta um estilo de pensamento estereotipado ($A\% = 65\%$), com reduzida capacidade de apreensão da realidade consensual e juízo de realidade ($ban = 0$), com rebaixada participação no pensamento coletivo, pois tende a se enveredar por caminho que a maioria das pessoas evita. Há uma importante inibição do pensamento e tendência à contaminação ($K = 0$; $F+\% = 21,4\%$; Tendência à contaminação), que possivelmente está relacionada à baixa capacidade de controle sobre os impulsos, que será discutida adiante.

Afetividade e adaptação social

Esdras apresenta uma inibição da função introversiva ($K=0$). Apesar de demonstrar um estilo extratensivo ($K:C=0:1,5$) quando analisamos juntamente com outras variáveis (FC e RC%), estas vão em direção opostas ao extratensivo do T.R.I, significando que Esdras vivencia intenso conflito emocional e dificuldades de satisfação afetiva. Essa insatisfação parece estar ligada com a tendência de Esdras utilizar excessivamente mecanismos inibitórios, e de denegação, na tentativa de realizar uma espécie de asfixia dos afetos ($C=0$; $kob=0$; $FC:CF+C=0:0$), o que acaba culminando em depressividade ($FC':C'F+C'=0:1,5$), sentida pelo sujeito como um mal-estar subjetivo que supera o processamento agradável dos sentimentos. Além disso, há indícios acerca de grande agressividade (Conteúdos frequentes de dentes; garras; ferrões; objetos afiados), agressividade essa que pode associar-se à impulsividade e também de pensamentos persecutórios (conteúdo frequente de olhos).

Esdras demonstra pouco interesse pelo humano, baixa capacidade de identificação e empatia ($H%=0\%$). Do ponto de vista intelectual, as falhas no pensamento ($K=0$; $F+=21,4\%$; Contaminação), associados à alta de estereotipia do pensamento ($A%=65\%$) e escassa participação no pensamento coletivo ($Ban=0$) podem contribuir para processos de desadaptação. Do ponto de vista afetivo, a baixa capacidade de controlar os impulsos e asfixia da vida afetiva ($C=0$; $kob=0$; $F+=21,4\%$; $FC:CF+C=0:0$; $C:E=0:1,5$), a alta agressividade (Conteúdos frequentes de dentes; garras; ferrões; objetos afiados), todos estes dados somados indicam um incapacidade para a dimensão relacional.

Os pontos críticos indicados pela análise do protocolo envolvem as falhas nos

processos de pensamento, a alta impulsividade e agressividade, além de grandes dificuldades de identificação e empatia, que podem contribuir para os processos desadaptativos.

4.3.3 TAT

Procedimento: é um protocolo marcado pela conflitiva entre a inibição e a vivência da realidade interna. As latências são demasiadamente longas (CI-1), o que demonstra que o esforço do pensamento para uma elaboração de narrativa é intenso. A combinação de um teatralismo (B2-1), junto com certa crítica (CN-2) sobre a dificuldade de realização da tarefa sustentam o esforço para não entrar em contato com as solicitações latentes que os cartões apresentam. É muito recorrente também as perguntas lançadas ao examinador (CM-1), bem como a resistência em contar uma história (CI-1), denunciando ansiedade fóbica na fantasia de resposta ao suposto desejo do outro. Em seguida, as narrativas efetivamente começam, com anonimato dos personagens (CI-2) e ou afetos de circunstância (CF-2) ainda em um esforço de resistência para só então revelar as expressões pulsionais e as defesas contra ela (A2-4). Parece ser insuportável esse contato e então passa a haver movimentos de diferenciação entre o sujeito e o outro e a antecipação dos afetos começa a ocupar um lugar mais expressivo: então mais incidências de tendência geral a restrição (CI-1), o pensamento fica tomado nesse trabalho de evitar o contato com as conflitivas(A3-1), teatralizações (B2-1), diálogo em narrações (B1-1). E na medida em que as solicitações latentes demandam processos mais regressivos, a emergência dos processos primários, mais especialmente a utilização de projeções maciças, por meio da crueza das expressões (E2-3) e as perseverações de terminadas expressões (E2-1) dão o ar da graça e se intercalam com os procedimentos antidepressivos, por meio do apoio ao clínico (CM-1), como uma tentativa de pedido de ajuda frente à mobilização interna dos conteúdos

projetivos.

As produções se encerram de forma heterogênea, ora com retorno a evitação do conflito (CI-1), ora com representação de afetos fortes e/ou seguidas de teatralizações (B2-2/B2-1), ora com processos do pensamento, denegações (A3-1/ A2-3), ora com apoio ao clínico (CM-1), como se o analisando estivesse em busca de acomodar os efeitos que as mobilizações fantasmáticas trazidas pela tarefa lhe suscitou.

Problemáticas: Sem dúvida, o contexto edipiano mobiliza o trabalho psíquico nesse protocolo. As reativações pulsionais bem como as defesas empregadas para manejo delas são recursos fortemente utilizados nas narrativas para evitar os afetos gerados pelo complexo de castração. É possível perceber o quanto os fantasmas parricidas e incestuosos, assim como os vínculos homossexuais afetaram o sujeito mobilizando de alguma forma a emergência dos processos primários. À medida que a prova avança em temáticas mais regressivas, mais trabalho ele dispense para elaborar o enredo, o que significa que há recursos para elaboração dos fantasmas, mesmo assombrado por eles.

Existe também uma demanda narcísica de trabalho da formação identitária que, muitas vezes, se confunde com o desejo. A dimensão depressiva, a capacidade de estar só parecem estar ligadas à ideia de punição e demandam um trabalho de transformação da ideia de empobrecimento e abandono. Uma terapêutica que privilegie o manejo da imago materna arcaica, bem como seus desdobramentos pode ser uma proposta satisfatória de atendimento para esse caso.

4.3.3.1 Comentários: Relações primárias de objeto e afetos

Com esse protocolo marcado por recusa, de uma maneira geral é bem provável

que Esdras apresente falhas nos processos de simbolização, o que aumenta a possibilidade de passagem ao ato. Parece haver uma forte angústia de perda de objeto, que amplifica a raiva e a agressividade, ocultando e dificultando a provável busca de Esdras pela reparação do objeto primário perdido e o desenvolvimento de relações de dependência.

A representação de si parece ser negativa, a alta incidência de “insetos”, “animais”, ausência de representação humana, apontam para esse sentido. A análise das pranchas maternas (Pr. I; VII e IX): Na prancha I, a associação “*O besouro tem a mãozinha assim, aí tem a parte do besouro, aí tem o rabinho dele e o olho dele aqui, o ferrinho dele, o bracinho que **ele fica voando**. Isso é um canetão?*” indica uma forte busca pela relação com objeto primário. Na prancha VII: *Parece um escorpião. (v) Tem tantas que parece um sapo esses trem. Tudo diferente, é doido*. Denuncia a dificuldade de diferenciação e discernimento entre eu e o outro. A tendência à contaminação na resposta exacerba ainda mais esta dificuldade. A associação a essa prancha inicia-se após 30 segundos, sendo a seguinte de um animal peçonhento “*com ferrim aqui*”. Essa resposta revela um afeto negativo ligado à representação do ser humano. A prancha IX inicia-se da seguinte forma: “*Quê!?! (v^) esse aqui é doido. Parece escorpião de novo, é a única opção é essa, tem mais não*”. Aqui o choque produzido pela imagem colorida desestabiliza a capacidade de percepção, fazendo-o recorrer ao uso arbitrário da forma (F-), não obstante a perseveração denota a rigidez diante à evitação da representação do objeto primário. Assim, a representação humana é vista, entretanto, no inquérito ele diz “*O espeto, as pernas, o negócio dele **tipo cheirando***”. A referência ao animal agressivo e peçonhento falha em manter o congelamento das pulsões, tal como indicado pelo lapso sinestésico e sensorial, “*cheirando*”, visto que a sensação (olfato) substitui a representação. Há assim uma importante dimensão sensorial em jogo, o olfato, o que

pode indicar certa relação com o materno primário, uma vez que é o olfato uma das principais sensações que ligam o bebê a sua mãe. Neste sentido, podemos questionar sobre este resfriamento emocional, que desloca o afeto da representação, algo que Ciavaldini (2005) revela como um dos indicadores dos ofensores sexuais. Conforme postulado por Balier (2000), a imago materna deve ser bem construída no aparelho psíquico, pois caso contrário se tornarão estruturas constituídas a partir de elementos parciais e assim não vinculam os processos representativos aos afetos. Assim, os vazios impedem a criação de cadeias associativas.

A partir de um trecho na história dada ao cartão 3 RH TAT, encontramos exemplo acerca da depressividade: *Uai, os pais deve ter judiado dela^{CI-2}, aí ela vai para outro país encontrar novos amigos^{B1-2/CM-1+++}*. Retomando Balier (2000) ao comentar acerca dos atos de ofensa sexual praticado por adolescente revela que a depressividade exerce um importante papel nas ofensas praticadas pelos adolescentes, e que as agressões sexuais nesse período cumprem uma função antidepressiva.

A quantidade de conteúdos agressivos (Animais peçonhentos) nos protocolos, em especial no Rorschach, assim como na maneira violenta como agiu contra a vítima, revelam um importante aspecto envolvido na sua dinâmica, que seria o da raiva. De acordo com Balier (2000), é a falha na constituição da representação materna que contribui para a criação de pontos mortos na cadeia associativa. Assim, a imago materna sustenta todas as representações que permitem os relacionamentos objetivos posteriores. Tais falhas no processo de simbolização afeto/representação, parecem ter contribuído para a fantasia de ser excluído por algo que não lhe dão, falta essa que seria a pele, o toque e o calor materno.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho permitiu lançar um feixe de luz sobre um tema que é relatado na bibliografia com pouca abundância (Keogh, 2018), o que nos faz pensar que tal carência reflete nos dispositivos de reparação desses adolescentes, porque têm poucas pesquisas sobre o tema, pouco entendimento para lidar com essa situação de maneira adequada. Dessa forma, sinaliza o abismo entre o adolescente em conflito com a lei e os dispositivos de intervenções. Não obstante, por meio dos instrumentos projetivos e do contato amistoso com os adolescentes ao longo desta pesquisa podemos compreender que o retrado do mundo interno reverbera nos comportamentos manifestados por esses adolescentes no mundo externo.

Assim, nota-se que todos os adolescentes participantes desta pesquisa possuíam, à época das avaliações, dificuldades em seu processo de simbolização representação/afeto, o que acabava culminando na utilização maciça de defesas narcísicas, pois o objeto mediador primordial foi, de alguma forma, assimilado por estes adolescentes de maneira precária. Desse modo, a constituição de afetos integrados com representações de objeto, contribuía para que este importante componente da vida humana não se constituísse por completo e assim permanecendo inacabado (Ciavaldini, 2005).

O caso de André nos revela que seu comportamento brutal persiste à ausência de representações objetais em seu mundo interno, o que nem sequer permitiu que ele mesmo pudesse compreender a atrocidade de seu ato infracional, pois não conseguia reconhecer os afetos em suas experiências psíquicas. Em Bruno, a baixa capacidade de envolvimento com suas atitudes revelam defesas narcísicas rígidas que ora denotam

uma figura idealizada, ora denotam uma figura desvalorizada. Cleber evidencia apesar de seu semblante calmo e pacato, o que destoava do seu mundo interno que revela o descontrole diante do traumatismo e assim o ato de ofensa sexual funcionaria como uma tentativa de sobreviver psicologicamente. Nos casos de Davis e Esdras os protocolos são marcados pela raiva contra a figura materna, eles reivindicam algo que não lhes fora dado. Assim, a fúria contra o objeto primário é projetada contra objetos atualizados que transparece em alguns momentos que os atos de ofensa sexual foram impregnados por vingança.

Após trilhar esse caminho, notamos que a referida população trata-se de um grupo muito heterogêneo conforme encontrado por diversos autores (Butler & Seto, 2002; Costa et al., 2012; Keogh, 2018; Marshall & Marshall, 2000; Roman, 2004; Wolff, 2012). Identificamos com isso que as contribuições dos métodos projetivos permitiriam o planejamento de dispositivos e assim o cumprimento de medidas individualizadas de acordo com as necessidades reais de cada adolescente.

Em se tratando dos prejuízos no processo de simbolização das representações dos afetos e conseqüentemente nos modos de apego encontrados entre estes adolescentes, Balier (2000) ao elencar tais problemas de simbolização evidencia a importância de um objeto que proveria a sustentação onde ocuparia este lugar simbólico, que foi ou não, ocupado pelo mãe ou pelo pai. Apesar de possuírem tais dificuldades, ao longo dos encontros com os adolescentes foi possível perceber que reside ainda dentro deles a busca pelo contato interpessoal de uma figura tranquilizadora, continente. Isso se refere ao fato que suas representações não estariam completamente devastadas por traumatismos, mas que ainda possuem condições de manter relações transferenciais e assim possibilidades de constituição de relações objetivas internas saudáveis.

Este trabalho preocupou-se em dialogar com adolescentes ofensores sexuais para

que pudesse compreender elementos importantes do funcionamento psicodinâmico a partir da análise de suas relações primárias. Portanto, o que se encontrou foi que se trata de um tema profícuo que pode contribuir para a criação de dispositivos de intervenção. Contudo, apesar do caráter sinalizador deste trabalho, reitera-se a necessidade de mais estudos acerca desta temática. Por exemplo, os estudos a partir da ótica da teoria do apego parecem promissores para compreensões e intervenções (Keogh, 2018; Rich, 2006), assim como as obras de Winnicott (1975, 1983) que já consagradamente funcionam com excelente referencial para a prática clínica, assim como as pesquisas dos autores franceses.

REFERÊNCIAS

- Abreu Júnior, N. (2017). *Universidade Multicampi e sua gestão acadêmica: O caso da Universidade Estadual de Goiás*. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília.
- Acosta, F., & Barker, G. (2003). *Homens, violência de gênero e saúde sexual e reprodutiva: um estudo sobre homens no Rio de Janeiro/Brasil*. Rio de Janeiro: Instituto NOOS.
- Alves-Mazzotti, A. J. *O planejamento de pesquisas qualitativas em educação*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 77, p. 53-61, maio 1991.
- Amparo, D.M (2009) *La Problématique narcissique identitaire chez les adolescents agresseurs sexuels*. Conferência não publicada proferida em Lousane.
- Amparo, D.M. (2012) [et al.] *Adolescência e violência: Intervenções e estudos clínicos, psicossociais e educacionais/ organizadora*. Liber livro e Editora Universidade de Brasília.
- Anzieu, D. (2000). *O Eu-pele*. Casa do Psicólogo.
- Balier, C. (2000). *Psicoanálisis de los comportamientos sexuales violentos: una patología del inacabamiento*. Amorrortu editores.
- Benedicto, C., Roncero, D., & González, L. (2017). Agresores sexuales juveniles: tipología y perfil psicosocial en función de la edad de sus víctimas. In *Anuario de Psicología Jurídica* (Vol. 27, Issue 1, pp. 33–42).
<https://doi.org/10.1016/j.apj.2016.05.002>
- Bergeret, J. (1998). *A personalidade normal e patológica* (3ª edição). Artmed.

- Blaske, D; Borduin, C; Henggeler, S; Mann, B (1989) *Individual, Family, and Peer Characteristics of Adolescent Sex Offenders and Assaultive Offenders*.
Developmental Psychology. Doi 10.1037/0012-1649.25.5.846.
- Blos, P (1967) The second individuation process adolescent. *Journal of the psychoanalytic study of the child*.
- Boakye, K. E. (2020). Juvenile sexual offending in Ghana: Prevalence, risks and correlates. *Child Abuse and Neglect*, 101(November 2018).
<https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2019.104318>
- Bowlby, J. (1984). *Apego*. Martins Fontes.
- Bowlby, J. (1997). Formação e rompimento dos vínculos afetivos. In *Formação e Rompimento dos Laços Afetivos* (3ª edição). Martins Fontes.
- Brelet-Foulard, F., & Chabert, C. (2005). *Novo manual do TAT: abordagem psicanalítica*. Vetor.
- Butler, S. M., & Seto, M. C. (2002). Distinguishing Two Types of Adolescent Sex Offenders. *Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry*, 41(1), 83–90. <https://doi.org/10.1097/00004583-200201000-00015>
- Cardoso, M. R. (2002). Violência, domínio e transgressão. *Psychê*, VI, 161–171.
redalyc.org/articulo.oa?id=30701010
- Chorn, R, & Parekh, A, D. (1997) Adolescent Sexual Offenders: A Self-Psychological Perspective. *American journal of psychotherapy*, 51 (2), Spring.
- Costa, B, N, da S (2012). *Sexualidade e violência em famílias de adolescentes que*

cometeram ofensa sexual. 167 f.. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) Universidade de Brasília.

Chabert, C. (1997). *O Rorschach na Clínica do Adulto - Interpretação Psicanalítica*.

Climepsi.

Chabert, C. (2004). *Psicanálise e métodos projetivos*. Vetor.

Chabert, C., Louët, E., Azoulay, C., & Verdon, B. (2020). *Manuel du Rorschach et du TAT*. Dunod.

Chagnon, J.-Y. (2004). À Propos Des Aménagements Narcissico-Pervers Chez Certains Auteurs D' Agressions Sexuelles. *Psychologie Clinique et Projective*, 10(1), 147.
<https://doi.org/10.3917/pcp.010.0147>

Chagnon, J-Y (2008) Les agressions sexuelles: un aménagement des troubles narcissiques-identitaires. *Paidéia*, 18 (41), 495-515.

Chagnon, J-Y (2009). A agressão sexual na adolescência: um destino da hiperatividade? *Ágora*, XII (21), 275-290.

Chagnon, J.-Y. (2012). As agressões sexuais na adolescência. In D. M. do Amparo (Ed.), *Adolescência e violência: intervenções e estudos clínicos, psicossociais e educacionais* (pp. 57–77). Liber.

Chagnon, J-Y et al (2018). Vicissitudes de l'intégration du féminin. *Adolescence* 2018/1, 36 (1), 68-83.

Chorn, R., & Angina, P. (1997). Adolescent Sexual Offenders : A Self-Psychological Perspective. *American Journal of Psychotherapy*, 51(2).

- Ciavaldini, A. (2005). L'agir : un affect inachevé. In *L'affect* (pp. 137–161). Presses Universitaires de France. <https://doi.org/10.3917/puf.parat.2005.01.0137>
- Ciavaldini, A. (2014). MEURTRISSURE PRIMAIRE DE LA SYMBOLISATION, AFFECT INACHEVÉ ET AGIR VIOLENT SEXUEL. In *Formes primaires de symbolisation* (pp. 43–54). Dunod.
- Costa, L. F., Junqueira, E. L., Meneses, F. F. F., Stroher, L. M. C., & De Moura, M. G. (2012). Construindo conhecimento sobre o adolescente que cometeu ofensa sexual. *Contextos Clínicos*, 5(2), 112–120. <https://doi.org/10.4013/ctc.2012.52.05>
- Costa, L. F., Junqueira, E. L., Ribeiro, A., & Meneses, F. F. F. (2011). “Ministério da obrigação adverte”: É preciso proteger os adolescentes ofensores sexuais. *Avances En Psicologia Latinoamericana*, 29(1), 33–46.
- Costa, L. F., Penso, M. A., Conceição, M. I. G., & Carreteiro, T. C. O. C. (2017). Transmissão Geracional Familiar em Adolescentes que Cometeram Ofensa Sexual. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 37(4), 995–1010. <https://doi.org/10.1590/1982-3703004722016>
- Dalbem, J. X., & Dell’Aglío, D. D. (2005). Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 57(1), 12–24.
- Davis, G. E., & Leitenberg, H. (1987). Adolescent sex offenders. *Psychological Bulletin*, 101(3), 417–427. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.101.3.417>
- Dejonghe, M., Malempré, M., & Richelle, J. (2007). Apport du test de Rorschach dans l'évaluation diagnostique et pronostique d'adolescents auteurs d'infractions à

caractère sexuel. *Psychologie Clinique et Projective*, 13(1), 347.

<https://doi.org/10.3917/pcp.013.0347>

Domingues, D. F., & Costa, L. F. (2017). Adolescentes que Cometeram Ofensa Sexual:

Análise Documental em Processos Judiciais. *Pensando Famílias*, 21(2), 15–27.

Emmanuelli, M., & Azoulay, C. (2008). *As técnicas projetivas na adolescência:*

abordagem psicanalítica. Vetor.

Ertl, M.A., & McNamara, J.R. (1997). Treatment of Juvenile Sex Offenders: A

Review of the Literature. *Child and Adolescent Social Work Journal*, 14, 199-221.

Fenichel, O. (2000). *Teoria psicanalítica das neuroses*. Editora Atheneu.

Ferenczi, S. (2011). *Transferência e introjeção*. In Obras completas Psicanálise I.

Martins Fontes.

Freitas, F. R. (2016). Método de Rorschach em adultos: evidências psicométricas

da Escola Francesa. Universidade de São Paulo.

Freud, S (2006). *Romances familiares*. In Obras psicológicas completas de Sigmund

Freud. Imago. (Obra original publicada em 1908)

Freud, S (2006). *Sobre o narcisismo: uma introdução*. In Obras psicológicas

completas de Sigmund Freud. Imago. (Obra original publicada em 1914).

Freud, S (2006). *Para além do princípio do prazer*. In obras psicológicas completas de

Sigmund Freud. Imago. (Obra original publicada em 1920)

Freud, S (2006). *Sexualidade feminina*. In Obras psicológicas completas de Sigmund

Freud. Imago. (Obra original publicada em 1931).

- Gamache, D., Diguer, L., Laverdière, O., & Rousseau, J. P. (2014). Adolescent sex offending: Relationships between personality organization dimensions and offense characteristics. *Evolution Psychiatrique*, 79(4), 725–738.
<https://doi.org/10.1016/j.evopsy.2014.01.003>
- Garb, H. N., Wood, J. M., Lilienfeld, S. O., & Nezworski, M. T. (2005). Roots of the Rorschach controversy. *Clinical Psychology Review*, 25(1), 97–118.
<https://doi.org/10.1016/j.cpr.2004.09.002>
- Gil, A. C. (2017). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Atlas.
- Gilliéron, E. (2004). *Introdução as psicoterapias breves*. Martins Fontes.
- Governo do Distrito Federal (2013) *Perfil e percepção social dos adolescentes em medida socioeducativa no Distrito Federal*. Secretaria de Estado da Criança.
- Governo do Distrito Federal (2018) *Anuário do atendimento socioeducativo inicial no núcleo de atendimento integrado-NAI/UAI-DF 2017*. Brasília.
- Green, A. (1982). *O Discurso vivo: a conceituação psicanálitica do afeto*. Francisco Alves.
- Hunter, J, A; Figueredo, A; Malamuth, N; Becker, J (2003). Juvenile Sex Offenders: Toward the Development of a Typology. *Sexual abuse: a journal of research and treatment*. DOI -10.1023/A:1020663723593.
- Husain, O. (1991) Sélection de l'échantillon en recherche projective : pour une défense du groupe unique à faible visibilité groupale. *Bulletin de Psychologie*, 402, pp. 465-468.

- Instituto Sou da Paz. (2018) *Aí eu voltei para o corre – estudo da reincidência infracional do adolescente no estado de São Paulo*. São Paulo.
- Jardim Maran, M. L. C. (2011). *O Psicodiagnóstico de Rorschach em adolescentes normas e evidências de validade* [Universidade de São Paulo].
<http://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/pte-50748>
- Jeammet, P & Corcos, M. (2005). *Novas problemáticas da Adolescência: evolução e manejo da dependência*. Casa do Psicólogo.
- Jesus, G. N. (2017). *Adolescentes autores de homicídio e a perda de objeto no tat (escola de paris)*. Universidade de Brasília-UnB.
- Kemper, T. S., & Kistner, J. A. (2007). Offense history and recidivism in three victim-age-based groups of juvenile sex offenders. *Sexual Abuse: Journal of Research and Treatment*, 19(4), 409–424. <https://doi.org/10.1007/s11194-007-9061-4>
- Keogh, T. (2018). *The Internal world of the juvenile sex offender: Through a glass darkly then face to face* (Forensic P). R Kernberg, O, F. (1995) *Agressão nos transtornos de personalidade e nas perversões*. Artmed.
- Klein, M. (1952). The origins of transference. In *The writings of Melanie Klein*. Karnac Books, 1992. Outledge.
- Långström, N., Grann, M., & Lindblad, F. (2000). A preliminary typology of young sex offenders. *Journal of Adolescence*, 23(3), 319–329.
<https://doi.org/10.1006/jado.2000.0317>
- Laplanche, & Pontalis. (1998). *Vocabulário de psicanálise*. Martins Fontes.

- Leclerc, B & Tremblay, P. (2007). Strategic Behavior in Adolescent Sexual Offenses Against Children: Linking Modus Operandi to Sexual Behaviors. *Sex Abuse* 19, 23-41. DOI 10.1007/s11194-006-9034-z
- Lelé, Á. J. (2018). Teste de Apercepção Temática (TAT) Abordagem da Escola de Paris. In *Avaliação psicológica da inteligência e da personalidade*. Artmed.
- Lewkowicz, A. B., & Brodacz, G. (2015). Abordagem psicodinâmica na adolescência. In *Psicoterapia de orientação analítica: fundamentos teóricos e clínicos*. Artmed.
- Lilienfeld, S. O., Wood, J. M., & Garb, H. N. (2000). The Scientific Status of Projective Techniques. *Psychological Science in the Public Interest*, 1(2), 27–66.
<https://doi.org/10.1111/1529-1006.002>
- Mahler, M. (1982). *O processo de separação-individuação*. Artmed
- Margari, F., Lecce, P. A., Craig, F., Laforteza, E., Lisi, A., Pinto, F., Stallone, V., Pierri, G., Pisani, R., Zagaria, G., Margari, L., & Grattagliano, I. (2015). Juvenile sex offenders: Personality profile, coping styles and parental care. *Psychiatry Research*, 229(1–2), 82–88. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2015.07.066>
- Marshall, W. L., & Marshall, L. E. (2000). THE ORIGINS OF SEXUAL OFFENDING. *Trauma, Violence & Abuse*, 1(3), 250–263.
www.jstor.org/stable/26636268
- Martins, J. de S. (2015). *Linchamentos: justiça popular no Brasil*. Contexto.
- Marty, F. (2006). Adolescência, violência e sociedade. *Ágora*, 9(1), 119-131.
- Marty, F. (2012) A função do agir na adolescência. In D. M. Amparo et al. (Orgs.).

Adolescência e violência: intervenções e estudos clínicos, psicossociais e educacionais (pp. 19-31). Brasília: Editora UnB.

McCuish, C. E. & Lussier, P. (2017). *Unfinished stories: From juvenile sex offenders to juvenile sex offending through a developmental life course perspective*. Avb.

Melo Filho, J. (1989). *O ser e o viver: uma visão da obra de Winnicott*. Artmed

Nucci, G. de S. (2014). *Código penal comentado: estudo integrado com processo de execução penal: apresentação esquemática da matéria* (14th ed.). Forense.

Ogden, T. H. (2017). *A matriz da mente: relações objetais e o diálogo psicanalítico*. Blucher.

Okino, E. T. K., Loureiro, S. R., & Pasian, S. R. (2019). Entrevista psicológica no contexto clínico. In *Compêndio de avaliação psicológica*. Vozes.

Parks, G. A., & Bard, D. E. (2006). Risk factors for adolescent sex offender recidivism: Evaluation of predictive factors and comparison of three groups based upon victim type. *Sexual Abuse: Journal of Research and Treatment*, 18(4), 319–342.
<https://doi.org/10.1007/s11194-006-9028-x>

Pasian, S. R. (2010). *O Psicodiagnóstico de Rorschach em adultos: atlas, normas e reflexões*.

Pasian, S. R., & Amparo, D. M. do. (2018). O método de Rorschach na perspectiva da Escola de Paris (Escola Francesa). In *Avaliação psicológica da inteligência e da personalidade*. Artmed.

Penso, M. A., Costa, L. F., Cristina, T., & Cordeiro, O. (2013). As mães dos

adolescentes que cometeram ato infracional social e de natureza sexual.

Interacções, 9(25), 151–179.

Pincolini, A. M. F.; Hutz, C. S. (2014) Abusadores sexuais adultos e adolescentes no sul do Brasil: pesquisa em denúncias e sentenças judiciais. *Temas psicol.* 22 (2), 301-312. <http://dx.doi.org/10.9788/TP2014.2-03>.

Pullman, L. E., Leroux, E. J., Motayne, G., & Seto, M. C. (2014). Examining the developmental trajectories of adolescent sexual offenders. *Child Abuse & Neglect*, 10. <https://doi.org/10.1016>

Ramires, V. R. R., & Schneider, M. S. (2010). Revisitando alguns conceitos da teoria do apego: comportamento versus representação? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(1), 25–33. <https://doi.org/10.1590/s0102-37722010000100004>

Reis, D. C. dos, & Cavalcante, L. I. C. (2018). Autor de agressão sexual de criança / adolescente : uma caracterização da produção sobre o tema. *Ciências & Cognição*, 23(2), 263–276.

Rich, P. (2006). Attachment and Sexual Offending: Understanding and Applying Attachment Theory to the Treatment of Juvenile Sexual Offenders. In *Attachment and Sexual Offending: Understanding and Applying Attachment Theory to the Treatment of Juvenile Sexual Offenders*. John Wiley & Sons Ltd. <https://doi.org/10.1002/9780470713556>

Righthand, S., Prentky, R., Knight, R., Carpenter, E., Hecker, J. E., & Nangle, D. (2005). Factor structure and validation of the Juvenile Sex Offender Assessment Protocol (J-SOAP). *Sexual Abuse: Journal of Research and Treatment*, 17(1), 13–30. <https://doi.org/10.1007/s11194-005-1207-7>

- Roman, P. (2004). La violence sexuelle et le processus adolescent. Dynamique des aménagements psychiques, des auteurs aux victimes de violence sexuelle. L'apport des méthodes projectives. *Psychologie Clinique et Projective*, 10(1), 113.
<https://doi.org/10.3917/pcp.010.0113>
- Roman, P., & Melchiorre, M. (2015). Contribution des épreuves projectives à l'évaluation des processus de changement chez les adolescents auteurs de violence sexuelle. *Psychologie Clinique et Projective*, 21(1), 195.
<https://doi.org/10.3917/pcp.021.0195>
- Roman, P & Ravit M (2006). La violence sexuelle dans la famille et la mise à l'épreuve des liens fraternal. *Cahiers de psychologie clinique*, 27(2), p. 11-26.
DOI : 10.3917/cpc.027.26.
- Roman, P. (2011). Les agirs sexuels violents des adolescents : Une approche clinique et criminologique. In M. Tardif (Éd.), *L'agression sexuelle : Transformations et paradoxes*, Cifas 2009. Textes choisis, (pp. 284-306). Montréal : Cifas-Institut Philippe-Pinel de Montréal
- Romano, R. T. (2017). Estupro sem contato físico. *Jus Navigandi*.
jus.com.br/artigos/60242
- Salazar Muñoz, M., Álvarez Vivar, L., & Pérez-Luco Arenas, R. (2016). Instrumentos para la valoración del riesgo de violencia sexual en ofensores sexuales adolescentes: evidencias de validez en países de América Latina TT - Instruments for the appreciation of the sexual violence risk in adolescent sexual offenders: validit. *Revista Criminalidad*, 58(3), 87–99.
http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1794-

31082016000300008&lang=pt%0Ahttp://www.scielo.org.co/pdf/crim/v58n3/v58n3a08.pdf

- Sanderson, C. (2005). *Abuso sexual em crianças: Fortalecendo pais e professores para proteger crianças contra abuso sexual e pedofilia*. M Books.
- Seto, M. C., & Lalumière, M. L. (2010). What Is So Special About Male Adolescent Sexual Offending? A Review and Test of Explanations Through Meta-Analysis. *Psychological Bulletin*, 136(4), 526–575. <https://doi.org/10.1037/a0019700>
- Sitney, M. H., & Kaufman, K. L. (2020). The impact of disrupted caregiving for juvenile sexual offenders. *Journal of Sexual Aggression*, 26(2), 274–287. <https://doi.org/10.1080/13552600.2019.1618933>
- Souza, C. de M., & Adesse, L. (2005). *Violência sexual no Brasil: perspectiva e desafios*. Secretária Especial de Políticas Públicas para mulheres.
- Stake, R. E (2011) *Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam*. Penso.
- Trautenberg, N. R. de. (1998). *A prática do Rorschach*. Vetor.
- Turato, E. R. (2000). Introdução à metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: definições e principais características. *Revista Portuguesa de Psicossomática*, 2(1), 93-108.
- Vale, A. L. A., & Cardoso, M. R. (2017). Domínio e passividade na economia psíquica de agressores sexuais. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 69(2), 207–217.
- Van Gogh, V. (1997). *Cartas a Théo*. L&PM Pocket.

- Viodres Inoue, S. R., & Ristum, M. (2008). Violência sexual: caracterização e análise de casos revelados na escola. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25(1), 11–21.
<https://doi.org/10.1590/s0103-166x2008000100002>
- Winnicott, D. (1975). *O Brincar e a Realidade*. Imago.
- Winnicott, D. W. (1982). *A criança e o seu mundo*. LTC.
- Winnicott, D. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Artmed.
- Winnicott, D. (2000). *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Imago.
- Winnicott, D. (2005). *Privação e delinquência*. Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1982). *A criança e o seu mundo*. LTC.
- Wolff, L. D. S. (2012). *ADOLESCÊNCIA E PASSAGEM AO ATO SEXUAL VIOLENTO : ANÁLISE DO EIXO NARCÍSICO-IDENTITÁRIO NO MÉTODO DE RORSCHACH*. Universidade de Brasília-UnB.
- Wolff, L. D. S., Amparo, D. M. do, Oliveira, R. M. de, & Chagnon, J. Y. (2016). Problemática narcísica-identitária em adolescentes abusadores sexuais: Contribuições do Rorschach Escola de Paris. *Avaliacao Psicologica*, 15(3), 318–326. <https://doi.org/10.15689/ap.2016.1503.04>
- Worling, J.R. (2001) *Personality-Based Typology of Adolescent Male Sexual Offenders: Differences in Recidivism Rates, Victim-Selection Characteristics, and Personal Victimization Histories*. *Sex Abuse*. 13(3), 149-166.
<https://doi.org/10.1023/A:1009518532101>

ANEXO I

TERMO DE ASSENTIMENTO

Você está sendo convidado (a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “**As relações primárias de objeto em adolescentes ofensores sexuais**”. Neste estudo pretendemos compreender como se manifesta o processo de constituição das relações primárias de objeto em adolescentes ofensores sexuais em métodos projetivos.

O motivo que nos leva a estudar esse assunto é poder contribuir para futuras pesquisas com este tema, para o conhecimento e o manejo de casos de agressões sexuais, e construir um embasamento científico que possa auxiliar profissionais da Área da Saúde.

Para este estudo adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s): Entrevistas e uso de testes projetivos.

Para participar deste estudo, o responsável por você deverá autorizar e assinar um termo de consentimento. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em qualquer aspecto que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. O responsável por você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta risco de haver algum tipo de desconforto para o participante pelos temas a serem abordados. Apesar disso, você tem assegurado o direito a ressarcimento ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa, bem como acompanhamento psicoterapêutico ao longo da pesquisa ou posterior ao final.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a permissão do responsável por você. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de assentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, _____, fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma cópia deste termo assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Brasília, ____ de _____ de 20____ .

Assinatura do menor

Assinatura do(a) pesquisador(a)

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

PESQUISADOR(A) RESPONSÁVEL: OLIVIO ISRAEL COSTA

FONE: (61) 9999805020 / E-MAIL: deise.amaparo.matos@gmail.com

ANEXO II

PROCEDIMENTOS TÉCNICOS PARA COLETA DE DADOS



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA

Procedimentos Técnicos para coleta de dados.

Os procedimentos adotados para realização desta pesquisa são entrevista (VIDE ROTEIRO) Teste de Rorschach e Teste de Apercepção Temática (TAT), no caso dos dois últimos instrumentos não foi possível apresenta-los, por se tratar de instrumentos de uso restrito do profissional de psicologia, portanto padronizado, ademais compostos de manchas de tinta no caso do Rorschach e imagens como fotos, desenhos no caso do TAT, diante de aspectos legais e de limitações físicas, nota-se a inviabilidade de reprodução e/ou divulgação deste material.

ROTEIRO DE ENTREVISTA TEMÁTICO COM O ADOLESCENTE

1.IDENTIFICAÇÃO:

Idade:

Sexo:

Escola que estuda:

Série:

Local do nascimento:

Renda familiar:

Unidade de Atendimento:

As entrevistas serão realizadas seguindo esse roteiro temático. As questões detalhadas são para orientar o entrevistador mas não devem servir como um roteiro fechado.

Informar ao adolescente: “Estamos fazendo uma pesquisa e sua participação é fundamental, lembramos que suas informações serão mantidas em sigilo”.

Muito Obrigado(a).

2.ESCOLA E PERSPECTIVA DE FUTURO

Se estuda e em quais escolas estudou? Teve mudanças de escola, Porque? Como é a sua frequência escolar? Gosta da escola? Como é a convivência com os colegas de escola? Quais as atividades que participa? O que mais gosta na escola? Como é seu comportamento na escola? Você já fez algum curso técnico ou profissionalizante? Quais os seus planos e o



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA

que pensa para o futuro? Pretende continuar estudos? Pretende trabalhar? Tem algum ideal de estudo ou profissional?

3.SAÚDE

Você já teve algum problema grave de saúde? Você alguma vez recebeu atendimento psicológico ou psiquiátrico? Já tomou algum remédio para problemas nervosos? Você é muito agitado? Você já ficou muito triste ou se sentiu em situação de abandono? Alguém da sua família já teve problemas mentais? Quem?

4.VIDA FAMILIAR

Você vive com seus pais naturais? Com quem você vive? Como foi sua infância e adolescência com a família? Quais as idades das pessoas que convivem com você? Como é sua vida em família? Como é a convivência com seus pais? Eles são carinhosos e protetivos? Eles são agressivos? Já se sentiu abandonado ou agredido em casa? Há situações de conflitos com agressões em família? Os seus pais tem muita influência sobre você? Com quem se sente mais ligado, com quem mais se identifica (com quem tem mais relação de confiança, em quem se apoia)? Por que? O que seus pais fazem para sobreviver? Eles convivem bem? Eles brigam ou se agredem fisicamente? Eles alguma vez se separaram? De que maneira isso lhe afetou? Você tem irmãos? Como é seu relacionamento com eles? Você já viveu alguma situação de violência ou traumática na família? Como aconteceu?

5.REGRAS E LIMITES

Na sua casa as coisas são tratadas com rigor ou severidade? Tem muitas regras? Você já quebrou as regras (mentiras, fugas, roubos etc.)? Quando você se lembra de ter quebrado? Por quê? Como você foi punido? Alguém da sua família teve problemas com a lei? Quem? O que aconteceu?

6.RELACIONAMENTO COM AMIGOS

Você tem amigos? De voce os conhece? O que amizade para você? Como é seu relacionamento com eles? Tem algum amigo especial? O que faz junto com eles? Costuma



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA,
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA

fazer suas atividades sozinho ou em grupo? Costuma se divertir sozinho ou em grupo? Como se sente com os amigos? Tem confiança neles? Eles tem confiança em você? Acha que pode contar com eles? Em que situação? Já recebeu ajuda de algum deles? Em que situação? Já fez alguma coisa junto com eles que levou a problemas com a lei? Como foi? Que consequências teve? Você já viveu alguma situação de violência ou traumática com seus amigos? Como aconteceu?

7.RELACIONAMENTOS AFETIVOS

Você já teve relacionamentos afetivos? Quantos? Você teve algum(a) namorado(a) "firme"/sério? Fale um pouco sobre esses relacionamentos e como se sentia neles? Você se envolveu afetivamente? Como eram os relacionamentos? Quanto tempo duravam? O que fazia que eles acabassem? Já se sentiu triste em função dos terminos? Você já viveu algumas situações traumáticas ou de violência em seus relacionamentos afetivos? Como aconteceu?

8.SOBRE LARES ALTERNATIVO(S) E SITUAÇÃO DE ABANDONO

Você já esteve em instituições em abrigos ou em situação de rua? O que fez você ir para lá? Como era sua vida lá? Como era a convivência com as pessoas? Havia muitas regras? Você quebrava estas regras com frequência (mentiras, fugas, roubos etc.)? Idade(s)? Por quê? Como você era punido? Você já teve algum tipo de situação de abuso físico ou emocional nessas instituições ou na rua?

9.SOBRE INSTITUIÇÕES DE APOIO

Você já foi ajudado ou pediu ajuda à instituição (igreja, associação de bairro, comunidade, conselho tutelares)? Em que circunstância isso aconteceu? Você encontrou ajuda? Como se sentiu?

10.USO DE ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS

Você bebe (ingere bebida alcoólica) ou usa drogas? Que tipo? Desde que idade? Por que você usava drogas, como estimulante, fuga, para relaxar, descontração, divertimento etc.? A bebida ou as drogas interferiram ou prejudicaram sua vida? Você já fez algo perigoso ou



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA

arrumou problemas quando embriagado ou drogado (dirigir sem condições, brigas, apreensão, detenção etc.)? Você já cometeu loucuras ou atos perigosos para se divertir? Você já arrumou brigas, envolvendo-se em lutas ou agressões físicas? Alguma vez ficou descontrolado? Como a sua família reagiu ao seu uso de droga? Você já participou de algum programa de prevenção / atendimento? O que achou? Alguem da sua família já teve problemas com uso de álcool ou drogas?

11.COMPORTAMENTO ANTI-SOCIAL NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA

Quando você era criança fazia tumultos, rebeliões, arrumava encrencas fora do ambiente escolar ou nos arredores da escola (atos de vandalismo, atear fogo, machucar animais por brincadeira ou divertimento, roubo, furto etc.)? O que você costumava fazer? Qual era a frequência? Idade(s)? Alguma vez foi pego? Qual foi o castigo? Isso lhe afetou? Qual foi a reação que sua família teve quando voce teve problemas com a lei?

Quando aconteceu seu primeiro problema com a lei? O que levou ao cumprimento de medidas? Quais as medidas que você já passou? Você estava usando drogas? O que fez? Estava sozinho ou em grupo? Você se sente culpado? A quem atribui a culpa? O que poderia ajudá-lo a ficar longe dessas situações? Quais as conseqüências do ato que cometeu? O que você sente em relação às conseqüências do ato que cometeu? Você está arrependido? Você geralmente comete esses atos por impulso ou não? Você conta muitas mentiras?

12.AUTOIMAGEM E PERSPECTIVAS

O que você acha de si mesmo? Como é sua auto-estima? Classifique sua auto-imagem numa escala de zero a dez. Qual foi a sua maior tristeza ou decepção? Qual foi a sua maior alegria? Você está satisfeito com a sua vida até agora? Está faltando alguma coisa na sua vida? O que? Tem algum aspecto da sua vida que precisa ser melhorado? Quais as suas perspectivas apra o futuro? O que você gosta de fazer para se divertir? Tiveram coisas que foram positivamente marcantes em sua vida?

13.COMPLEMENTE ESSAS FRASES:

Eu sou

Os outros me vêem como....



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA

O que mais gosto em mim é... e no meu corpo é...

O que menos gosto em mim é... e no meu corpo é...

Se eu pudesse mudar algo em mim seria...

**14.FAÇA UM DESENHO QUE REPRESENTA VOCÊ E OUTRO QUE
REPRESENTA A SUA FAMÍLIA**

ANEXO III

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: As relações primárias de objeto em adolescentes ofensores sexuais.

Pesquisador: Olivio Israel Costa

Área Temática:

Versão: 3

CAAE: 18658319.6.0000.5540

Instituição Proponente: Instituto de Psicologia - UNB

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.754.667

Apresentação do Projeto:

Projeto já avaliado pelo colegiado.

Objetivo da Pesquisa:

Projeto já avaliado pelo colegiado.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Projeto já avaliado pelo colegiado.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Projeto já avaliado pelo colegiado.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Projeto já avaliado pelo colegiado.

Recomendações:

Projeto já avaliado pelo colegiado.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Em avaliação anterior, o colegiado deliberou pela existências de duas pendências:

1. Inclusão do contato do CEP no termo de assentimento. Pendência resolvida.
2. Descrição do processo de recrutamento dos adolescentes. Quanto a este ponto, o pesquisador inseriu a seguinte informação:

"Em se tratando dos participantes para realização desta pesquisa, pretende-se realizar com

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 3.754.667

participantes de 12 a 21 anos, em cumprimento de medida socioeducativa ou semiliberdade em instituições de internação do Distrito Federal e de Anápolis-GO. Será respeitada a vontade do adolescente em contribuir com a pesquisa, diante disso a escolha do participante será feita pela equipe técnica responsável de cada instituição, diante do escopo teórico utilizado pela pesquisa será priorizado os adolescentes mais jovens, bem como resguardando sigilo ético profissional, seguindo conformidade com as normas das unidades socioeducativas e do Estatuto da Criança e do Adolescente".

Pendência resolvida.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1400547.pdf	20/11/2019 15:20:00		Aceito
Cronograma	Cronograma.docx	20/11/2019 15:19:19	Olivio Israel Costa	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	cep_CHS_modelo_tcle_revisadonovo.doc	20/11/2019 15:18:06	Olivio Israel Costa	Aceito
Outros	revisao_etica2.docx	07/10/2019 09:30:58	Olivio Israel Costa	Aceito
Outros	instrumento.pdf	06/08/2019 19:02:48	Olivio Israel Costa	Aceito
Outros	carta_encaminhamento.pdf	06/08/2019 10:25:29	Olivio Israel Costa	Aceito
Outros	autorizacao.pdf	30/07/2019 17:35:50	Olivio Israel Costa	Aceito
Outros	autorizacao_Olivio_tj.pdf	30/07/2019 17:35:18	Olivio Israel Costa	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_plataforma.doc	30/07/2019 17:27:48	Olivio Israel Costa	Aceito
Folha de Rosto	Folhaderosto.pdf	30/07/2019 17:13:12	Olivio Israel Costa	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE CEP: 70.910-900
UF: DF Município: BRASÍLIA
Telefone: (61)3107-1592 E-mail: cep_chs@unb.br

UNB - INSTITUTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS E
SOCIAIS DA UNIVERSIDADE



Continuação do Parecer: 3.754.667

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

BRASILIA, 09 de Dezembro de 2019

Assinado por:
Luciana Stoimenoff Brito
(Coordenador(a))

Endereço: CAMPUS UNIVERSITÁRIO DARCY RIBEIRO - FACULDADE DE DIREITO - SALA BT-01/2 - Horário de
Bairro: ASA NORTE **CEP:** 70.910-900
UF: DF **Município:** BRASILIA
Telefone: (61)3107-1592 **E-mail:** cep_chs@unb.br